

LUANDA

A Metrópole do Século XXI?

Gonçalo de Albuquerque Guimarães

Orientador, Prof. Dr. Joaquim Moreno

EDITAL

O autor assinala que a escrita foi efectuada mediante o antigo acordo ortográfico.

Todas as citações foram livremente traduzidas pelo autor, e as originais estão devidamente assinaladas em nota de rodapé.

As imagens cartográficas que não estão orientadas a Norte, têm a sua orientação devidamente assinaladas.

Agradecimentos

À Iperforma e Soapro, pelo tempo e material disponibilizados para a concretização da dissertação, em especial ao Eng. Quintã, pela mútua paixão por Angola.

Ao Dr. Joaquim Moreno, meu orientador, pela dedicação e clarividência emprestadas.

Ao Guimas, pela infinita presença enquanto pai e amigo.

À Salomé, minha mãe, por me ensinar a compreender a Luz.

Ao Pedro e Hugo, meus irmãos, pelo exemplo de perfeição.

Ao Bando, pela partilha da vida.

À Banda, por ser casa.

Introdução

A Cidade (do) Capital pág. 13
objecto - objectivo - estrutura e metodologia

1. As cidades globais

pág. 17

1.1. Origens e forma de acção

pág. 17

A mundialização do capital não é uma história recente

A industrialização: mecanismo de produção-consumo

Da cidade industrial á cidade global

1.2. Desenvolvimento ou globalização? O caso de São Paulo

pág. 34

2. Luanda, o caso de estudo

pág. 43

2.1. Legado Urbano

pág. 45

O mercado esclavagista, século XVI a XIX

Na sombra do progresso industrial, século XIX a XX

O urbanismo dos filhos bastardos do Estado Novo

A muralha da guerra civil

2.2. Caracterização Socioespacial

pág. 58

O território

Crescimento e densidade populacional

Uma visão social do espaço

Uma visão urbana do espaço

3. Sintomas de cidade global

pág. 100

Reflexões

pág. 124

Luanda, uma cidade global?

A arquitectura e urbanismo, instrumentos da acção globalizante

Bibliografia

Crédito de Imagens

Introdução

A Cidade (do) Capital

“Luanda, a cidade mais cara do mundo!”

Esta afirmação foi o ponto de partida para o exercício, definindo por si só um objecto (cidade) e um contexto (mundo). Já existia a necessidade de materializar sob forma de discurso um conjunto de percepções, tornadas ideias, e que se foram desenvolvendo ao longo do percurso académico sobre o objecto Luanda. Foi a hipótese de consolidar dois tipos de conhecimento: o empirismo de ter Luanda como casa, do qual o autor é habitante e a vê como tal, e a ciência de exercitar a visão, para observar e pensar o objecto mediante várias distâncias e perspectiva.

As distâncias permitem entender a configuração do objecto, ora em parte (s), ora na sua totalidade, e, com maior afastamento, o contexto onde está inserido. A perspectiva surge enquanto escolha de uma direcção e sentido á observação. O campo teórico sobre as cidades contemporâneas é vasto, pelo que apoiar-me sobre um conceito de cidade como contexto, foi o mecanismo criador de um fio condutor para aquelas percepções, tornadas ideias. Tais percepções revelaram-se úteis mas por vezes erradas. Foi a verificação de que a visão estava a ser apurada, e assim, o objecto ganhava maior nitidez, melhor visibilidade, e outra percepção.

Reflectir sobre Luanda dar-me-ia conteúdo, e levar-me-ia tempo excessivo para o espaço curto de dissertar. Assim, este trabalho é um ponto de partida para a compreensão do homem, num espaço, e com capital, e como estas três peças criam a realidade urbana de um aglomerado.

Os seis anos ausente de Luanda, distanciaram-me da cidade e das suas rotinas. Permitiram-me vestir a pele do estrangeiro remetendo para o inconsciente a personalidade de quem a habitou. Desse estado de espírito neutro e imparcial, voltar a experienciar Luanda ainda que por um mês, não só foi uma obrigação – pelo carácter da dissertação em causa – como foi prazeroso, constatar que a pele de estrangeiro que algures em mim, quase tomou o corpo mental por inteiro, nada mais foi que uma posição defensiva e de salvaguarda das memórias, dos cheiros, das pessoas, das esquinas, de tudo o que dá forma a atmosfera da cidade. Para que estas não morressem na hipoderme e pudessem existir uma vez mais, á superfície da pele, teriam de ser vividas e regeneradas.

Assim, Luanda surgiu aos meus olhos.

Os novos tempos atribuíram-lhe uma face maquilhada que não esconde as linhas da sua feição, deram-lhe um corpo crescido sem perder os traços da sua sensualidade, e o seu vestido de edifícios altos, feitos da luz de um céu vazio de estrelas, revela

o fetiche desses tempos pela moda, que une *o corpo vivente ao mundo inorgânico*.¹ Constatei que a identidade da cidade não mais é feita por quem a vive, mas por quem a controla como *a prostituta que é a um tempo vendedora e mercadoria*.²

Objecto de Estudo_ Esta dissertação estuda a cidade de Luanda no virar do século XX para o século XXI, perante as exigências de um mundo que se quer mais global. Questiona-se, assim, o quão dependente será a cidade perante esta ordem global, e de que modo essa dinâmica social e económica dita e coordena a acção arquitectónica e urbanística.

Objectivo_ Procura-se atingir com este trabalho um entendimento sobre as relações que se estabelecem no território luandense, entre exigências e dinâmicas de um mundo globalizado em confronto com as necessidades e esperanças de uma cidade e sociedade, que no virar de uma página negra da sua história, encontra-se “aberta” ao progresso e desenvolvimento em pleno século XXI. Dentro deste estudo, e de modo subentendido, está também o desejo de enquadrar o papel do arquitecto perante o seguinte paradigma: que a arquitectura não é apenas uma disciplina da organização do espaço mas, também, uma plataforma multidisciplinar para a compreensão da sociedade.

Estrutura e Metodologia_ Procurou-se resolver este trabalho através de uma acção tripartida.

A primeira tem como base a investigação. No primeiro capítulo indaga-se sobre a origem e o funcionamento das cidades globais, apoiado na observação da cidade de São Paulo - um elemento exterior ao caso de estudo - para se perceber as duas faces deste conceito geopolítico. No segundo capítulo, a investigação aborda a História urbana de Luanda em estrita relação com as dinâmicas sociais, políticas e económicas que o condicionaram.

A segunda acção parte da observação, onde se pretende, no segundo capítulo, decodificar as principais características de Luanda: a caracterização do território, da massa populacional, assim como do seu espaço social e urbano. No terceiro capítulo observam-se os possíveis sintomas da acção globalizante no território, e de que forma se apropriam da acção arquitectónica/urbanística.

1 BENJAMIN, Walter - *Paris, A Capital do século XIX*, in FORTUNA, Carlos - *Cidade, Cultura e Globalização*, Celta, Oeiras, 1997, p.72

2 Id. *Ibid.*, p.75

A última acção entende-se como um acto crítico sobre os conceitos estudados ao longo do trabalho.

Através de um cruzamento de informações escritas, pictóricas e outras de origem empírica, as *reflexões* são a consolidação destas três fontes de conhecimento e o espaço para a execução de uma narrativa pessoal.



Globalization

1. As cidades globais

(...) o fenómeno da “cidade-global” pode mais ser, na realidade dos países subdesenvolvidos, um instrumento para a imposição de uma economia urbana de mercado, que exacerba ainda mais a situação de desigualdade social, precariedade no emprego e segregação espacial.

João Sette Whitaker Ferreira

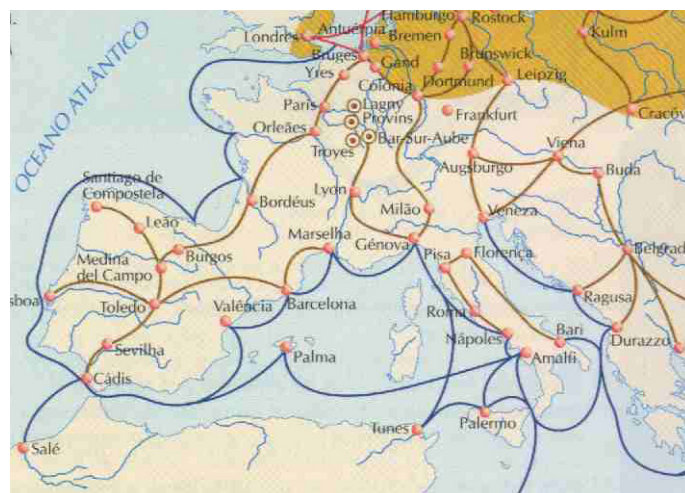


fig. 1 - Web. Rotas e escalas de comércio do mediterrâneo, século XIII.

1.1. Origens e forma de acção

A existência do conceito cidade global, apenas é possível perante o entendimento do caminho humano enquanto uma constante evolutiva, não aleatória, e sim com um propósito unitário. O meio para atingir este objectivo, mais evidente ou oculto, está na superação dos condicionalismos culturais, nacionalistas – sintomas do pensamento humano com origem nas formas tribais das antigas sociedades – para que a raça humana finalmente se imponha no planeta enquanto uma comunidade global, e não aquela fraccionada e limitada a grupos sociais e espaciais divergentes e por isso conflituosos.¹

No entanto, certas condições particulares do funcionamento das sociedades permitiram e têm permitido os sucessivos estágios deste progresso civilizacional. Os fenómenos económicos e o rápido desenvolvimento tecnológico do último século, permitiram a criação de um espaço virtual de interacção entre cidades, formando uma rede económica mundial que opera fora dos âmbitos estaduais.

Assim, para que nos aproximemos do conceito patente no pensamento da socióloga Saskia Sassen², uma breve observação sobre o passado da nossa sociedade terá que ser feito, onde os mecanismos económicos e tecnológicos exercem um papel preponderante na ascensão do termo em estudo.

A mundialização do capital não é uma história recente

Proponho um recuo de seis séculos para que nos deparemos com as primeiras ligações intercontinentais entre as principais potências económicas do mundo. A existência de contacto entre diferentes sociedades, anterior a este período, era uma realidade, mas não abarcava relações entendidas como globais. Quer por meio de percursos terrestres que, por condições de logística eram limitados, ou, pelas navegações do mediterrâneo que permitiram a criação de um polo comercial restrito a esta região, articulando o norte de África, o oeste asiático e a Europa, todos estes circuitos eram restritos a uma economia local, delimitada.

No entanto, observamos que o processo de interacção por meio dessas trocas comerciais, permitiu o progresso económico e social dos países detentores de estruturas políticas e administrativas mais estáveis que, por consequência, optimizaram o seu sector militar para se estabelecerem soberanamente nos países periféricos e semiperiféricos, moldando o desenvolvimento do mesmo em função das necessidades dos

1 Ver, CHRISNAMURTI, J., *Conversa com Jonas Salk*

2 Ver, SASSEN, Saskia - *The Global City: Introducing a Concept*, in *The Brown Journal of World Affairs*, 2005

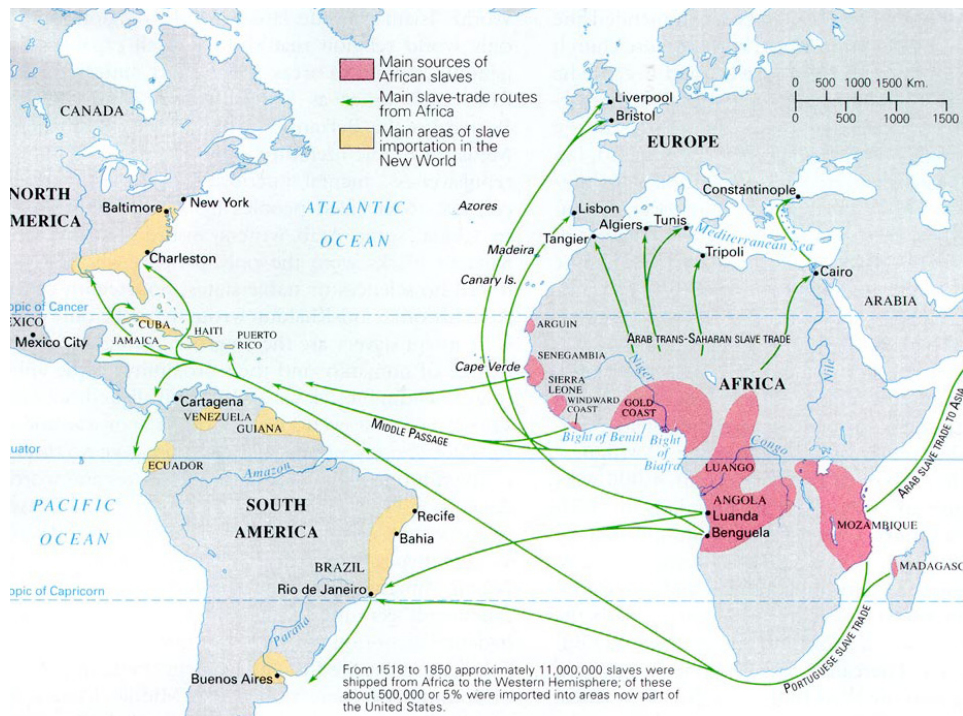


fig.2 - Web. Circuito comercial do Atlântico a partir do século XV.

respectivos impérios. Braudel³ afirma que este é o *plano mais alto da economia (...)* *transpôs as fronteiras políticas e culturais que, cada uma a sua maneira, separavam e diferenciavam o mundo mediterrâneo.*

Este foi o mote para o processo das descobertas e colonizações que se observaria a partir do século XV, permitindo a articulação das economias do continente europeu com as demais economias das regiões asiáticas, africanas e americanas, estabelecendo o que hoje podemos considerar as cidades-mundo⁴.

Assim, este expansionismo mercantilista, através do crescente conhecimento e desenvolvimento dos instrumentos de navegação, terá sido o primeiro movimento globalista. Com base nas rotas comerciais para a Índia, que asseguravam a participação das primeiras feitorias europeias neste território, outros, nomeadamente o americano e africano tornavam-se territórios incluídos nos circuitos comerciais do atlântico, potenciando, por subordinação, os centros europeus economicamente mais desenvolvidos.

Estabelece-se no Atlântico uma triangulação que viria a ter efeitos profundos na transformação e aproximação das principais cidades aqui situadas. Este cruzamento de populações e culturas distintas viria a fecundar as incríveis semelhanças, por exemplo, do nordeste brasileiro com a costa oeste africana, nomeadamente a angolana, assim como estas partilham a mesma língua e costumes com a cultura portuguesa. Da Europa saíam as embarcações para a América, transportando a capacidade manufactureira, formando colónias de exploração de tabaco, café, minerais, açúcar, utilizando a mão-de-obra escrava vinda de África. A expansão desse mercado favoreceu o trabalho artesanal dos executantes europeus, pois um maior número de produtos estavam disponíveis a um maior número de consumidores, dada a maior conectividade intereuropeia.

No entanto, toda esta dinâmica económica estava sob a alçada das monarquias ab-

3 BRAUDEL, Fernand - *Civilization and Capitalism, 15th-18th century*, Harper and Row, Nova Iorque, 1985

4 GHORRA-GOBIN, Cynthia - *Dicionário das Mundializações*, Instituto Piaget, Lisboa, 2006. p.101 (...) *cidade mundial corresponde á cidade que exerce um poder de atracção a nível mundial, devido ao património histórico, diversidade cultural, produção artística e literária e oferta turística. O termo cidades-mundo, pelos famosos urbanistas do século XX como Patrick Geddes e Peter Hall (...) no seu trabalho, o carácter cosmopolita das cidades-mundo foi interpretado como resultado natural do poder geopolítico dos Estados-nação.* BRENNER, Neil; KEIL, Roger - *From Global Cities to Globalized Urbanization*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p. 601. Traduzido do autor: *The term "world city" by famous twentieth-century urbanists such as Patrick Geddes and Peter Hall (...) In their Work, the cosmopolitan character of world cities was interpreted as an outgrowth of their host states' geopolitical power.*

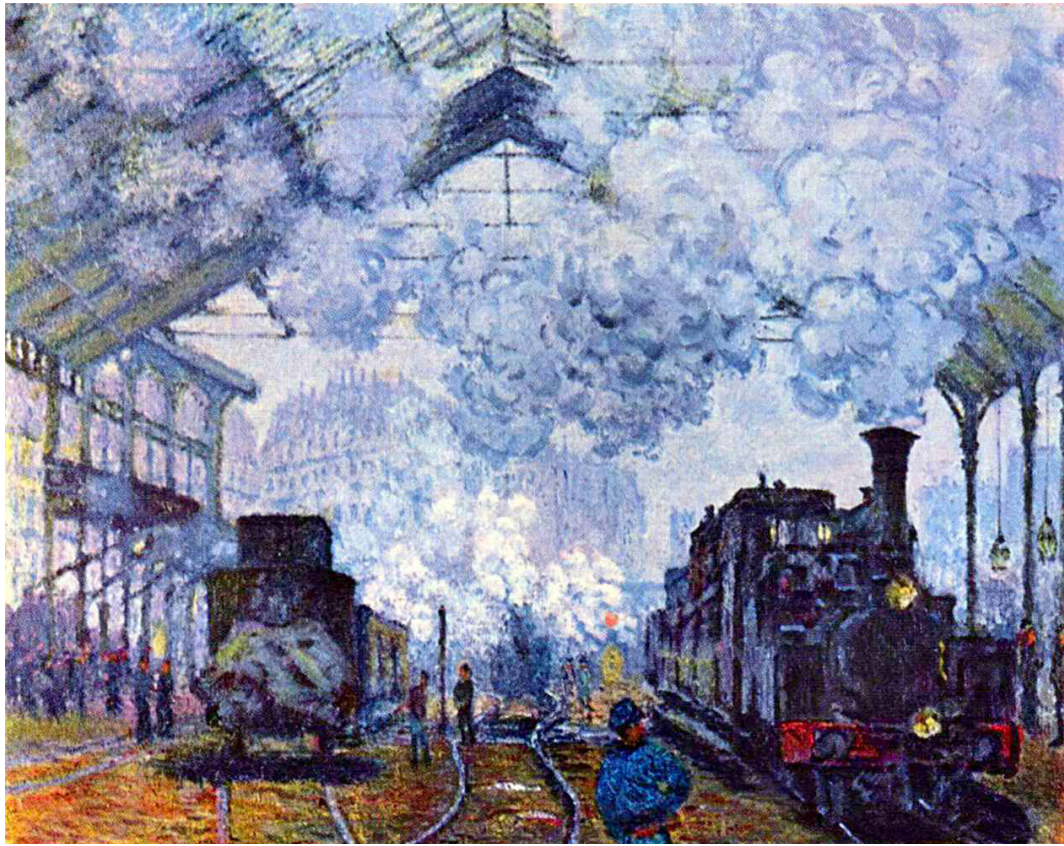


fig. 3 - Web. *The Saint-Lazare Train Station* (1877), Claude Monet

solutistas, cuja concentração da riqueza permitia que estas mantivessem e expandissem os seus impérios coloniais. Foi sobre a escravidão e mais tarde a servidão, que perdurou até ao século XIX, que este “capitalismo monárquico” assegurou a sua maior lucratividade. No entanto, as transformações políticas e administrativas, juntamente com os novos meios de produção e de trabalho, sobre a alçada da revolução industrial, viriam a transformar a geografia do poder e os principais centros económicos do século XIX.

A industrialização: mecanismo de produção-consumo

*O que é único e sem precedentes no desenvolvimento dos últimos dois séculos e meio é a velocidade e o âmbito de acção. Em vez de continuar a ser um elemento na sociedade, como todo o capitalismo inicial o foi, o Capitalismo – com maiúscula – transformou-se em sociedade. Em vez desse restringir, como acontecera antes, a uma pequena localidade, o Capitalismo (...) ocupou toda a Europa Ocidental e do Norte nuns escassos cem anos, de 1750 a 1850. Uns cinquenta anos depois controlou todo o mundo habitado.*⁵

Podemos considerar que, neste período histórico referente aos finais do século XVIII, as disciplinas do campo técnico e político tiveram um papel fulcral para a consolidação da revolução industrial. A acumulação do capital ao longo do período de exploração colonial representou o instrumento base para a implementação do progresso técnico que se vinha desenvolvendo, nomeadamente o aparecimento da máquina a vapor, introduzida nos transportes terrestres pelos caminhos-de-ferro, possibilitando a formação das primeiras redes nacionais de transportes. Esse mesmo progresso técnico reformulou as bases do trabalho humano, passando do tradicional ou artesanal para o assistido, ou semi-artesanal, dada a formação de indústrias capacitadas de maquinaria que viria a substituir em grande parte o trabalho manufactureiro.

Walter Benjamin⁶ refere o aparecimento do ferro como matéria fundamental para o desenvolvimento do sistema produção-consumo. Este permitiu a fabricação do carril enquanto suporte para as estruturas ferroviárias, possibilitando uma maior circulação de produtos e pessoas, que encontraram nas galerias – estruturadas a partir de vigas de ferro – o espaço para a exposição e venda desses produtos, durante

5 DRUCKER, Peter – *Sociedade pós capitalista*, actual editora, Lisboa, 3ª edição, 2007 p.34

6 Ver, BENJAMIN, Walter - *Paris, The Capital of the Nineteenth Century*, in FORTUNA, Carlos - *Cidade, cultura e globalização*, Celta, Oeiras, 1997

fig. 4

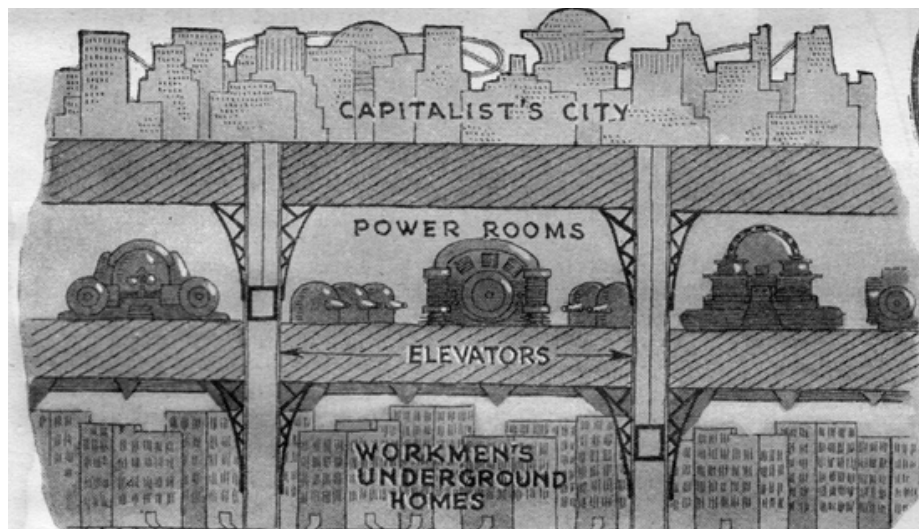


fig. 5

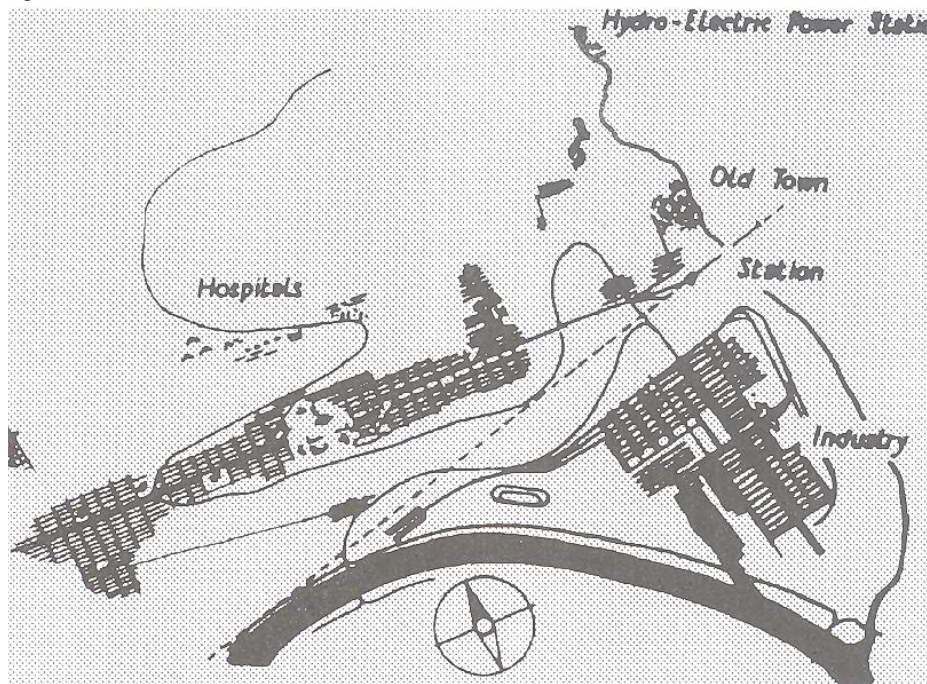


fig. 4 - Web. Esquema baseado no filme *Metropolis* (1927), estratificação da cidade por classes sociais, e a maquinaria como elemento de articulação das duas classes: capitalista e trabalhadora.

fig. 5 - Web. *A Cidade Industrial* (1918), Tony Garnier. As primeiras impressões sobre a necessidade de articular as novas funções urbanas na cidade.

um maior período de tempo, pois a vivência do espaço público rompia pela noite fora, graças á iluminação a gás dos perfis de ferro.

Assim, um maior número de bens poderiam ser produzidos e transaccionados, pessoas deslocavam-se para as principais cidades a procura de um emprego que, embora precário e pesado, encontrou nas primeiras cooperativas de trabalhadores e sindicatos a reivindicação pelo trabalho assalariado. Com a alteração das dinastias-mercantis detentoras do poder económico pela burguesia industrial e bancária encarregue da expansão capitalista, esta apoiou-se no homem rural como a força de trabalho para a metrópole, estabelecendo-se uma nova estrutura social nas cidades. Convém sublinhar que, as condições que viabilizaram o processo de industrialização, principalmente nos países europeus, não se verificaram nos países periféricos, nomeadamente as colónias ainda sobre exploração das grandes metrópoles. Por serem dependentes dos grandes centros urbanos, estas não detinham nem capital, nem a capacidade técnica para se impor como futuras potências económicas, originando o contraste de desenvolvimento entre o 1º mundo e 3º mundo. Contudo, essa forma de exclusão não se reflectia apenas entre colonizados e colonizadores, mas também no seio das metrópoles. A modernização do sistema capitalista gerava riqueza para as classes sociais proprietárias das indústrias, enquanto o aumento da mão-de-obra disponível na cidade, pelo conseqüente êxodo campo-cidade, tornava o exercício técnico mais barato de modo que o fosso entre ricos e pobres, ganhava clara expressão no desenvolvimento das sociedades.

Os conflitos entre burguesia e proletariado tornavam-se evidentes, e as “duas faces da moeda” ganhavam forma. O crescimento do movimento operário encontrou no pensamento de homens como Engels e Marx a revolução ideológica contra o sistema capitalista. Amadurecia a consciência colectiva de que este sistema político-económico conduz o mercado do trabalho, a produção e a actividade social, limitando toda a vida quotidiana do proletariado urbano. No entanto, esta teoria esbarrava contra o liberalismo da burguesia industrial, que defende o direito privado dos meios de produção e a livre iniciativa em mercados mais amplos. Esta teoria elaborada pelo escocês Adam Smith encontrou apoio e suporte nos países industrializados, pois disponibilizava-lhes um livre mercado para a comercialização do seu crescente número de produtos. Foi o caso da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, a posição dos EUA e mais recentemente da China. Com base no pensamento liberal, o final do século XIX viria a ser marcado por uma grande expansão do capital. Através do desenvolvimento de novas técnicas e de novas indústrias reagrupa-

fig. 6



fig. 7



fig. 6 - Web. Cartoon, a multinacional americana e precarização do trabalhador americano pela exploração laboral fora dos limites nacionais.

fig. 7 - Web. Cartoon, o jogo de poder das principais entidades produtoras.

das em grupos cada vez mais amplos e detentores de maior capital, a sua influência estendia-se á escala mundial pela incorporação de indústrias transformadoras fora dos limites nacionais, possibilitando (pela localização dessas indústrias em regiões subdesenvolvidas e com mão-de-obra mais barata) menores custos na produção. Dava-se o declínio dos primeiros impérios capitalistas e a ascensão de outros⁷. Renovavam-se os sectores industriais com a transformação do ferro em aço, as máquinas a vapor substituídas pelas eléctricas, o motor de combustão, com recurso ao petróleo explorado em larga escala – que viria a tornar-se a “moeda de troca” dos tempos modernos - alimentou a invenção do automóvel e avião. E o sistema de trabalho ganhava outro carácter. Com a implementação do taylorismo e fordismo cujo desenho permitiu a produção estandardizada através da especialização do trabalho, aumentavam-se os níveis de produção com menores custos, e o trabalhador assalariado dava origem a uma classe media em crescente e com poder de compra.

*Até este período (século XX), as principais abordagens aos estudos urbanos, tendiam a pressupor que as cidades eram puramente limitadas aos territórios nacionais e a uma hierarquia de centralidades nacionais. (...) A possibilidade do desenvolvimento urbano ou formação de hierarquias urbanas ser condicionado por forças supranacionais ou globais, não foi explorado de modo sistemático.*⁸

Da cidade Industrial á Cidade Global

*Esta visão nacionalizada do processo urbano foi contestada nos finais de 1960 e inícios de 1970, com o aparecimento de perspectivas radicais á economia das políticas urbanas. (...) Nesta perspectiva, as cidades contemporâneas eram vistas como materializações espaciais da essência dos processos sociais, associado ao modo de produção capitalista, incluindo, em particular, acumulação de capital e conflito entre classes.*⁹

7 O caso dos EUA. Após a independência conseguida em 1776, a emigração massiva que se observou da Europa do século XIX para a América, permitiu que um século depois os EUA constituíssem-se o centro hegemónico da economia mundial.

8 BRENNER, Neil; KEIL, Roger - *From Global Cities to Globalized Urbanization*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p. 601. Traduzido do autor: *Until this period, the dominant approaches to urban studies tended to presuppose that cities were neatly enclosed within national territories and nationalized central place hierarchies. (...) The possibility that urban development or the formation of urban hierarchies might be conditioned by supranational or global forces was not systematically explored.*

9 BRENNER, Neil; KEIL, Roger - *From Global Cities to Globalized Urbanization*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York,

fig. 8



fig. 9



fig. 10

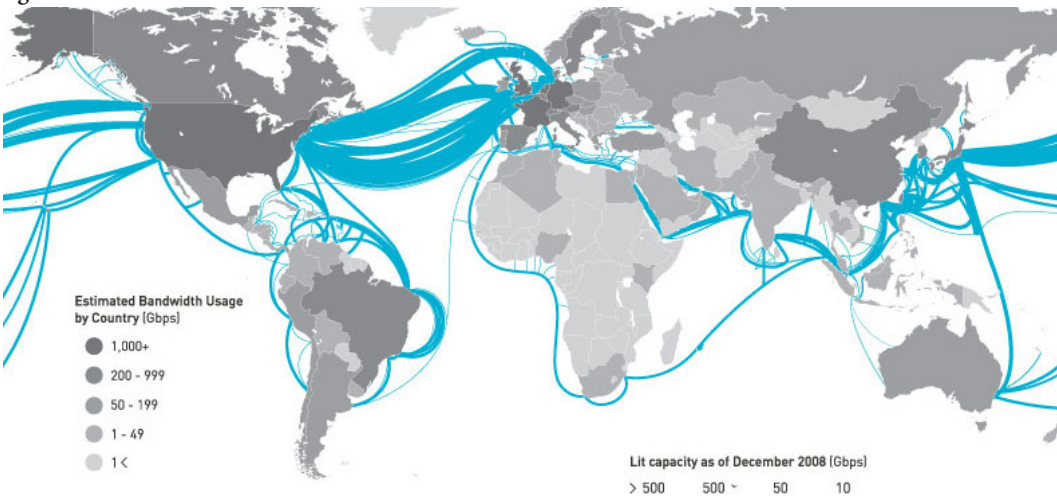


fig. 8 - Web. Rotas marítimas anuais
fig. 9 - Web. Rede de transportes global
fig. 10 - Web. Sistema de cabos de fibra óptica

Se percebemos que o campo tecnológico e económico constituíram a base para o desenvolvimento das cidades do dito 1º mundo, a meio do século XX, as distâncias geográficas entre estas viriam a tornar-se mais curtas. Onde outrora o Estado dirigia a economia nacional, após a Segunda Guerra Mundial e a crise do petróleo de 1973, uma reestruturação económica foi levada a cabo, dando origem às organizações multinacionais ou transnacionais, empresas industriais, comerciais e de prestação de serviços cujo corpo central, situado no seio das grandes metrópoles, é o ponto de partida para uma acção mais abrangente das suas funções. Assim, estas entidades inseridas no círculo do mercado mundial podem actuar de forma livre, sem qualquer controlo ou poder de decisão súbdito aos Estados-nação. Embora não sejam soberanas, pois não dispõem de uma população e, ou, território onde exercer os tradicionais poderes de soberania, dentro dos limites do mercado mundial e da geografia que este estabelece, estas entidades não têm superior algum.

Certamente que a ausência de uma regulação jurídica, por parte dos Governos, permitiu que esta actividade económica surgisse a um nível global, pois difícil seria prever o desenvolvimento tecnológico inerente a este período, evidente nas ligações aéreas que se tornaram acessíveis a um maior número de indivíduos, conectando um maior número de cidades, ou pelos novos meios de comunicação e de processamento de informação permitidos pela internet e dispositivos móveis, dando origem a uma interconexão entre sistemas computadorizados, criadores de uma rede global, entendida como um “espaço de fluxos”¹⁰. Se na era da industrialização, o mecanismo base para o progresso tecnológico apoiava-se nos avanços energéticos dos novos meios de transporte e produção, que aceleraram o circuito de trocas de bens entre pessoas, na cidade global, os novos mecanismos tecnológicos constituíram a espinha dorsal de todas as transformações estruturais da sociedade, promovendo uma aceleração ainda maior dessas trocas - de capital e informação - á escala global, no

2011, p. 602. Traduzido do autor: *This nationalized vision of the urban process was challenged as of the late 1960s and early 1970s, with the rise of radical approaches to urban political economy. (...) From this perspective, contemporary cities were viewed as spatial materializations of the core social process associated with the capitalist mode of production, including, in particular, capital accumulation and class struggle.*

10 VÁZQUEZ, Carlos García - *Ciudade Hojaldre, visiones urbanas del siglo XXI*, Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004, p.52 (...) *sistema que integra produção, consumo, força de trabalho e capital com base nas redes de informação*. Esta terminologia tem como base o estudo de Manuel Castells. Ver, CASTELLS, Manuel - *Space of Flows, Space of Places: Materials for a Theory of Urbanism in the Information Age*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p. 602

fig. 11

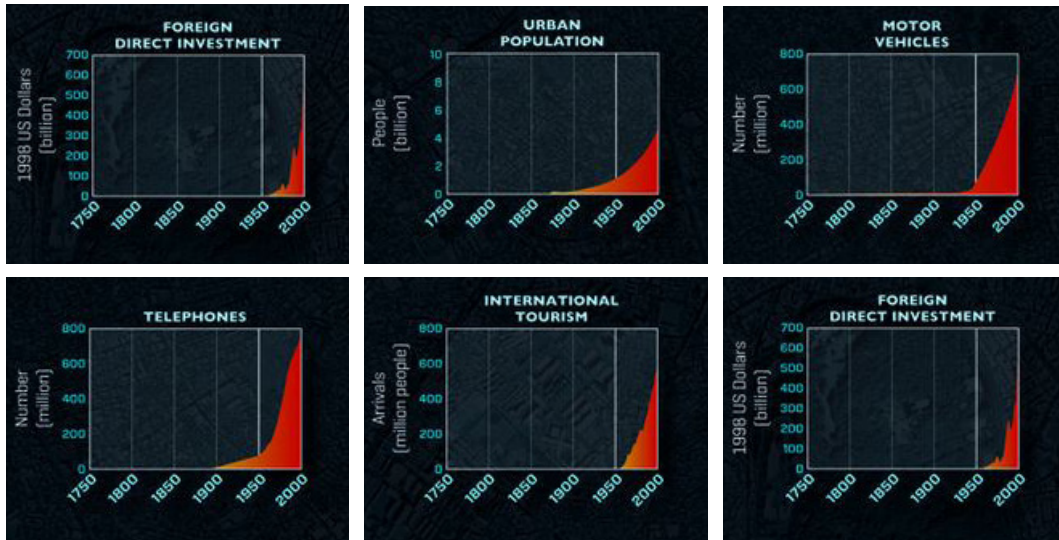


fig. 12 e 13



fig. X - Web. Gráfico que relaciona o crescimento da população urbana, em paralelo com a maior utilização dos instrumentos “urbanos” (veículo, telemóvel) e as actividades globais (turismo e investimento estrangeiro).
fig. 12 e 13 - Web. Centro financeiro de Frankfurt.

dito espaço de fluxos.

Assim, as cidades globais não existem como um fenómeno isolado, mas sim enquanto rede de núcleos geográficos coordenadores das actividades financeiras a uma escala global. Quanto maior e mais avançado forem os seus instrumentos tecnológicos e empresariais, maior relevância adquire a cidade dentro da rede económica, definindo-se assim uma organização hierárquica entre elas. Assim se pode entender que o hemisfério norte, por ser aquele que engloba as cidades mais desenvolvidas, é o mesmo que detém o maior aglomerado de firmas produtoras de funções centrais, de coordenação e gestão dos sistemas económicos globais, o caso de Nova Iorque, Londres, Paris, Amesterdão, Tóquio entre outras¹¹, e por isso superioriza-se em relação ao hemisfério sul, onde proliferam as filiais e as empresas subcontratadas. No entanto, o rápido crescimento económico de alguns países menos desenvolvidos apela á extensão desta rede global. Assim se entende que cidades como Buenos Aires, São Paulo, Cidade do México, entre outras, que estiveram colocadas na periferia do centro económico, actualmente estão envolvidas no espaço de fluxos. O facto de possuírem uma bolsa de valores por onde o capital pode ser mobilizado e transaccionado, tal facto permitiu a sua integração no mercado global¹². Embora inseridas no circuito global, pela lógica hierárquica, estas são ainda secundárias em relação as principais cidades globais.

Do mesmo modo que se estabelece uma hierarquia entre as cidades ditas globais, aquelas secundárias e outras na periferia ao centro económico, essa diferenciação tem um reflexo físico no seu tecido social e urbano. *A construção de um “espaço de fluxos” globais necessariamente implica grandes transformações no “espaço dos lugares”*.¹³ Dada a intensificação dos aglomerados empresariais, de sedes transnacio-

11 Ver, SASSEN, Saskia – *The Impact of the New Technologies and Globalization Cities*, p. 557 in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) – *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011

12 Id. Ibid., p.557. *Stock markets worldwide have become globally integrated. Besides deregulation in the 1980s in all the major European and North American markets, the late 1980s and early 1990s saw addition of such markets as Buenos Aires, São Paulo, Cidade do México, Bangkok, Taipei, etc. The integration of growing number of stock markets has contributed to raise the capital that can be mobilized through stock markets.*

13 BRENNER, Neil; KEIL, Roger - *From Global Cities to Globalized Urbanization*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) – *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p. 604. Traduzido do autor: (...) *the construction of a global “space of flows” necessarily entails major transformations in the “space of places”*.

fig. 14

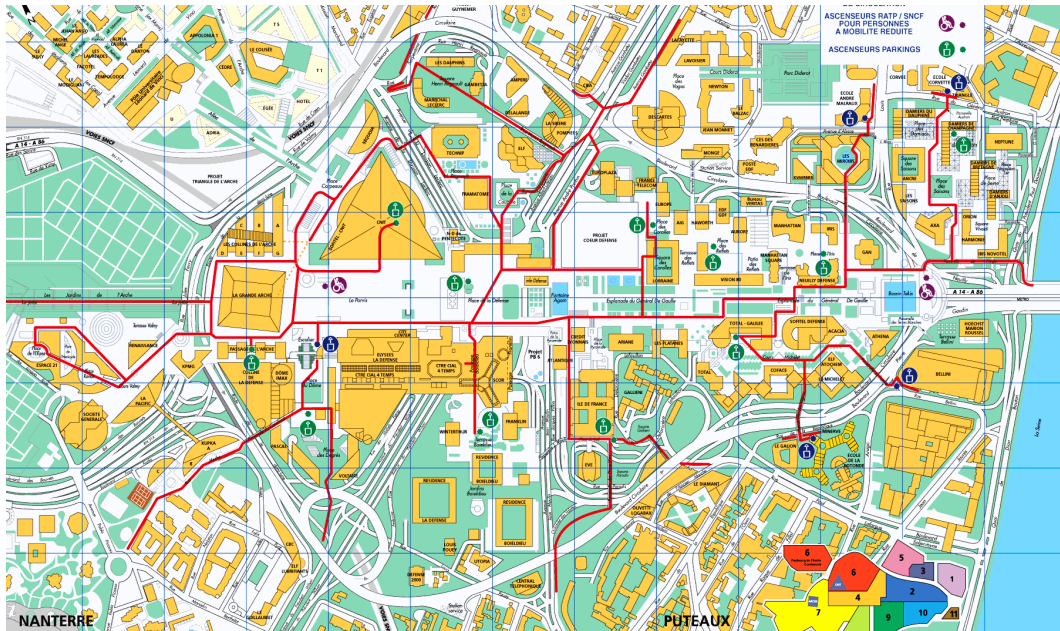


fig. 15



fig. 16

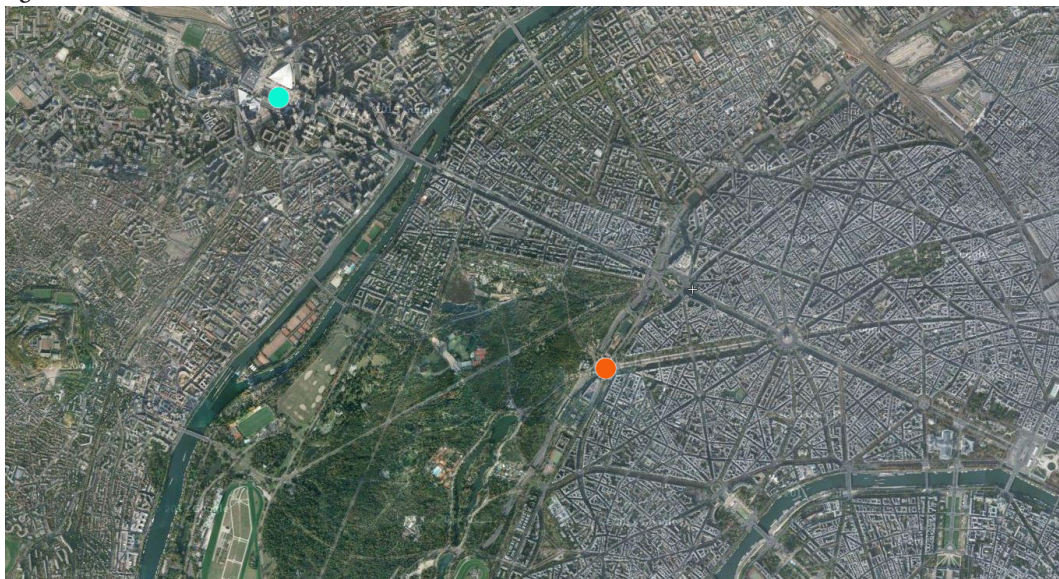


fig. 14 - Web. Planta esquemática da centralidade financeira de La Défense

fig. 15 - Web. Panorâmica de La Défense, Paris, vista Sul - Norte

fig. 16 - Wikimapia. Vista aérea de Paris. Azul - La Défense, Laranja - Torre Eiffel

nais e firmas de serviços essenciais para a acção económica, desponta nas cidades o boom imobiliário integrador destas actividades. Compõem-se enquanto *novas torres de escritórios e residências de alta renda, infra-estruturas, espaços culturais e de entretenimento tanto dentro como na periferia dos centros urbanos*.¹⁴ Por outro lado, o modo em que se estruturou o trabalho na cidade reforça a já existente diferenciação entre as classes sociais, extremado pelos altos rendimentos das elites associadas a empresas de elevado lucro financeiro, e por aqueles empregados em sectores subordinados e dependentes das actividades de topo, ou até em trabalhos informais, com rendimentos mais baixos que os primeiros, dando aso á sectorização extremada das classes sociais (uma imagem já observada no período da revolução industrial). Esta será porventura a principal crítica que se pode estabelecer para o actual modo de funcionamento da sociedade. As cidade globais mostram, aqui, as duas faces da sua imagem. Por um lado têm o potencial de aproximar pontos geográficos do globo fisicamente distantes, mas quanto mais próximos, mais distante se tornam os extremos da pirâmide social dentro dos territórios nacionais, onde a acção globalizante protagoniza a queda da classe média e propicia as desigualdades sociais que, por sua vez, definem as transformações do edificado no espaço urbano.

14 Id., Ibid, p. 604. Traduzido do autor: (...) *new office towers and high-end residential, infrastructural, cultural and entertainment spaces are constructed both within and beyond established downtown areas.*

fig. 17



	São Paulo	Luanda
área urbana	apr. 1.500km ²	apr. 400km ²
população	apr. 11milhões	apr. 5milhões

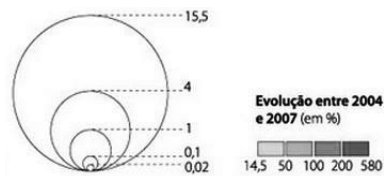
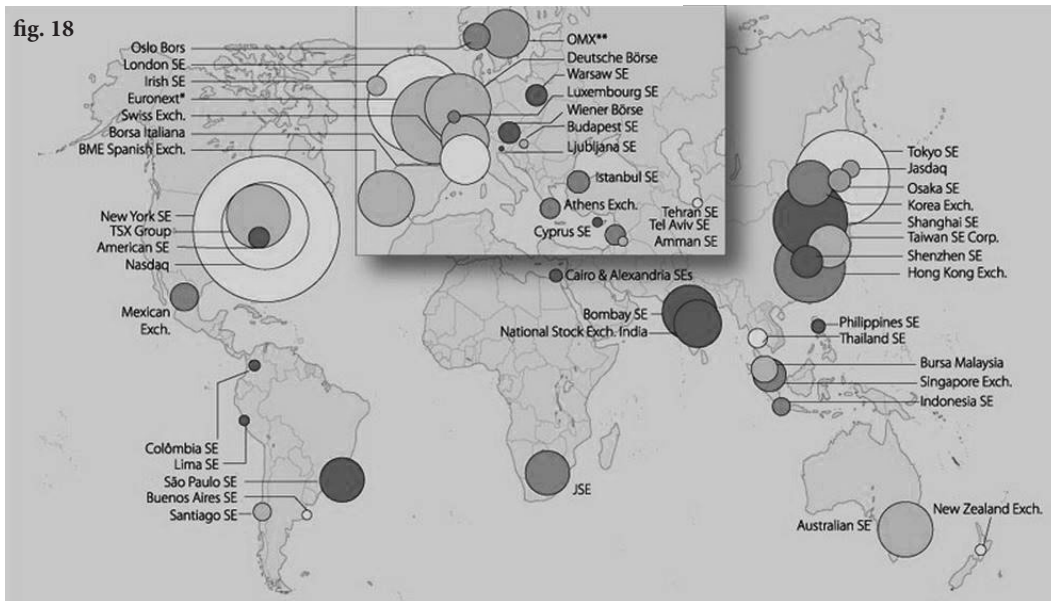


fig. 17 - Do autor: Mancha Urbana de São Paulo e Luanda

fig. 18 - Web. Capitalização em Bolsa. Média calculada sobre 24 meses entre o final de 2005 e o final de 2007. Somente os valores superiores a 1 bilhão de dólares estão representados.

1.2. Desenvolvimento ou globalização? O caso de São Paulo

Entendendo que a cidade global - enquanto campo conceptual para a observação das cidades modernas - é um instrumento, dentre outros, que permite dar um sentido crítico á observação de Luanda, no entanto, para compreender as significativas transformações sociais e urbanas que este fenómeno implica, esta observação teria de “pousar” o objecto de estudo (Luanda) e procurar em outro, de preferência inserido na rede global, as evidências de tal fenómeno.

Porquê uma cidade do hemisfério Sul? Porquê uma cidade da América do Sul? Porquê São Paulo?

No hemisfério Sul situam-se alguns dos países com maior crescimento económico. Não sendo um manifesto geral para toda a América do Sul, aqueles abrangidos pelo Mercosul¹ têm nas suas principais cidades, os centros financeiros base para a ascensão económica do continente. Se a América do Sul pode-se equiparar á história antiga africana, pela imposição colonial que deu a conhecer estes dois continentes ao mundo ocidental, o caso brasileiro e angolano certamente reflectem essa proximidade - salvo os distintos contextos históricos do último século -. Assim, surge o interesse em São Paulo, enquanto cidade de um país em rápido desenvolvimento, que esteve situado na periferia do poder financeiro mas que hoje se evidencia como força económica, tendo em São Paulo o seu principal centro financeiro.

Abordamos a cidade mais populosa do continente sul-americano e a terceira maior metrópole do mundo. Não que este critério quantitativo seja por si só relevante para a sua consideração enquanto cidade global, mas de certo modo condiciona o seu funcionamento visto que a grande densidade populacional no espaço urbano, da aso á proliferação das actividades comerciais satélites aos serviços financeiros especializados.

Saskia Sassen faz referência a São Paulo como um exemplo de cidade - das várias que foram integradas no mercado mundial durante os finais da década de 80 - que, pelo seu grau de desenvolvimento, se encontra como secundária às principais cidades globais que compõem o topo da hierarquia.² Pode-se estabelecer uma relação interessante entre a inserção da cidade na esfera da economia mundial na década

1 Mercado Comum do Sul, uma união aduaneira (de política comercial comum) de quatro países da América do Sul: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A Venezuela está em processo de adesão, e outros cinco países encontram-se associados: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru.

2 Ver, SASSEN, Saskia - *The Impact of the New Technologies and Globalization Cities*, p. 557 in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p.560

fig.19



fig.20



fig. 19 - Web. Av. Paulista, 1935

fig. 20 - Web. Av. Paulista actual

de 80, com o surgimento dos investimentos imobiliários da década de 60 e 70, dirigidos à criação de estruturas para a actividade financeira de topo, à imagem dos famosos *business districts* norte-americanos. Certamente que este edificado, enquanto espaços para a colocação das sedes das grandes empresas nacionais (brasileiras) e internacionais, aliado à *mudança na constituição do produto interno bruto (PIB) do Estado e da capital, com o crescimento da participação dos chamados serviços (comércio, telecomunicações, serviços financeiros, seguros, turismo de negócios etc.) em detrimento da indústria e da agricultura*³, contribuíram para a rápida aceleração do fluxo financeiro dentro da cidade, e com o exterior, protagonizando a sua ascensão à categoria de global.

Teremos certamente em mente a remodelação da Av. Paulista na década de 60/70, onde coabitam os edifícios modernos com os casarões do início do século, uma alternativa de edificado que não encontrou nas construções antigas as exigências que caracterizam as actividades do sector empresarial. Não obstante, o exercício de remodelação urbana da Avenida perpetuou-se até aos finais da década de 80, e restando poucas áreas para a construção de espaços aptos as exigências tecnológicas do final do século XX, outras centralidades despontaram no panorama urbano da cidade, com é o caso do centro financeiro da Marginal Pinheiros da década de 90, possivelmente a máxima constatação na cidade de que esta é, efectivamente, global. No entanto, dar como adquirido que esta transformação, urbana e de diversificação laboral, é justificadora da inserção da cidade no espaço global, está-se perante uma observação insuficiente ou diminuta. Não deixando de ser questões importantes para o fenómeno em causa, verificar as dinâmicas e disputas de poder que regem estas transformações encerram uma outra leitura, também importante sobre a cidade enquanto global, ou não.

Neste sentido, a análise de João Ferreira⁴ foi um complemento fulcral para a descodificação de São Paulo e o *mito da cidade global*. A sua análise parte dos seguintes aspectos:

- 1- Em meados da década de 90, o aeroporto de São Paulo não aparece na lista

3 Ver, CEM/CEBRAP/EMURB – *Caminhos para o centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo*, São Paulo, 2004, p.364

4 Ver, FERREIRA, João Sette – *São Paulo, o mito da cidade-global: ideologia e mercado na produção da cidade*, in VIº Seminário Internacional de Desarrollo Urbano, Unidad Temática de Desarrollo Urbano de la Red de Mercociudades

fig. 21

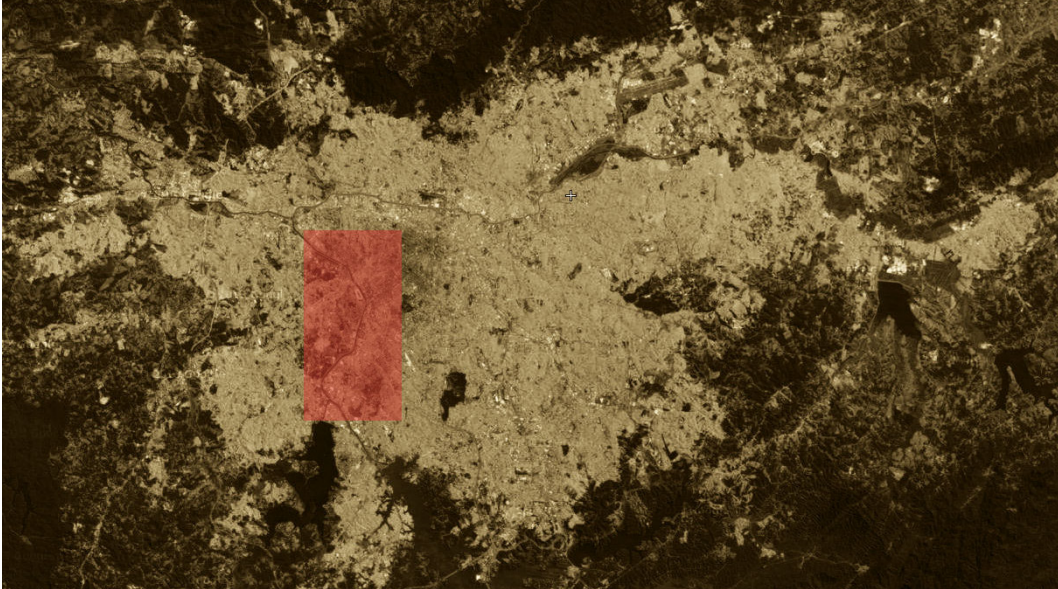


fig.22

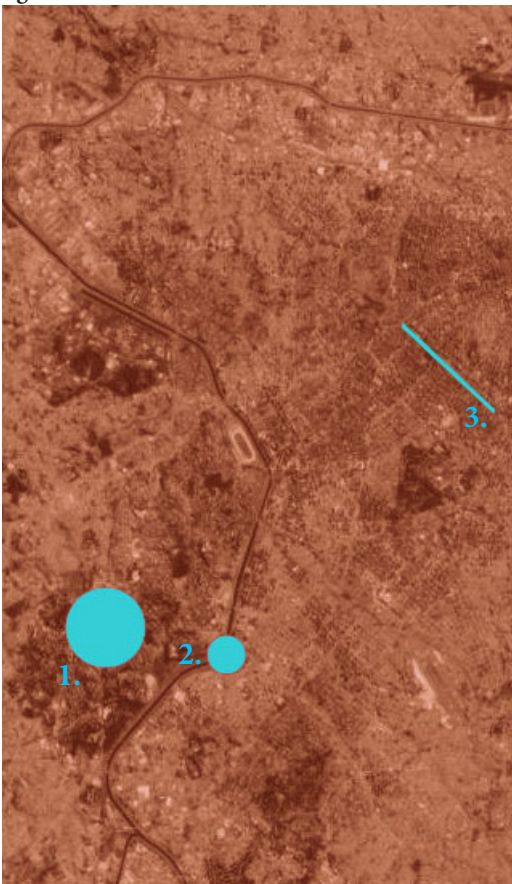


fig.23



fig.24



fig. 21 - Google maps: Assentamento urbano de São Paulo.

fig. 22 - Google maps, pormenor: 1. Paraisópolis, 2. Marginal Pinheiros, 3. Av. Paulista.

fig. 23 - Web. Marginal Pinheiros, vista aérea

fig. 24 - Web. Marginal Pinheiros, vista de pormenor

- dos 25 maiores e/ou mais importantes para o tráfego internacional;
- 2- O mesmo ocorre com os fluxos de telecomunicações, onde São Paulo não aparece nos 25 maiores destinos com esse efeito, nem o seu porto marítimo era um dos 25 maiores do mundo quanto ao volume de contentores;
 - 3- Em 1984, a cidade não abrigava nenhuma das 500 maiores empresas transnacionais;
 - 4- A suposta transição entre economia assente na indústria para uma *economia de perfil eminentemente terciário*⁵ - característico das cidades globais - não se verifica na sua totalidade, visto que, embora haja uma *diminuição da indústria na cidade de São Paulo, não representando o seu fim mas apenas um processo de realocização para as outras cidades médias do anel macro-metropolitano, não há indícios significativos para afirmar que a cidade esteja passando por um processo efectivo de transição para uma economia terciária (...). Se pode até ser discutida a mudança do perfil dos trabalhadores, do sector secundário para o terciário, nos países desenvolvidos estudados por Castells e Sassen, (...) no caso de São Paulo, (...) apenas os seus empregos foram terciarizados ou informalizados (...)*⁶, ou seja, a queda da classe média;
 - 5- A centralização das actividades terciárias no espaço urbano, como refere Sassen, não se materializa em São Paulo nos moldes genéricos da teoria da socióloga, visto que tanto a Av. Paulista como a Marginal Pinheiros apenas reúnem 5, 66% dessas actividades (3,46% + 2,20%), enquanto as restantes 95% de empresas estão espalhadas pela cidade. *Tais números, entre outros analisados pelo autor, evidenciam que, além da actividade do terciário avançado não estar significativamente concentrada em áreas específicas, (...), ela na verdade é muito menos importante, e até quase insignificante no conjunto das actividades empresariais da cidade, do que supõem as teorias que defendem a “cidade-global” e a “transição” económica para o terciário.*⁷;

5 Id. Ibid., p.3 Referência as actividades terciárias, de serviços, consultoria, marketing, gestão, etc., ligadas ás funções centrais (*headquarters*) das multinacionais.

6 Id. Ibid., p.4/5

7 Id. Ibid., p.6

fig. 25



fig. 26



fig. 27



fig. 25 - Web. Projecto da nova centralidade financeira. 5 torres corporativas, 1 torre comercial, hotel e shopping, 2 edifícios residenciais e praça integrada num parque linear.

fig. 26 - Google maps, pormenor: 1. Paraisópolis, 2. centro financeiro Marginal Pinheiros, 3. Nova centralidade financeira.

fig. 27 - Web. Paraisópolis e o centro financeiro de Marginal Pinheiros.

- 6- A clara relação entre globalização da economia e processos de produção da cidade, do qual o *boom* imobiliário é a sua maior expressão enquanto instrumento para a injeção de capital estrangeiro no espaço local, *não se aplica à metrópole paulistana (...)* visto que os *seus agentes mais actuates são, na sua quase totalidade, ricos e tradicionais investidores nacionais.(...)* Uma análise mais detalhada mostrou que mais de 95% das empresas pesquisadas na região são apenas locatárias, incluindo-se aí as maiores multinacionais (...) e pouco ou nada participam do processo de incorporação e produção imobiliária (...). Todos os grandes empreendimentos da “centralidade terciária” da região da Marginal de Pinheiros (...) foram resultantes de iniciativas de empreendedores individuais, financiados por fundos de pensão nacionais.⁸

Nesse contexto, o discurso da “cidade-global” caiu como uma luva para a promoção desses interesses, e rapidamente toda uma “máquina de crescimento” se pôs a funcionar (...)⁹

O que João Ferreira pretende indicar com a sua análise, é que o rótulo imposto sobre a cidade de São Paulo, enquanto pertencente á rede do circuito global, nada mais é que um *slogan* apelativo ao interesse dos investidores imobiliários. A imagem tornada pública da centralidade terciária enquanto espaço urbano que permite á cidade e sociedade tornar-se competitiva em relação á economia global, é na verdade, um discurso ideológico que promove interesses específicos e rentáveis aos agentes do sector imobiliário nacional, assinalando que o que ocorre na cidade é um monopólio jogado por elites que procuram através da captação de recursos públicos, a valorização das suas áreas urbanas, seja o Centro, a Av. Paulista (rotulada como “envelhecida”) ou até a Marginal Pinheiros, entre outras.

Assim, questionar a cidade-global enquanto fenómeno de desenvolvimento ou globalização tem aqui, certamente, uma resposta preocupante para o equilíbrio social de toda e cada cidade que se insere na rede. Parece não estar em causa um querer fazer cidade para o habitante, mas sim a proliferação de um “sistema superior” dentro do sistema, que defende os seus interesses ,sendo alheio a situação precária evidente nas cidades em desenvolvimento.

8 Id. Ibid., p.9

9 Id. Ibid., p.12



fig. 28 - Web. Panorâmica de Luanda, 1884

2. Luanda, o caso de estudo



fig. 29



fig. 30



fig. 31

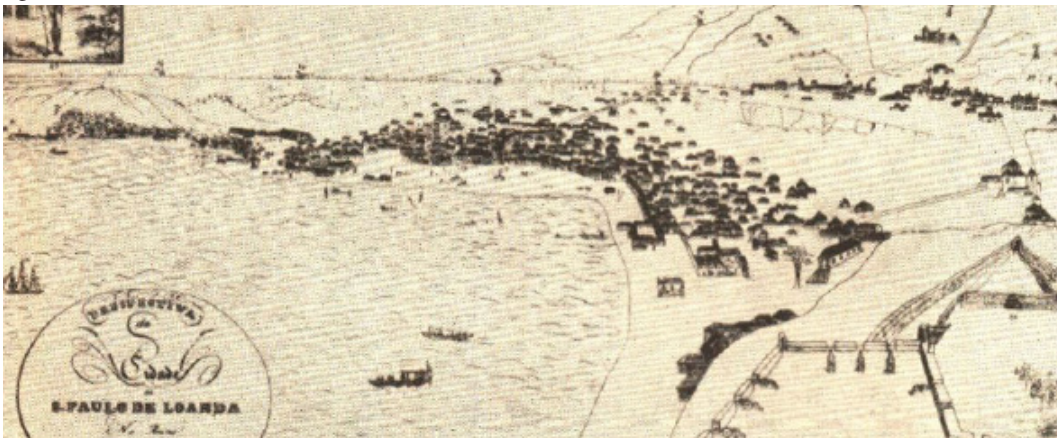


fig. 29 - Gravura, século XVII. Vista da orla da Baía de Luanda

fig. 30 - Planta da cidade de 1647. Cidade Baixa e parte da Cidade Alta com a Fortaleza S. Miguel mais a Norte.

fig. 31 - Gravura, 1816. Cidade Baixa vista da Fortaleza S. Miguel

2.1. Legado Urbano

O mercado escravagista, século XVI a XIX

Luanda surge no panorama internacional dos finais do século XVI, como um dos interpostos portugueses de comércio de escravos. Embora inicialmente não fosse a colónia de maior relevância para a corte portuguesa, dado o peso económico que o Brasil e a Índia detinham para os cofres portugueses, era um dos principais portos da costa africana, por onde entravam exploradores do comércio escravagista, e por onde se fazia a saída de escravos, oriundos das regiões do interior angolano com destino aos territórios portugueses, principalmente o brasileiro.

A fixação dos portugueses no território angolano não foi imediata. Em Luanda, e apenas após um acordo com as populações *Mushiluanda* - uma entre aquelas tribos nativas que habitavam o território costeiro, composto inicialmente por aglomerados indígenas - deu-se o ponto de partida para a presença portuguesa no território.

A escolha do local apresenta razões coerentes: era um ponto central dos fluxos marítimos praticados pelas actividades comerciais portuguesas, tendo para Oeste um bordo directo para o Brasil, sendo o primeiro e último porto da ligação Atlântico-Índico. Em segundo lugar, a fisionomia do território era propícia às actividades que ali se praticavam. A grande baía sobre a cidade permitia o resguardo das embarcações enquanto estas estivessem fundeadas, e o grande planalto permitia criar no topo da cidade equipamentos para a defesa do território, como é o caso da ainda existente fortaleza de S. Miguel, enquanto se instalava á cota baixa o que viriam a ser os primeiros traços da urbanidade da cidade, com o centro administrativo, político e religioso, mas também estruturas ligadas ao comércio escravagista tais como barracões onde a mercadoria humana era instalada, algumas habitações pertencentes a um número crescente de comerciantes, situadas ao longo da praia e de construção precária, assim como uma alfândega cuja principal função era controlar e taxar o movimento comercial.

Denota-se então, que há uma estrita ligação entre as actividades económicas e sociais - para além das características topográficas - nos primeiros traços da urbanidade da antiga vila. A necessidade de proximidade ao espaço litoral coordenou o crescimento da cidade ao longo da sua costa e em sucessivas ruas paralelas para o interior, que por sua vez eram cortadas perpendicularmente por outras que estabeleciam ligações com o interior do território. Do mesmo modo, as tipologias e a qualidade das construções evoluía ao mesmo ritmo que crescia o número de habitantes. Os sobrados, construções em alvenaria de dois pisos e águas-furtadas, eram edificações que denunciavam o estatuto do seu proprietário, por regra, pertencente

ao comércio de escravos, concentrando nesse edifício o armazém de mercadorias e loja no piso térreo, enquanto a habitação se situava no piso superior. Por norma, estas habitações encontravam-se nos bairros comerciais próximos à alfândega onde se concentrava a clientela endinheirada, facilitando o despacho de escravos e de mercadorias importadas.

Estas características urbanas podem-se considerar uma importação daqueles modelos já utilizados nas colónias brasileiras. Se tivermos atenção as relações estabelecidas entre as duas colónias não só do ponto de vista político e económico, como do ponto de vista humano, já que o trânsito entre os portos do litoral brasileiro e angolano proporcionava um constante vai e vem de gentes e de padrões sociais que lhes eram familiares, esses melhoramentos das estruturas da cidade surgem pela acção de negociantes abastados, engenheiros militares e navais.

Núcleo central da Angola “portuguesa”, Luanda vive olhando em duas direcções: o Brasil, que lhe exige escravos, e o interior do país, que fornece estes escravos destinados à exportação, em troca de mercadorias. Contudo, a cidade está prenhe de perspectivas novas que a abolição do tráfico de escravos, em 1836, faz explodir, obrigando os habitantes a encarar a necessidade de uma alteração das actividades económicas que começa a realizar-se por volta dos finais do primeiro terço do século XX.

Na sombra do progresso Industrial, século XIX a XX

O traçado essencial do núcleo histórico de Luanda encontrava-se delineado em meados do século XVIII. A sua estrutura assentava, ao modo tradicional da cidade portuguesa da Expansão, numa implantação litoral da baía resguardada, com carácter basicamente defensivo e comercial. Com o fim do principal motor económico da cidade, como era o tráfico negreiro, embora este ainda fosse praticado de modo ilícito, outras estruturas comerciais ganhavam forma e com elas a cidade modificava-se. Foram dados os primeiros passos na exploração dos recursos naturais (produtos agrícolas e mineiros, a recollecção e pesca). Após um período de estagnação económica compreendido entre 1820 e 1850, foram introduzidas na cidade modificações urbanísticas de algum significado, acompanhando a retoma do crescimento demográfico que se intensificava neste período. No século XVIII o total da população rondava os 6.000 habitantes, neste período este valor tinha dobrado para 12.000 habitantes.

Pode-se compreender a cidade “quebrada” em duas partes, a cidade baixa e a cidade

fig. 35



fig. 36

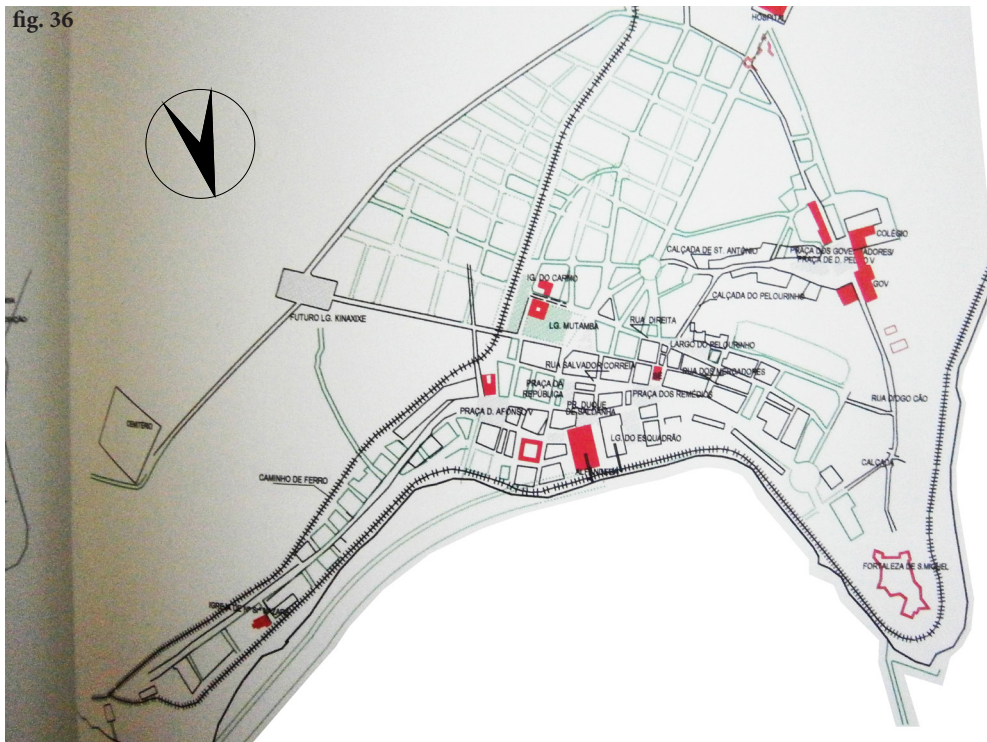


fig. 35 - Fotografia do autor. Planta de Luanda na 2ª metade do século XIX.
fig. 36 - Fotografia do autor. Planta de Luanda no princípio do século XX.

alta, uma designação que acompanha uma leitura topográfica do território. Embora a parte baixa fosse a menos salubre, mantinha-se como a mais importante e a mais desenvolvida, pela importância da sua função comercial. A sua área era de construção definitiva, por vezes com casas de alvenaria importada de Portugal, mais as habitações africanas, de madeira e cobertas de folhas de palmeira que continuavam a cercar o núcleo europeu. Esta parte baixa era a da Casa da Alfândega, dos estabelecimentos comerciais, assim como das casas dos habitantes ricos, construídas em boa pedra trabalhada. O espaço útil da cidade baixa foi sendo ampliado em função do avanço da linha de costa resultante do arrastamento de terras das barrocas na estação chuvosa, e como consequência, impôs-se a construção de muros de contenção de terras, permitindo uma melhor conservação das ruas e edifícios da Baixa (ver as diferenças da linha da orla das fig. 34, 35, 36).

Por outro lado a cidade alta, ainda pouco desenvolvida, contava com um pequeno núcleo composto por Hospital, algumas tipologias religiosas e outras administrativas resultantes da apropriação de antigas construções, consolidando assim o seu carácter de acrópole política. No entanto este espaço da cidade foi alvo nos princípios do século XX de intervenções urbanas que impunham o controlo do espaço rural, que contava com áreas de cultivo para abastecer a população e onde já se identificavam alguns *musseques*¹ e algumas casas de recreio pertencentes à população mais abastada, dispersas nessas hortas. Dessas intervenções, nascem os bairros das Ingombotas, Kinaxixe e Maculusso (ver eixos a verde da fig.35 e a malha verde da fig.36).

Deste modo dava-se a primeira grande expansão do perímetro urbano, juntamente com as primeiras regras de sistematização do território que aos poucos perdia o seu carácter rural em prol de outro mais urbano. Estamos perante a “ressaca” do período da Industrialização europeia, e em Luanda, esses sintomas tornavam-se evidentes. Com a pluralização do comércio, multiplicavam-se as tipologias da construção, e onde anteriormente estas restringiam-se a habitação e alguns equipamentos de apoio ao comércio, outros de carácter industrial e de serviço público começavam a despontar, principalmente na área da Baixa, tais como quartéis, Correios, Telégrafos, Telefones, etc. E como toda a cidade que busca o progresso Industrial, a paisagem urbana passou a contar também com duas linhas de comboio (ver fig.36). Uma cruzando a cidade consolidando as duas cotas, e outra na frente marítima de apoio

1 Termo que designa o solo característico das áreas de assentamento indígena, em areias de tom avermelhado.

fig. 37

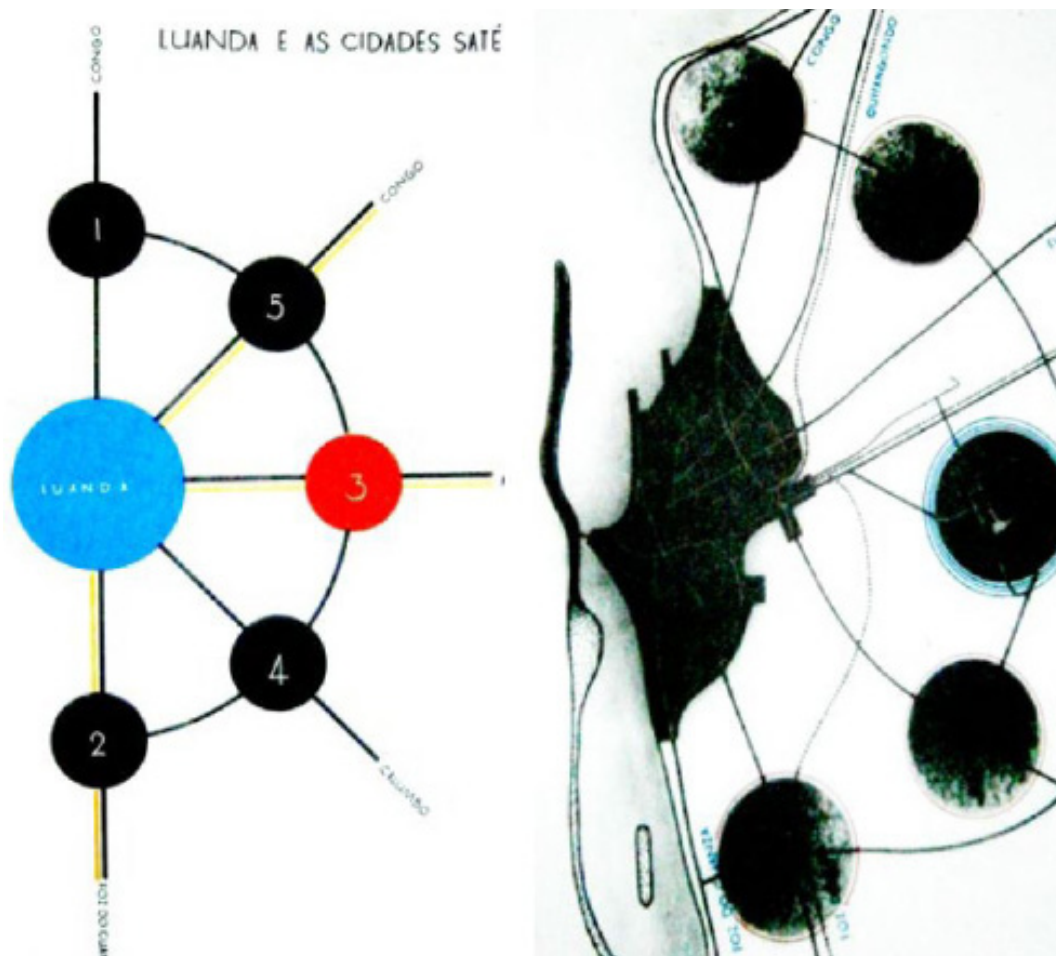


fig. 38

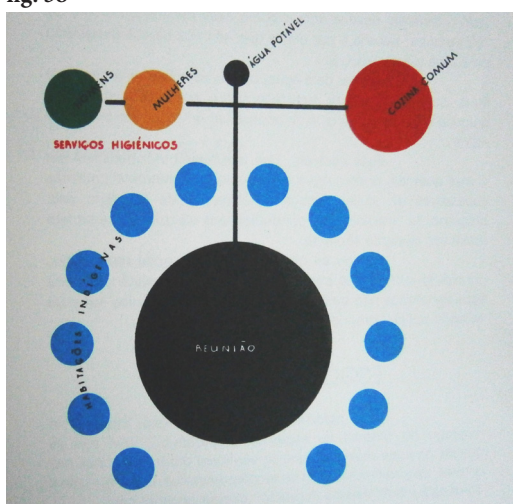


fig. 39

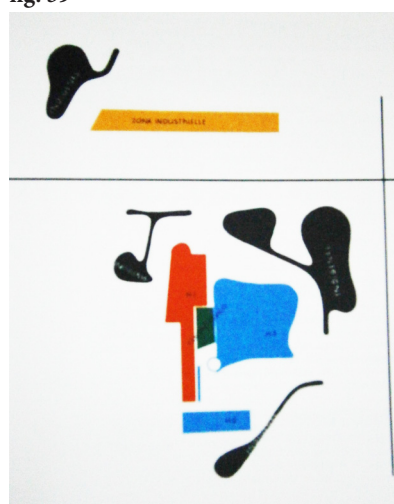


fig. 37 - Desenvolvimento da cidade satélite nº3, Arq. Vasco Vieira da Costa, com base no Plano Urbano de Etienne de Groer e Moreira da Silva, à direita (1942)

fig. 38 - Esquema de um assentamento indígena, Arq. Vasco Vieira da Costa

fig. 39 - Esquema de uma unidade de vizinhança, Arq. Vasco Vieira da Costa, amarelo - zona industrial ; preto - área indígena; o corpo central, centro cívico e residencial- área para a população "civilizada"

ao comércio.

Juntamente a este crescimento urbano denota-se nos finais do século XIX e principalmente no início do século XX, maiores preocupações a nível da qualidade das infra-estruturas e do espaço público. Outrora no século anterior, dado o escasso afluente de água potável no coração da cidade, a ausência de saneamento e iluminação pública eram factores que condicionavam a cidade a uma imagem “medieval”. Neste período a pavimentação do solo, principalmente nas áreas “civilizadas” era uma realidade, assim como o aparecimento de jardins em largos e praças e iluminação nas principais vias públicas e pontos de convívio.

O Urbanismo dos Filhos Bastardos do Estado Novo_ a década de 1940-1970

A realidade social de Angola e a sua relação com o país colonizador, no início do século XX, estava em mutação. O Brasil havia concretizado a sua independência no ano de 1822. Portugal apontava então “baterias” para a “África portuguesa”, a suposta terra prometida que durante os séculos de exploração não passava de um local de trânsito comercial, e exigia-se assim, uma nova acção política para a dominação dos territórios africanos, com o objectivo de adquirir maior controlo administrativo e aumentar os lucros económicos dos cofres portugueses. Pretendia-se criar a imagem de um sistema colonial moderno e para isso, o regime ditatorial em Portugal incentivava a migração da sua população com o intuito de desenvolver as suas colónias, torná-las produtivas. Assim, a cidade de Luanda aumentava exponencialmente o seu contingente populacional.

Se por um lado aumentava o número de colonos no território, por outro, o crescimento da cidade resultava também pela crescente ligação que esta estabelecia através de linhas férreas com o interior, aproximando as regiões exteriores ao microcosmos de saberes, ideias, conceitos e inovações por onde se modernizava a cidade de Luanda. *Por outras palavras, a criação do urbano colonial resulta das estratégias coloniais destinadas ao controle do espaço, à mobilização dos homens, à exploração das terras, constituindo a cidade o núcleo central da mudança imposta pelo colonizador, onde se concentram os poderes coloniais, se organizam as acções destinadas a fazer cumprir os projectos coloniais e se gerem as estruturas indispensáveis à dominação colonial*². Despertava o sonho dos homens angolanos de melhorar os seus padrões de vida. Muitos saíam do interior do país, abandonando as suas famílias com o intuito de se

² FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela - *Angola no século XX_ cidades, território e arquitecturas 1925-1975*, Printer Portuguesa, 2010, p.9

fig. 40



fig. 41



fig. 42



fig. 40 - Avenida dos Combatentes, década de 70

fig. 41 - Mercado do Kinaxixe, Arq. Vasco Vieira da Costa

fig. 42 - Banco Nacional, Arq. Vasco Regaleira

envolver no crescimento da cidade, crescendo com ela.

Se nos finais do século XIX a cidade contava com 12 mil habitantes, a informação dos censos coloniais elaborados em 1940 indica-nos que a cidade contava com 61 mil habitantes.

É desta imagem de densidade populacional e conseqüente congestionamento urbano, que podemos perceber as palavras do Arq. Vasco Vieira da Costa, quando afirma que *Luanda apresenta na sua história (...) uma parte de vontade e uma parte de espontaneidade*.³

Embora esta frase remeta para uma imagem da história da cidade, aquele presente viria a ser escrito por esses mesmos conceitos. A vontade provém do espírito pró-activo que os arquitectos e urbanistas, principalmente portugueses, detinham para executar o seu trabalho nas terras africanas, e a espontaneidade, pelo carácter volátil da cidade, testando sucessivamente a flexibilidade dos planos urbanos.

Era a época da revolução linguística da arquitectura que se aproximava timidamente do modernismo. Não sendo bem vista no seio do regime do Estado Novo, pois chocava com a imagem austera que se pretendia para as edificações fascistas, a esta geração de arquitectos foi-lhes “permitida” explorar e inovar a sua arquitectura para além das fronteiras da metrópole.

Com a criação do *Gabinete de Serviço Central de Urbanismo Colonial* em 1944 iniciam-se os grandes projectos para a transformação urbana das cidades do Ultramar. Para além da nova arquitectura que se praticava, articulando os ideais modernistas a um clima tropical, iniciava-se também um planeamento urbano e territorial que visava a implementação de redes modernas de transportes e comunicações, a construção de equipamentos e de serviços estatais, infra-estruturas ferroviárias e rodoviárias. Era também do interesse dos urbanistas que a sua disciplina desse resposta á crise racial que durante séculos repercutiu-se no território, onde os assentamentos europeus e nativos reflectiam a diferença económica entre estas duas classes sociais. Estas intervenções, ainda que efectuadas pontualmente ao longo da década de 50 até 70, são registo de um dos maiores legados da arquitectura portuguesa, e esse legado encontra-se balanceado sobre duas perspectivas distintas de conceber a arquitectura. Aquela que observamos por exemplo no antigo Mercado do Kinaxixe (1950-53) de Vasco Vieira da Costa, virada para a integração das questões climatéricas a um novo

3 COSTA, Vasco Vieira - *Luanda, Plano Para a Cidade Satélite nº3*, Escola Superior de Belas Artes do Porto – Curso de Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, Porto, 1984

fig. 43



fig. 44



fig. 43 - Web. Centro Urbano, Avenida dos Combatentes, 2005, ver fig. 40.

fig. 44 - Web. Centro urbano, ocupação informal de um edificado

tipo de edificação, composta por novos materiais (como o betão) e uma perspectiva mais conservadora, tradicionalista, que materializava os intuitos do regime, como o Banco-Nacional (1953-56) por Vasco Regaleira, que remete para uma ideia de barroco-classicizante.

Este terá sido o expoente máximo da expansão e qualificação urbana do território Luandense e Angolano, que viria a mergulhar a partir da década de 70, com o início da guerra colonial em 1961 e a posterior guerra civil iniciada em 1974, no período mais negro da história do país.

As “muralhas” da guerra colonial e civil_ década de 1970 – 2002

A consequente proximidade de Portugal às colónias, com o objectivo de consolidar o que seria o Império Português foi o “tiro no pé” com que o regime se autoflagelou. Se por um lado essa proximidade permitiu a Portugal criar uma dinâmica económica que seria impensável se limitada às capacidades do território continental, por outro abriu portas a uma geração segregada, de adquirir domínio sobre os instrumentos de pensar a sociedade. Era a geração de Amílcar Cabral, futuro líder do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde) a geração de Agostinho Neto (Líder do MPLA e futuro primeiro presidente Angolano), uma geração composta por homens africanos e luso-africanos embebidos de espírito crítico, fazedores de utopias que se queriam concretizadas, e que em 1960 deram início à guerra colonial que durou 14 anos, tendo fim em 1975 com a independência e instauração da República de Angola. Este período histórico teve impacto nas estruturas espalhadas pelo território. Cerca de 300 mil estrangeiros abandonavam o espaço angolano deixando para trás ofícios e profissões carentes de mão-de-obra qualificada para lhes dar continuidade. Não obstante, as populações mais carenciadas aproximavam-se daqueles locais ainda dinamizadores de actividade social, e Luanda não foi excepção. Se por volta de 1960 esta representava 4,7% da população total do país, este valor atinge os 12% em 1983. Este valor já era e foi continuamente reforçado pela guerra civil que se deu posteriormente á guerra colonial. Não havendo um acordo “ideológico” entre os dois principais partidos, MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), sobre o caminho que Angola teria de percorrer em direcção ao progresso, a guerra civil foi motivo para o maior êxodo rural observado no país, mutilando a sociedade e consequentemente as estruturas urbanas do legado Português.

Para além do medo gerado nas populações, juntamente com a incapacidade das

fig. 45



fig. 46

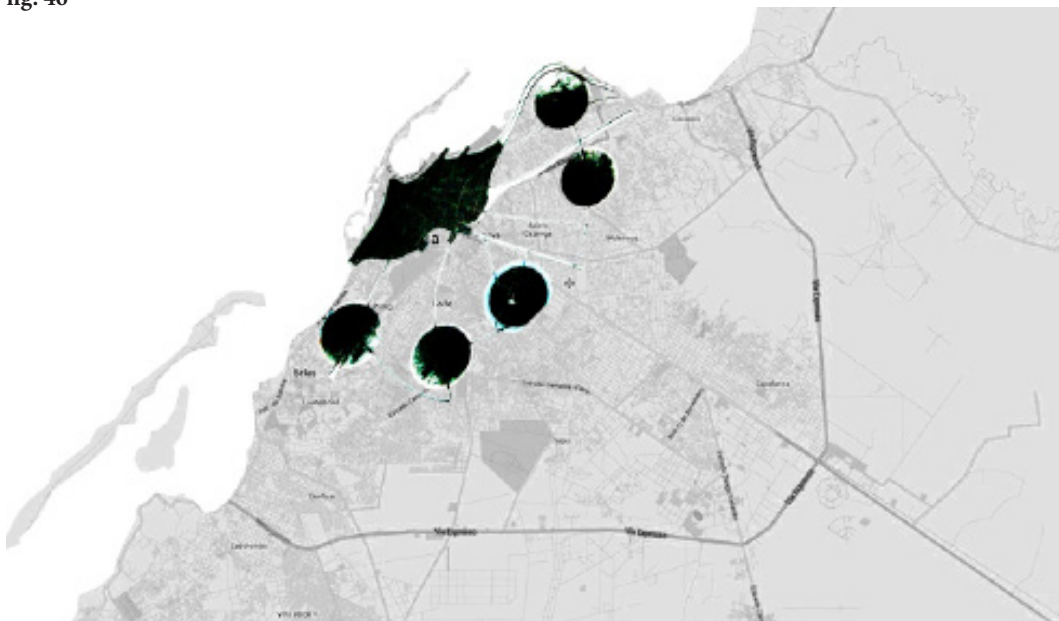


fig. 45 - Web. Pormenor da fachada do edificado da fig. anterior

fig. 46 - Do autor: Plano Urbano de Etienne de Groer e Moreira da Silva (1942), sobreposto ao actual assentamento urbano da cidade.

regiões susterem-se autonomamente, privadas das conexões que os caminhos ferroviários e rodoviários estabeleciam entre si, elas viram-se obrigadas a procurar segurança e subsistência em Luanda que, embora debilitada a nível de serviços e comércio, era ainda um espaço que garantia uma hipótese de vida. Esse êxodo rural teve um forte impacto nas estruturas das cidades e sendo esta a dinâmica predominante, no limiar do século XXI, 2/5 da população tornava-se urbana.

A cidade de Luanda, que procurava nas suas sucessivas intervenções urbanas integrar uma população em crescendo, neste período, foi incapaz de suster a avalanche populacional que jorrava em sua direcção, e se aquelas infra-estruturas eram entendidas como suficientes para os 500 mil habitantes que se observavam no território, agora tinham de albergar 3,5 milhões de pessoas (segundo a estimativa de 1983) o que a tornava no centro urbano mais povoado em todo o território.

Com este aumento da densidade populacional, as consequências que se previam tornaram-se evidentes. Edifícios abandonados foram ocupados aleatoriamente caindo em usos que os tornaram degradados, o espaço público que agora era um espaço de sobrevivência para grande parte da população, reflectia a imagem de uma cidade levada ao “abandono”, e o perímetro da cidade que até então definia-se por uma área de desenho orgânico seguindo as características topográficas, agora seguia as características de necessidade, onde uma larga “crosta” de habitação informal se foi montando no seu entorno.

Onde anteriormente o plano de Etienne de Groer e Moreira da Silva (1942) estipulava a existência de cinco cidades satélite (ver p.48), orientando o que seria o possível crescimento da cidade, e onde Vasco Vieira da Costa executou o seu trabalho de “Luanda, Plano Piloto para a Cidade Satélite nº3”, com o final da guerra civil em 2002, esse território ganhou uma massa cinzenta homogénea, como resultado da construção ilegal levada a cabo por uma população heterogénea, proveniente dos quatro cantos do país, com crenças religiosas e culturas diferentes e com um propósito em comum: Sobreviver.

fig. 47

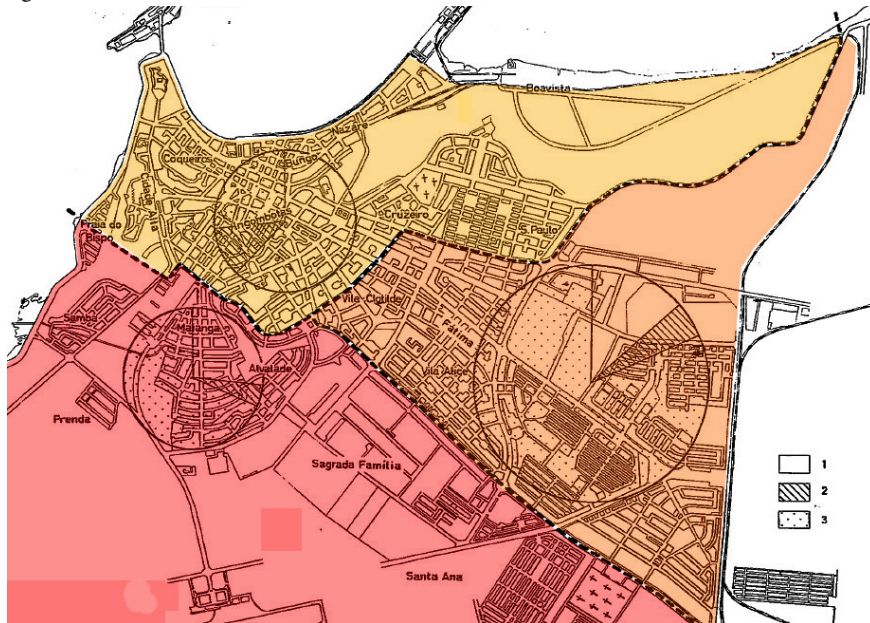


fig. 48

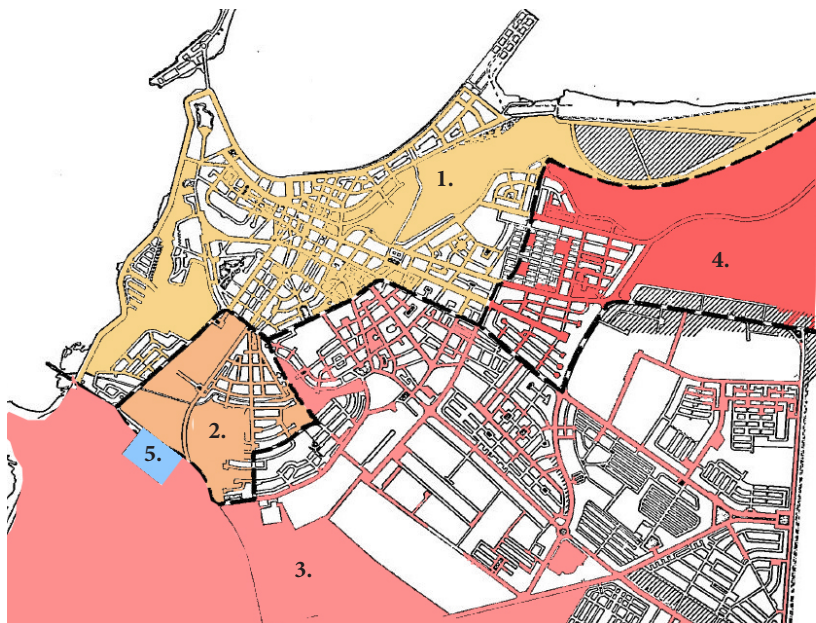


fig. 47 - Mapa da 1ª divisão dos bairros, 1960: 1. Ingombotas, 2. Maianga, 3. Rangel

fig. 48 - Mapa da 2ª divisão dos bairros, e actual centro urbano, 1970: 1. Ingombotas, 2. Maianga, 3. Rangel, 4. Sambizanga, 5. Unidade de vizinhança do Prenda (ver p.62)

2.2. Caracterização Socioespacial

Espera-se que este segundo ponto seja uma análise sobre as características sociais que dão forma ao modo de vida luandense, admitindo que estas são parte integrante e definidoras da vivência do espaço urbano e da sua transformação. Se a morfologia social é o meio que permite a leitura do *substrato material das sociedades*, isto é, a forma que elas assumem ao estabelecerem-se no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto das coisas em que assenta a vida colectiva, desconstruir a vida social, em todas as suas formas, moral, religiosa, jurídica, etc.¹ - entendendo que esta age em função de seu substrato material e varia com esse substrato, isto é, massa, a densidade, a forma e a composição dos grupos humano²-, aproxima-nos de uma leitura mais inteligível de Luanda, e aquilo que pode parecer aleatório e espontâneo no seu funcionamento, não deixando de o ser apresenta, contudo, uma razão. Assim, temas como o território, crescimento e densidade populacional, visão social e urbana da cidade, são o ponto de partida para esse esclarecimento.

O território

Luanda situa-se na região norte de Angola, na costa do Oceano Atlântico. O país conta com uma área total de 1.246.700 km², sendo o sexto maior país africano, e Luanda representa actualmente 0.19% da superfície total do território³, com aproximadamente 2.500 km², a menor província do país. De modo simplista podemos entender o seu relevo como dividido em 2 partes: a primeira, de baixa altitude próxima ao nível do mar, encontra-se ao longo de grande parte da orla marítima, seguindo para o interior num extenso planalto com cerca de 300 a 400 metros⁴. A sua área urbana encontra-se em constante expansão, tendo ultrapassado os 50,10 km² em 1980, sendo que um terço dessa área era de carácter rural. O período entre 1989 a 1998 representa o maior crescimento urbano tendo atingido 249,35 km². Esta extensão está estritamente ligada as consequências da guerra civil anteriormente referidas, de modo que este abrupto crescimento é referente a áreas informais, ou não planeadas.

1 SILVANO, Filomena - *Antropologia do espaço: uma introdução*, Celta, Lisboa, 2007

2 Id., Ibid.

3 <http://www.mat.gv.ao/portalmat/default.aspx?s=50>

4 SECUMA, Agostinho - *Modelação do Crescimento Urbano da Província de Luanda, Angola*, ISEGI, UNL, Lisboa, 2012

fig. 49

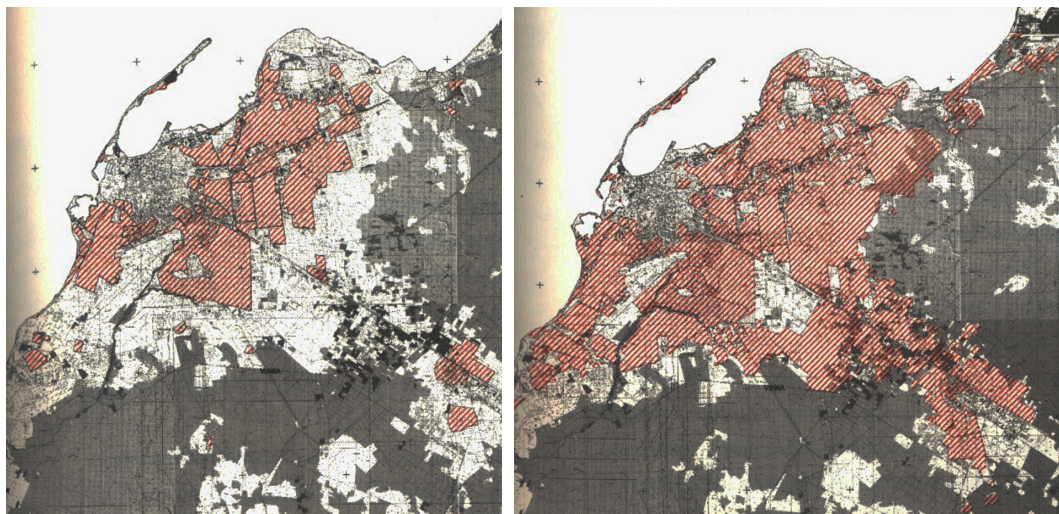


fig. 50

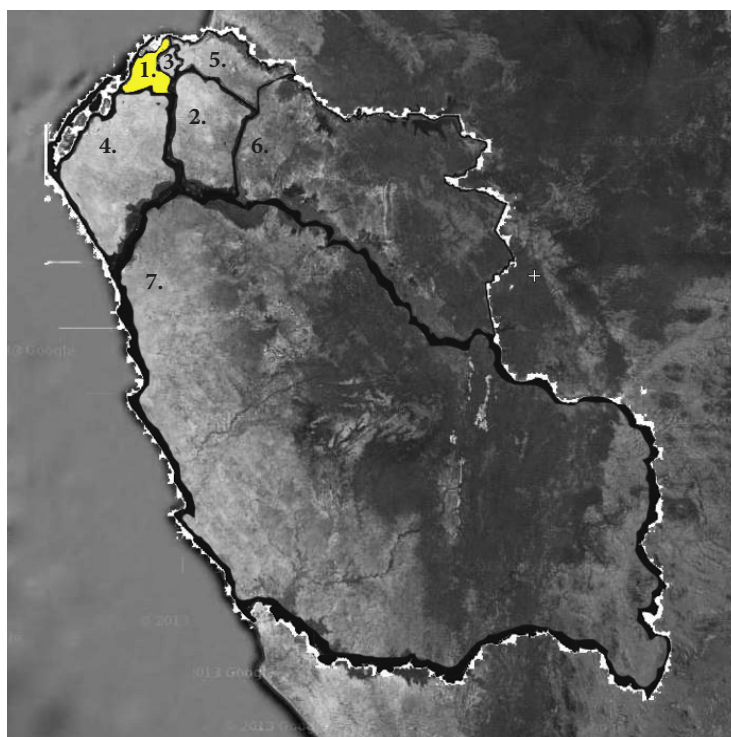


fig. 49 - Desenvolvimento das áreas informais no entorno do centro urbano consolidado, 1986 e 2001 respectivamente.

fig. 50- Do autor: os 7 municípios de Luanda: 1. Luanda, 2. Viana, 3. Cazenga, 4. Belas, 5. Cacucaco, 6. Icolo e Bengo, 7. Quissama

Está indicado que no ano de 2000, a área de expansão urbana cresce para 270 km², estando projectado que para o 2010 esta cresceria para 350 km²⁵. Actualmente não é possível estabelecer um valor concreto para a sua área urbana, visto o constante desenvolvimento de planos urbanos para a cidade e o seu carácter de dispersão no território. No entanto, algumas previsões podem ser efectuadas atendendo ao Plano de Ordenamento da Orla Costeira elaborado pelo Ministério do Urbanismo e Construção, indicando que Luanda terá aproximadamente 840 km² ⁶.

Assim como a sua área urbana, também a divisão administrativa tem sofrido alterações ao longo da sua história. Consta que em 1960 a cidade encontrava-se dividida em três municípios: o primeiro das Ingombotas, o segundo da Maianga e o terceiro, o Rangel.⁷ Em 1970 é revista a sua distribuição administrativa passando para quatro municípios, mantendo se no primeiro o município das Ingombotas, o segundo da Maianga, o terceiro representa uma extensão e divisão do Rangel, surgindo em quarto, o Sambizanga.⁸ Após a Independência de 1975, o sistema administrativo passa a contar com 9 municípios: Ingombota, Rangel, Sambizanga, Maianga, Samba, Kilamba Kiaxi, Cazenga, Cacuaco e Viana. ⁹Em 2011 foi aprovada a última divisão administrativa da cidade, contemplando sete municípios: Luanda (abarcando os antigos municípios das Ingombotas, Rangel, Sambizanga, Maianga), Viana, Cazenga, Belas, Cacuaco, Icolo e Bengo e Quissama.

5 Ver, BETTENCOURT, Andrea – *Qualificação e reabilitação das áreas urbanas críticas, Os musseques de Luanda*, FAUTL, Lisboa, 2011

6 O aluno elaborou uma medição com base na imagem do assentamento de Luanda do Plano de Ordenamento da Orla Costeira.

7 Ver, AMARAL, Ilídio – *Luanda e os seus “musseques”, Problemas de Geografia Urbana*, Finisterra, Lisboa, 1983, p.301

8 Id., Ibid, p.313

9 <http://www.ipgul.org/index.php>

fig. 50



fig. 51



fig. 52



fig. 50 - Web. Unidade de vizinhança, nº1 bairro do Prenda , década de 70, Arq. Fernão Lopes Simões de Carvalho (com José Pinto da Cunha e Fernando Alfredo Pereira, 1963-1965)

fig. 51 - Google maps: em destaque o bairro do Prenda e actual densidade ocupacional.

fig. 52 - Web. Imagem actual do bairro do Prenda

Crescimento e densidade populacional

A densidade populacional, ou seja, o valor quantitativo de uma população segundo uma determinada área urbana, ajuda-nos a conceber uma imagem sobre a qualidade de vida no espaço urbano. Louis Wirth adverte que *aumentando o número de habitantes para lá dos limites de um determinado assentamento, as relações entre estes, assim como o carácter da cidade será afectado. Um vasto número envolve (...) uma maior abrangência de variações individuais, e essa variação será causa para uma segregação espacial dos indivíduos (...)*¹⁰.

Seguramente que a densidade populacional de Luanda é o reflexo de um desenvolvimento dos seus recursos humanos à escala nacional: uma esperança de vida em crescente, revista em 2012 para 52 anos contra 46 em 2000; a mortalidade materna diminuiu de 880 para 610 mortos por cada 100.000 nados; a taxa de mortalidade infantil decresceu de 21.2% para 16.1%¹¹; a taxa anual de crescimento encontra-se nos 3.1%, valor superior ao dobro da média mundial (1.2%)¹².

Contudo, a actual densidade de Luanda está estritamente ligada ao seu passado histórico. Durante o período colonial e de acordo com estatísticas do censo realizado em 1960, Luanda contava em 1950 com uma densidade de 12,7 habs/km², revista no ano seguinte para uma densidade de 11,3 habs/km², sendo a terceira província mais densa, perdendo para Benguela com 12,6 habs/km² e Huambo com 20,0 habs/km².

*A variação, para menos, de Luanda pode resultar apenas de falta de precisão nos dados sobre as áreas para 1950, com as alterações administrativas verificadas.*¹³

Tal afirmação justifica as profundas alterações que podem ser apreciadas para a revisão efectuada em 1960, denotando uma baixa na sua densidade populacional.

10 WIRTH, Louis - *Urbanism as a way of life*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Fred-eric (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p. 98. Tradução do autor: (...) *that increasing the number of inhabitants in a settlement beyond a certain limit will affect the relationships between them and the character of the city. Large numbers involve (...) a greater range of individual variation. (...) That such variations should give rise to the spatial segregation of individuals.*

11 In *Perspectivas Económicas em África*, AfDB, OECD, UNDP, UNECA, Edição Regional, 2012

12 In *World Health Statistics*, WHO, Edição online, 2013 - http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/EN_WHS2013_Full.pdf

13 MARQUES, Walter - *Problemas do Desenvolvimento de Angola, A) Estrutura Social, Junta de Desenvolvimento Industrial*, Luanda, 1965, p.39

fig. 53

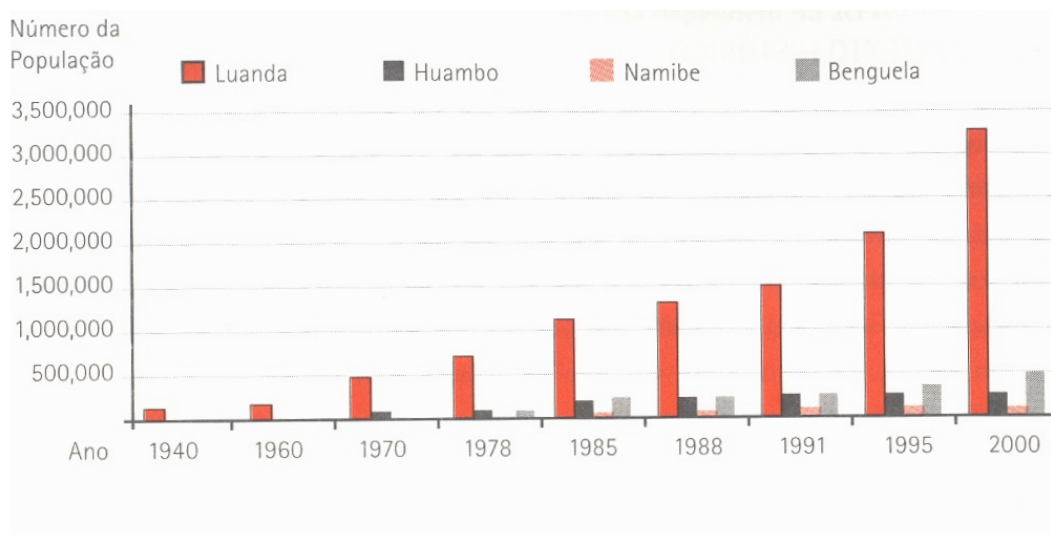


fig. 54

Área	População total	Distribuição %
Angola	16 367 880	100
Cabinda	349 501	2,1
Zaire	306 123	1,9
Uige	890 821	5,4
Luanda	4 749 423	29,0
Kuanza Norte	291 250	1,8
Kuanza Sul	1 036 518	6,3
Malange	598 098	3,7
Lunda Norte	604 977	3,7
Benguela	1 597 295	9,8
Huambo	1 239 777	7,6
Bié	901 120	5,5
Moxico	444 233	2,7
Kuando Kubango	306 215	1,9
Namibe	289 144	1,8
Huila	1 683 568	10,3
Cunene	507 558	3,1
Lunda Sul	300 317	1,8
Bengo	271 942	1,7

fig. 53 - Crescimento das cidades angolanas entre 1949-2000

fig. 54 - Web. Projecção da população por provincia em 2009 (%)

Na realidade, o fenómeno do urbanismo planeado e aquele de natureza “informal”, apontam uma outra realidade. Se observarmos Luanda não enquanto província – a totalidade da sua região administrativa – mas enquanto concelho, no ano de 1960, a sua densidade passa dos 11,3habs/km² para 106,02 Km².

Organizando o seu crescimento cronologicamente observamos que Luanda conta com:

50.558 habs em 1930;

61.028 habs. em 1940;

141.647 habs.em 1950;

224.540 habs. em 1960.

Este abrupto crescimento está ligado a um movimento da população rural para as áreas urbanas, tendo duplicado na década de 40-50. Aliado a este êxodo, o contingente de população estrangeira representava em 1950 um sexto do total da população de Luanda.

População total: 141.647 habs.

Branços: 20.710 habs.¹⁴

Dados estatísticos referentes ao início do século XXI aproximam-nos da realidade actual da cidade.

*Luanda, que apresentava apenas 4,7% da população total do país em 1960, passou a representar 12% em 1983, 23,6% em 2000, estimando-se que fosse de 27% em 2005, o que significa que nessa data, de um em cada 4 habitantes do país viva em Luanda.*¹⁵

O quadro acima indica que no período de 1970 a 2000, os efeitos da guerra colonial e posterior guerra civil começavam a mostrar os seus efeitos. Contudo, a maior curva ascendente existe a partir de 2000 – sendo que a guerra civil finalizou-se em 2002 – pois com o findar do período bélico havia maior segurança para o êxodo campo-cidade. Por um lado, as populações que sobreviveram aos 27 anos da guerra nas regiões exteriores de Luanda, viram-se forçadas a procurar na capital, uma hipótese financeira para sobreviver, dada a escassa existência nas regiões do interior de estruturas para os sectores dinamizadores de emprego. Outra razão está na presença de familiares a residirem em Luanda – muitos, fugidos durante o período bé-

14 Id., Ibid., p.51

15 NZATUZOLA, João Baptista – *Crescimento da População em Angola: Um olhar sobre a dinâmica populacional da cidade de Luanda*, p.59

fig. 55

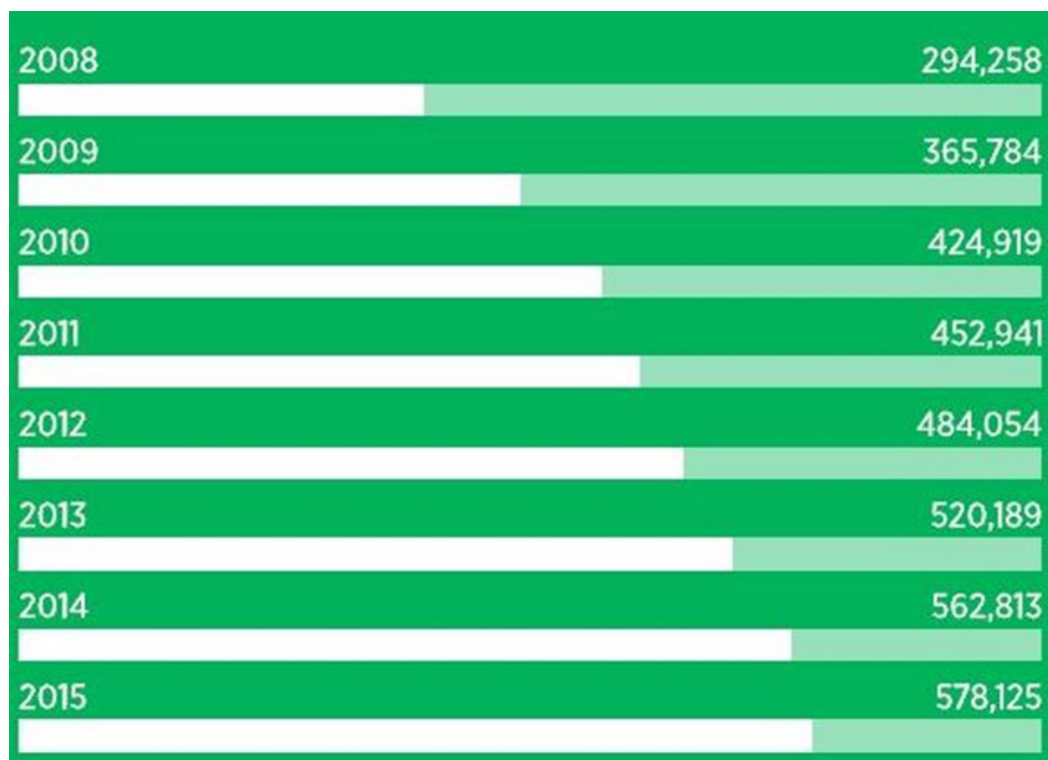


fig. 56

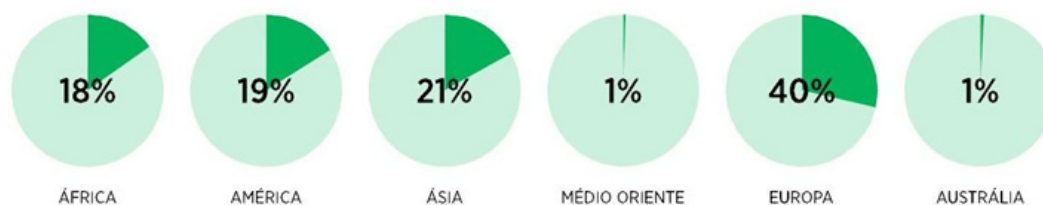


fig. 57

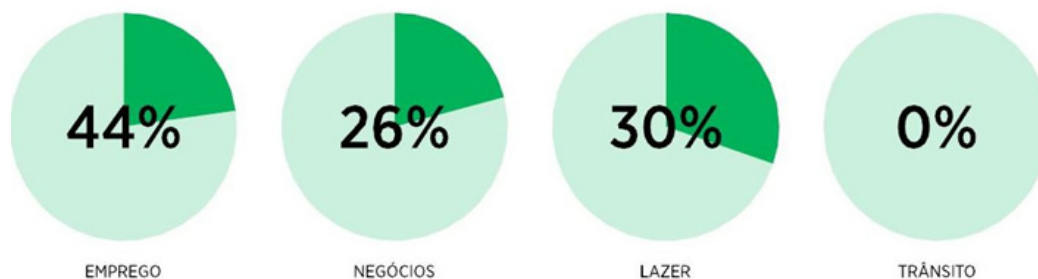


fig. 55 - Web. Chegadas Internacionais – Actuais e Previstas (nº de pessoas)

fig. 56 - Web. Chegadas por Região em 2010

fig. 57 - Web. Razão de Entrada em 2010

lico – facilitando o seu assentamento, tendo em conta que a mobilidade rodoviária apresentava-se “mais segura” no período pós-guerra.

Atendendo que 45% da população é rural¹⁶, dos restantes 55% (urbanos) 29% reside em Luanda.

Por fim (ver página 64), devido a crise financeira mundial de 2008 e á inércia da sua extensão no presente, verifica-se que as chegadas internacionais subiram a uma taxa média anual de 38%, estimando-se que no período entre 2011-2014 terá um aumento médio de 7.3%, bastante acima da média mundial de aproximadamente 4%¹⁷.

Estes dados estatísticos ganham expressão física quando sobreposto á vivencia do espaço urbano. Atendendo aos valores de densidade populacional, e as perspectivas de mobilidade quer do exterior para o interior, quer no seio do espaço nacional, percebemos o microcosmos em que se tornou a capital angolana, e o capítulo seguinte procura tornar essa experiência mais palpável.

*(...) no caso dos estudos das sociedades humanas, o aumento em número, quando a área é mantida constante (ex. um aumento em densidade) tende a produzir diferenciação e especialização, pois apenas deste modo pode essa área suportar um número crescente. Assim, a densidade consolida o efeito de diversificação quer em número quer as actividades desenvolvidas pelo indivíduo, ampliando a complexidade da estrutura social.*¹⁸

16 CEIC/UCAN - *Relatório Económico de 2009*, in NZATUZOLA, João Baptista – *Crescimento da População em Angola: Um olhar sobre a dinâmica populacional da cidade de Luanda*

17 AfDB – *Perfil do Sector Privado do País*, 2012

18 WIRTH, Louis - *Urbanism as a way of life*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) – *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, 2011, p. 99. Traduzido do autor: *(...) in the case of human societies, an increase in numbers when area is held constant (i.e. an increase in density) tends to produce differentiation and specialization, since only in this way can the area support increased numbers. Density thus reinforces the effect of numbers in diversifying men and their activities and in increasing the complexity of the social structure.*

Uma visão social do espaço

Luanda apresenta na sua estrutura social uma forte diversidade em tudo que a caracteriza, o que atribui aos seus movimentos no espaço urbano dinâmicas multifacetadas, que, pese embora as suas diferenças, contribuem para uma uniformidade pictórica da cidade. Muitas vezes confusa e agressiva para um olho menos atento, ela faz das suas necessidades e meios o veículo condutor da experiência individual, numa relação colectiva intensa que pela sua constância origina uma identidade própria e única. Parecem ser características generalizadas em todos os instantes de observação. Através de um sistema social assente em mecanismos de sobrevivência, baseado em escassos meios para atingir quer o estado, quer o saciar do desejo humano, se não decifrada cuidadosamente, ela pode conduzir a percepção do observador a leituras caóticas e desordeiras do seu funcionamento, quando na verdade esconde uma organização lógica - por vezes de foro intuitivo - e por isso digna de registo.

Assim, desconstruir a fisionomia social da sociedade permite-nos com maior fidelidade entender e clarificar a realidade por trás dos fenómenos urbanos, estando a observação disciplinada sobre dois parâmetros sociais estritamente articulados e criadores da identidade colectiva: os aspectos culturais e económicos. A economia pois promove todo o movimento cidadão, sendo o principal motor dos fluxos na cidade. Por outro lado, e como consequência dessa dinâmica “mãe”, sendo o indivíduo uma peça integrada numa comunidade, as relações sociais que este estabelece originam toda a miscigenação que é a cultura Luandense.¹⁹

Dentro do que podemos considerar o aspecto cultural, certamente que a taxa de alfabetização tem uma participação activa na construção da estrutura humana. Os dados referentes ao final do século XX e inícios do milénio, retractam a submersão a que esteve submetida a sociedade angolana durante o período de guerra. A incapacidade do sistema educacional em formar professores, de apresentar os dispositivos pedagógicos suficientes para o exercício de instrução registou para o sector educacional um sério declínio no número de inscrições escolares.

No fim da década de 90, a inscrição no ensino primário decresceu para 1 milhão.(...) 35% do total das crianças que se inscreve no primeiro ano, não chega a concluir a

¹⁹ Dentro do âmbito económico e cultural vários aspectos poderiam ser considerados para a formulação de uma imagem social, no entanto, observa-los na sua totalidade implicaria um campo de pesquisa extenso, fora do registo de uma dissertação de mestrado. O autor identificou pontualmente, e em articulação, os mais significativos para a observação em causa.

fig.58

Indicadores	2001 (1)	2009 (2)	Varição no período $3=(2/1)\%$
Total (N.º de alunos matriculados)	1.296.560	3.967.886	206

fig. 59

Indicador	2000	2007	2008	2009	2015
Taxa de Aprovação	16,0 ⁽¹⁾	57,0 ⁽¹⁾	60,0 ⁽¹⁾	60,0 ⁽¹⁾	80,0 ⁽¹⁾
Taxa de Repetência	26,3 ⁽²⁾	ND	ND	ND	13,2
Taxa de Abandono	13,9 ⁽²⁾	20,0	20,0	20,0	6,9
Taxa Bruta de Escolarização	ND	127,1	139,1	146,1	ND

fig. 60

Indicador	2007	2008	2009
N.º de professores	79.939	89.977	109.977
N.º de salas de aula do ensino primário	41.343	45.608	46.608
Rácio alunos/sala do ensino primário	119	114	99

fig. 61

SECTORES DE ACTIVIDADE	2006	2007	2008	2009
Petróleo	0,23	0,26	0,23	0,21
Diamantes	0,28	0,26	0,25	0,23
Outras extractivas	0,46	0,41	0,40	0,38
Sector mineral	0,97	0,93	0,89	0,83
Serviços petrolíferos	0,62	0,67	0,72	0,72
Total sector mineral	2,56	2,52	2,49	2,38

fig. 58 - Web. Indicadores de Produtividade do Sistema educativo 2001-2009

fig. 59 - Web. Indicadores de Produtividade do Sistema educativo 2000-2015

fig. 60 - Web. Indicadores da Capacidade do Sistema educativo 2007-2009

fig. 61 - Web. Emprego no sector mineral (%)

*escola primária. Os professores têm de exercer profissões paralelas e frequentemente recorrer às “gasosas” (subornos), o que dificulta ainda mais o acesso à educação qualificada, sobretudo para as crianças mais carentes. O número de alunos por sala é muito elevado, (...) e a escassez de manuais é impressionante.*²⁰

Contudo, estatísticas mais recentes apontam para uma melhoria na taxa de ensino. O número total de alunos matriculados para o mesmo sector primário triplicou entre o período de 2001-2009. Existe a previsão de uma queda da taxa de abandono escolar para 2015 para o valor de 6,9%.

Estes dados perspectivam uma geração vindoura mais informada e capacitada para o sucesso profissional – embora o rácio de alunos por sala assinalado na fig.60 evidência um número excessivo de alunos por sala, dificultando o acesso do mesmo á total compreensão dos conteúdos expostos durante a aula – contudo, esta não é, ainda, uma realidade com impacto na actual organização económica social.

Embora a taxa de alfabetização na área urbana²¹ seja de 88,5%, Luanda regista 20,9% de desempregados, sendo a média nacional de 27,4%²². São dados bem mais positivos que aqueles observados no inquérito efectuado em 2001 que revelou que 40% dos chefes de família estavam desempregados e que o desemprego nas áreas urbanas se situava nos 46%.²³

As razões que podem justificar esta taxa de desemprego do cidadão adulto resultam principalmente da falta de instrução técnica do indivíduo para o “trabalho urbano”. Contando que a população que vive abaixo do limiar da pobreza - cuja representação para o quadro geral angolano se encontra nos 68%²⁴ - é aquela com origem no êxodo rural durante o período de guerra civil, mais capacitada para o trabalho tradicional (artesanal) e que na cidade, originou e deu continuidade ao sistema de uma

20 BAFD/OCDE - *Perspectivas Económicas em África* 2005, p.63

21 Tal como sucede com as taxas de pobreza e fome, também na taxa de escolarização deu-se de modo diferenciado, estando situada nos 56% em 2009. In Ministério do Planeamento – *Objectivo do Desenvolvimento do Milénio 2010*, p.31

22 CEIC/UCAN – *Relatório Económico de Angola 2009*, valor referente ao ano de 2006

23 BAFD/OCDE – *Perspectivas económicas em África, 2005*, p. 61

24 Previsão referente a 2004, mencionado no Relatório de Desenvolvimento Humano. Embora seja um dado estatístico referente a década anterior, na actualidade, tal facto tem uma importância significativa na estrutura social.

fig. 62



fig. 63

	2009	2010	2011	2012
Agricultura, Silvicultura e Pesca	10.4	10.1	10.2	12.2
Petróleo e Gás	45.6	45.6	46.6	38.8
Diamantes	0.9	1.0	0.8	0.9
Indústria	6.2	6.3	6.5	7.3
Electricidade	0.1	0.1	0.1	0.2
Construção	7.7	8.1	7.9	8.9
Serviços	21.2	21.0	20.4	23.3
Outros	7.8	7.4	7.4	8.1

fig. 62 - Do autor: Fotografias da antiga fábrica de bicicletas, Luanda, Arq. Vasco Vieira da Costa
 fig. 63 - Web. PIB por sector (%)

economia informal. Quando Louis Wirth advertia que a alta densidade estimulava a diversificação das actividades no espaço urbano²⁵, certamente encontraria na dualidade entre as actividades da economia formal e informal de Luanda, a sua maior expressão. É facto que *nas cidades africanas, o sector informal produz, emprega, distribui rendimentos e assegura a sobrevivência da esmagadora maioria das respectivas populações. Luanda (...) não constitui excepção.*²⁶

Se tivermos em conta que a economia angolana é fortemente dependente dos sectores petrolíferos, gás e minerais - com maior peso no PIB - este, por estar pouco articulado com outros sectores da economia, tem escassa representação na taxa de emprego (ver quadro da página 70).

As indústrias manufactureiras ainda sofrem com o legado da guerra civil que resultou numa degradação de infra-estruturas industriais, e representam para o sector produtivo apenas 7% do PIB.

O sector da agricultura, silvicultura e pesca, de fulcral importância para a classe social mais carente, está aquém das potencialidades que o território dispõe. Para essa insuficiência de produção, contribuem as 5 a 7 milhões de minas por desactivar o que limita a área de terreno fértil, juntamente com as más condições de estruturas rodoviárias que dificultam a aproximação dos produtos ao mercado efectivo, completado ainda pela constante movimentação populacional do campo para a cidade dado que o espaço urbano é aquele “menos” afectado pela guerra e permite um maior acesso à dinâmica comercial.

Estes dados são relevantes para entender o surgimento das actividades no sector informal, um respaldo do elevado índice de desemprego que forma-se no espaço urbano enquanto subsistema alternativo à economia formal. A pouca diversidade das actividades por sectores, como resultado do longo período de actividades militares, mas também e sobretudo, da fraca governação e considerável corrupção, estimula as populações mais carenciadas a desenvolver as suas actividades nos campos da ilegalidade, representando um entrave para um desenvolvimento económico e social sustentável de Angola.

Apesar do crescimento do sistema bancário do país, Angola ainda figura em posições pouco privilegiadas no que concerne ao acesso a serviços bancários pelos cidadãos. Fortemente dependente de serviços como os da energia e comunicações,

25 Ver, tópico 1.2.2 Crescimento e Densidade Populacional

26 LOPES, Carlos - *Luanda, Cidade Informal? Estudo de caso sobre o bairro Rocha Pinto*, CEA, ISCTE, Lisboa, 1999 p.101

fig. 64

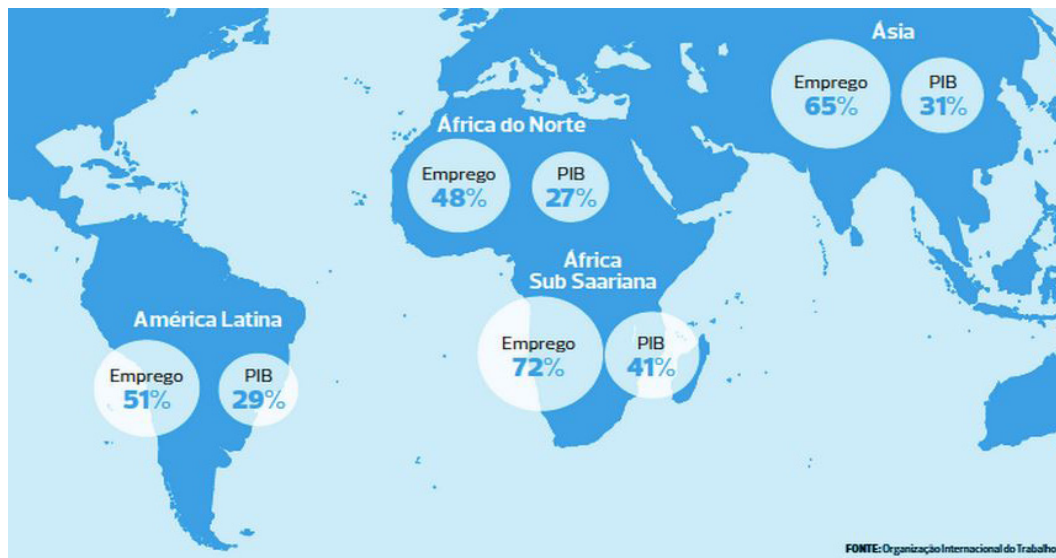


fig. 65



fig. 66

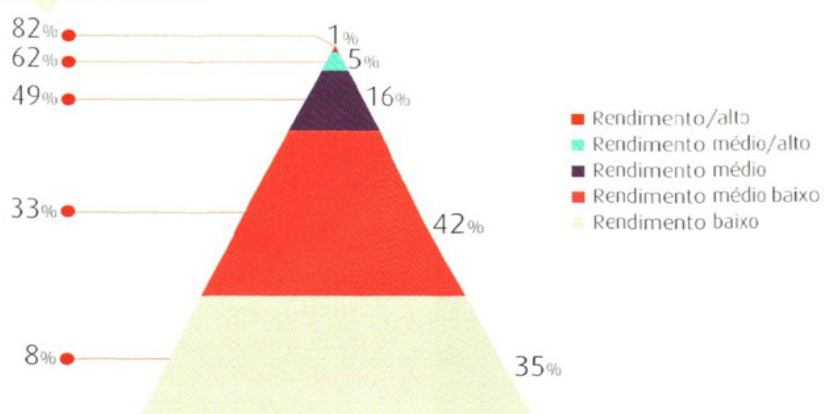


fig. 64 - Web. Mapa mundo da informalidade. Emprego e Pib informal (%) não agrícola (1994-2000) e (1979-1998)

fig. 65 - Evolução da taxa do acesso bancário da população angolana

fig. 66 - População que detem conta bancária, em cada extracto (%)

não obstante o elevado investimento feito nos últimos anos, estes serviços ainda apresentam constrangimentos ao seu desenvolvimento.

Segundo o último estudo da consultora Deloitte, apresentado em Agosto de 2012, o país dispunha de uma rede de 991 agências bancárias distribuídas pelo país²⁷, sendo que Luanda, pelo seu estatuto de capital e pulmão financeiro do país conta com 490 sucursais²⁸.

Dada a desigualdade económica no seio da sociedade, os estratos sociais que apresentam maior propensão para ter conta no banco são compostos pelos indivíduos pertencentes aos extractos com maior poder de compra. Embora a inclusão da generalidade dos angolanos no sistema bancário constitui uma prioridade para a formalização e consolidação da economia, grande parte da população mantém-se á margem deste sistema, prejudicando as empresas, nomeadamente as mais pequenas, que se encontram na actividade formal, pagando impostos e cumprindo com a legislação.

Consta que o sector informal representa 50% das actividades comerciais em Angola, atravessando praticamente todos os sectores, construção, transportes, comércio, retalho, produção artesanal, confecção de bens alimentares, bebidas, vestuário e prestação de serviços²⁹.

É um fenómeno que de certo modo enraizou-se na tradição urbana da cidade e do país: já era tradição *domingar*³⁰ a Ilha de Luanda e encontrar os “filhos do mar”³¹ percorrendo as avenidas da *Kianda*³² com as suas canoas escavadas em troncos únicos, para abastecer uma cidade faminta, autores da cristalização da pesca e distribuição como tradição que, durante tantos anos de resistência à aculturação colonial foram árvore e fruto da paisagem luandense. As “filhas” ficam encarregues da venda

27 Revista *Economia e Mercado*, Julho 2013, p.51

28 AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.36

29 Revista *Economia e Mercado*, Julho 2013, p.53

30 Termo elaborado pelo autor, que manifesta a acção rotineira de usufruir as praias da Ilha de Luanda aos Domingos.

31 PEPETELA – *Luandando*, Elf Aquitaine Angola, Porto, 1990

32 Entidade espiritual da cultura angolana, reguladora do mar, dos lagos, dos rios, dos peixes, das marés e da pesca.

fig. 67



fig. 68



fig. 67 - Web. Antigo Mercado Roque Santeiro, Luanda
fig. 68 - Web. Vendedora ambulante

do peixe, caminhando pelo asfalto de uma cidade em crescente, gritando a alma do negócio numa bacia apoiada na cabeça, cujo equilíbrio foi ganho pelos vastos quilómetros que só a sua história pode contar. Elas completavam a banda sonora da cidade. Nem se pode menosprezar as antigas *Kitandas*³³, espaços que enchiam a cidade de cores, cheiros e pessoas, numa breve demonstração que toda a diversidade de Luanda se podia reunir aqui. Assim era o antigo mercado do Roque Santeiro cujo nome tem origem na telenovela brasileira, e um dia, o maior mercado africano. Ao ar livre, com tapa sóis de zinco por cima de cada banca, criando um labirinto onde estavam expostos milhares de telemóveis, baterias e carregadores *made in China* e longas filas de extensões de cabelos lisos *made in Índia*, tudo com vista para o porto de Luanda, um espaço de apetite para os investidores imobiliários. Assim como as *Kitandeiras*³⁴, mulheres que dão a estes mercados e a tantas esquinas da cidade a *angolanidade* que aos poucos se perde na modernidade associada aos novos tempos, e os vendedores de rua que na interrupta hora de ponta fazem dos seus braços uma autêntica loja chinesa com comida, bebidas, cadeiras, calças, chapéus, pasta de dentes, corta unhas, brinquedos, panelas, CD's com os novos beats do momento e tapetes, muitos tapetes para qualquer divisão da casa.

No entanto, a informalidade não é apenas um fenómeno restrito á população carenciada. Ela está enraizada no modo de vivência do luandense:

*(...) Está também presente ao nível das relações sociais, dos sistemas de comunicação, dos processos de tomada de decisão, desempenhando um papel específico e relevante em relação aos mecanismos de coesão/reprodução das unidades familiares, pondo em jogo redes de solidariedade, modos particulares de sociabilidade, sistemas de valores próprios (...). Sector formal e informal constituem assim os dois subsistemas de um sistema mais amplo que se organiza ele próprio (como acontece em relação a cada um dos subsistemas) em termos de uma lógica de hierarquia e interdependência e cujas fronteiras são difusas, fluidas flexíveis e dependentes do contexto e da conjuntura. Se o subsistema informal é regulado pelo subsistema formal, em relação ao qual é dependente e periférico, também exerce um papel regulador relativamente ao funcionamento do subsistema formal.*³⁵

33 Nome alusivo aos espaços eleitos para o mercado comercial tradicional.

34 Nome atribuído as mulheres que exercem a profissão de venda nos mercados tradicionais.

35 LOPES, Carlos – *Luanda, Cidade Informal? Estudo de caso sobre o bairro Rocha Pinto*, CEA, ISCTE, Lisboa, 1999 p.102-103

fig. 69



fig. 70



fig. 69 - Do autor: Clube náutico na Baía de Luanda.
fig. 70 - Web.O actual centro urbano.

Contrapondo a debilidade de quadros nacionais para as actividades ligadas ao sector formal da economia, as chegadas internacionais³⁶ têm ganho preponderância na última década do milénio para colmatar essa lacuna. Embora Angola esteja cotada na posição 172º no ranking das economias com maior facilidade de negócio³⁷, dado o seu crescimento económico e a crise financeira mundial, estes têm funcionado como catapulta ao investimento estrangeiro. Aliado a este movimento financeiro, a taxa de imigração relembra aquela da época colonial. Salvo algumas excepções, no geral, exige-se às entidades empresariais cotas ao emprego de cidadãos angolanos, no entanto procura-se no estrangeiro o *know-how* técnico que, ainda é curto no âmbito nacional, e com ele, dão-se as primeiras impressões com impacto na organização das estruturas sociais e urbanas.

Com isto, Luanda mostra uma outra face da sua cultura. Encerrada nos crescentes números da riqueza que os sectores mais produtivos da actividade formal proporcionam, - uma referência próxima das actividades que caracterizam a cidade global, e/ou globalização da economia - ela atribui a um número restrito de indivíduos a hipótese de uma sociedade consumista, do qual o urbanismo e a arquitectura são os instrumentos para a construção do cenário para as suas acções. Do mesmo modo, e como será visto no tópico seguinte, a “população informal” vai sendo aos poucos afastada do centro urbano e colocada na periferia, rompendo-se as imagens da tradição luandense.

Uma visão urbana do espaço

Entenda-se primeiro o quão abrangente pode ser a visão urbana. Partamos primeiro para o entendimento do conceito de forma: a aparência ou configuração de um objecto percebido pelo seu exterior. Essa leitura visual é, a partida, condicionada pelo posicionamento do observador em função do objecto. De uma maior aproximação ou afastamento, consideram-se distintas particularidades e importâncias sobre os elementos que o compõem e o modo como estes se articulam. O mesmo se aplica á cidade. Distintas escalas de observação dão origem a certas particularidades sobre o objecto urbano. Podemos considerar uma dimensão territorial, enquanto a base contextual para a escala da cidade, a dimensão urbana referente a escala do

36 Ver, tópico 1.2.2 Crescimento e Densidade Populacional

37 AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012

fig. 71 cidade baixa



fig. 72 Samba



fig. 73

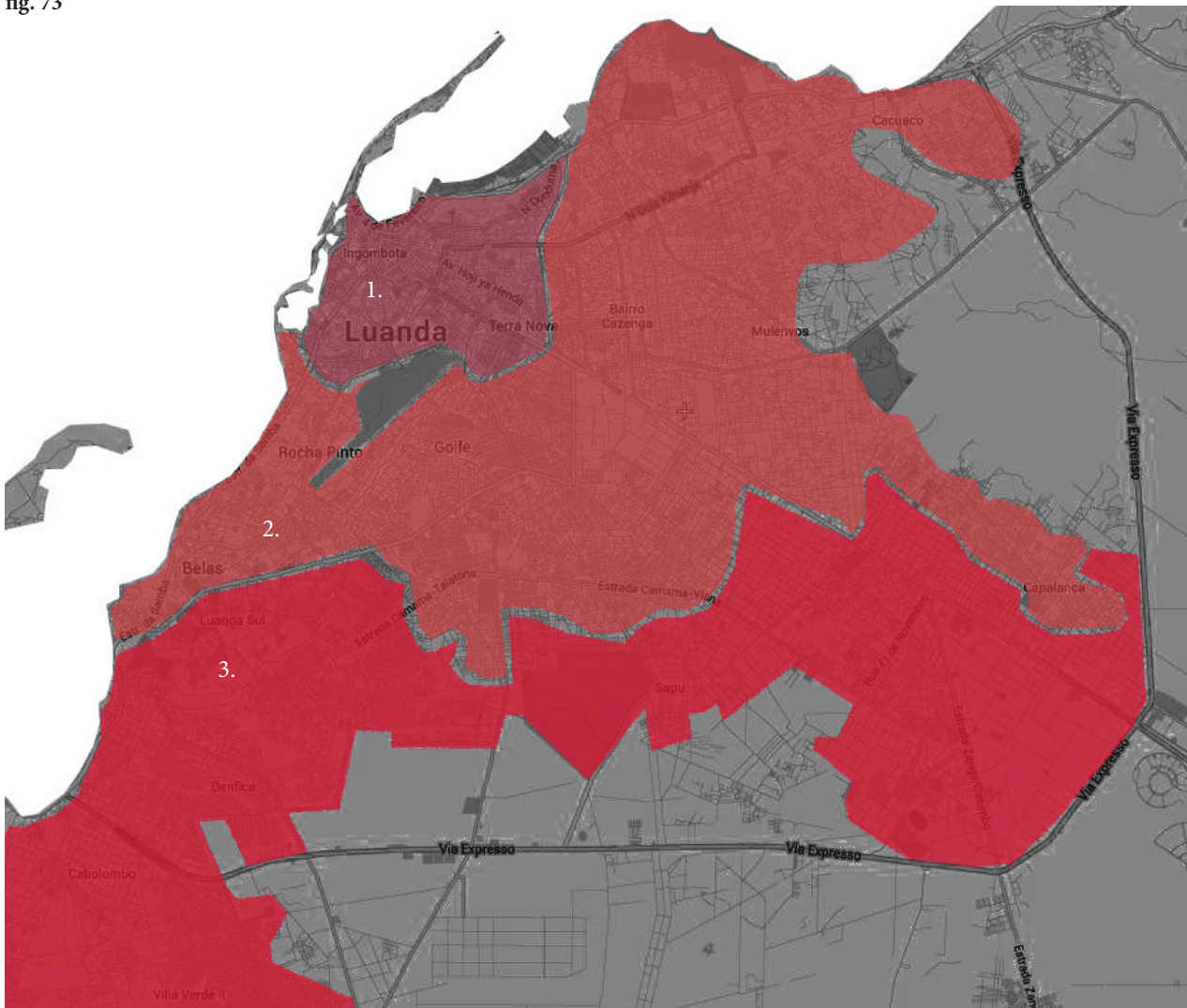


fig. 71 - Cartografia, 1989: Pormenor da malha urbana da cidade baixa

fig. 72 - Cartografia, 1989: Pormenor da malha urbana, município da Samba

fig. 73 - Do autor: Mapa esquemático sobre os 3 anéis de Luanda, 1. cidade formal, 2. cidade informal, 3. nova periferia

bairro, ou, e enquanto unidade mais pequena, a dimensão sectorial, a escala da rua.³⁸ Não se irá tratar uma dessas dimensões em particular, mas antes procurar-se-á criar uma leitura vertical para que o observador – que não pretende ser uma figura estática e limitada a uma distância constante – possa analisar os sucessivos elementos e a sua interligação nos diferentes contextos a que estão circunscritos. Esta actividade de análise constitui-se meramente como suporte á finalidade de conceber uma visão sobre a produção do espaço mediante as suas conjecturas sociais, assim como as problemáticas que poderão nascer dessa observação³⁹.

As cidades de Luanda

A cidade de Luanda tem o seu ponto de partida na urbanização colonial. Disposta no terreno mediante um esquema radial, limitado a oeste pelo Oceano Atlântico, o seu traçado de carácter orgânico – característica comum das cidades da expansão portuguesa – procura ajustar-se á geografia acidentada do terreno, expandindo-se de norte a sul para o interior do território. Embora se possa entender que todos os fenómenos urbanos coabitam no mesmo território, características referentes á qualidade do seu assentamento, definem duas realidades sobre o seu espaço urbano. Não existe um limite claro que distinga uma de outra, se não pelas distintas características do seu assentamento, edificado e grau de compactação.

Consideremos em primeira instância a *cidade formal*. Podemos entendê-la como aquela de carácter compacto e denso na sua ocupação, com maior índice de ordenamento. O seu núcleo forte é formado pela Cidade Baixa e boa parte da Cidade Alta, perdendo o rigor do seu traçado a medida que se expande para o interior, ao longo das principais vias que ligam o centro á periferia, fundindo-se com o que se pode considerar, em segunda instância, como a *cidade informal* – o musseque - cujo carácter resulta de construções aleatórias, desordenadas, maioritariamente ilegais, precárias pelos métodos e materiais de construção – recorrendo ao zinco e fibrocimento para as coberturas, e as paredes ora de tijolo ora de blocos de cimento - levadas a cabo pela população rural que se moveu para a cidade durante o período de guerra civil. Regra geral são áreas carentes de infra-estruturas básicas, com falta

38 Ver, LAMAS, José – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2011, p.73-74

39 O autor não procurou estabelecer uma estrutura rígida para o seu movimento em relação ao objecto urbano, para que qualquer recuo ou aproximação ao mesmo, possa com maior rigor relacionar as partes constituintes do todo.

fig. 74

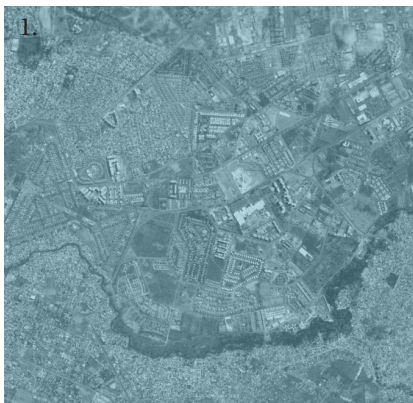
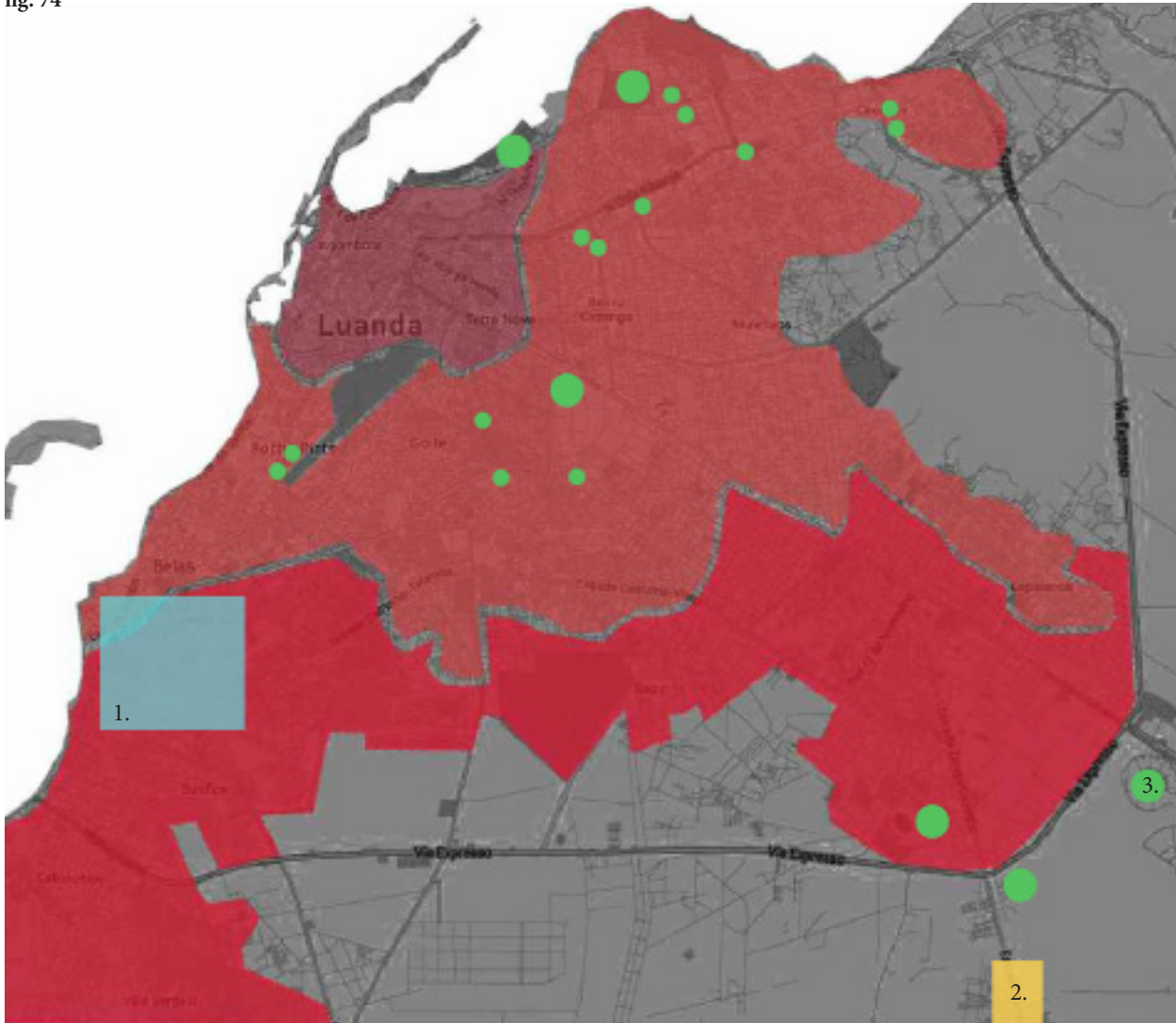


fig. 74 - Do autor: mapa

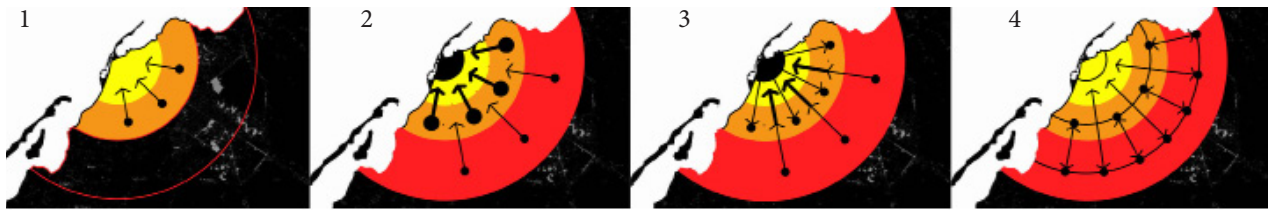
1. Google maps, Luanda Sul - condomínios habitacionais para classe média/alta;
2. Google maps, Zango - sector habitacional para classe média/baixa;
3. Web, ZEE - novo polo industrial. Assinalado a verde as principais indústrias da cidade.

de acesso a água e a electricidade, onde são recorrentes os problemas de drenagem das águas pluviais e de saneamento que, continuamente colocam em risco a saúde pública dos seus moradores. A ausência de iluminação pública, a inexistência de passeios e vias de acesso pavimentadas, formam caminhos irregulares, becos e vielas, pelo que a percepção de organização é algo alheio ao indivíduo exterior á comunidade, resultando numa certa marginalização destas áreas, e á consequente associação destes lugares á criminalidade que se sente no coração da cidade. Contudo, aqui encontramos a maior expressão da actividade informal da sociedade, revelada por uma mescla entre habitação, mercados e todo o tipo de actividades comerciais, colmatando as necessidades das populações de baixa renda. Ainda que sejam assentamentos de carácter denso, alguns vazios podem ser encontrados pontualmente na sua malha confusa, revelando a sua utilidade enquanto espaços públicos para, e da comunidade - caso contrário seriam ocupados – mostrando que por detrás deste aparente caos, existe ordem e critério.⁴⁰

No entanto, actualmente a cidade informal deixou de ser apenas a área considerada pelos assentamentos de musseque periféricos á cidade. Hoje, esta área encontra-se sobre forte expansão construtiva por apresentar menores custos de solo em comparação com o centro. Ela incorpora no seu perímetro exterior as novas urbanizações, possíveis centralidades de controlo á expansão da cidade, maioritariamente dirigidas á classe média/baixa, assim como o contínuo crescimento de condomínios fechados para classe média/alta, regra geral iniciados após o fim da guerra civil. Também neste raio periférico encontramos o ZEE (Zona Económica Especial), constituída pelo polo industrial e comercial que se estende numa área urbanizada de 19.500.000 m², com capacidade para albergar 96 indústrias, dispostas em forma circular em 4 quadrantes principais.⁴¹ Ainda em construção, espera-se que este polo industrial seja gerador de centenas de empregos, numa tentativa de garantir uma descentralização das actividades (com maior presença no centro urbano) atraindo a população para a ocupação dos novos empreendimentos habitacionais circundantes. Estes empreendimentos ainda são desconsiderados pela maioria dos cidadãos. O seu carácter de dormitório, ou seja, de “mono funcionalidade”, implica que a distância entre as urbanizações ao centro urbano, se torne num obstáculo á mudança para a periferia. Assim, o centro urbano continua a ser o lugar de eleição para se viver, pese embora

40 Ver FERRAZ, Susana – *Compreender o Espaço Público Para Requalificar a Cidade – Luanda*

41 Ver <http://www.sondotecnica.com.br/noticia.show.logic?noticia.id=119>



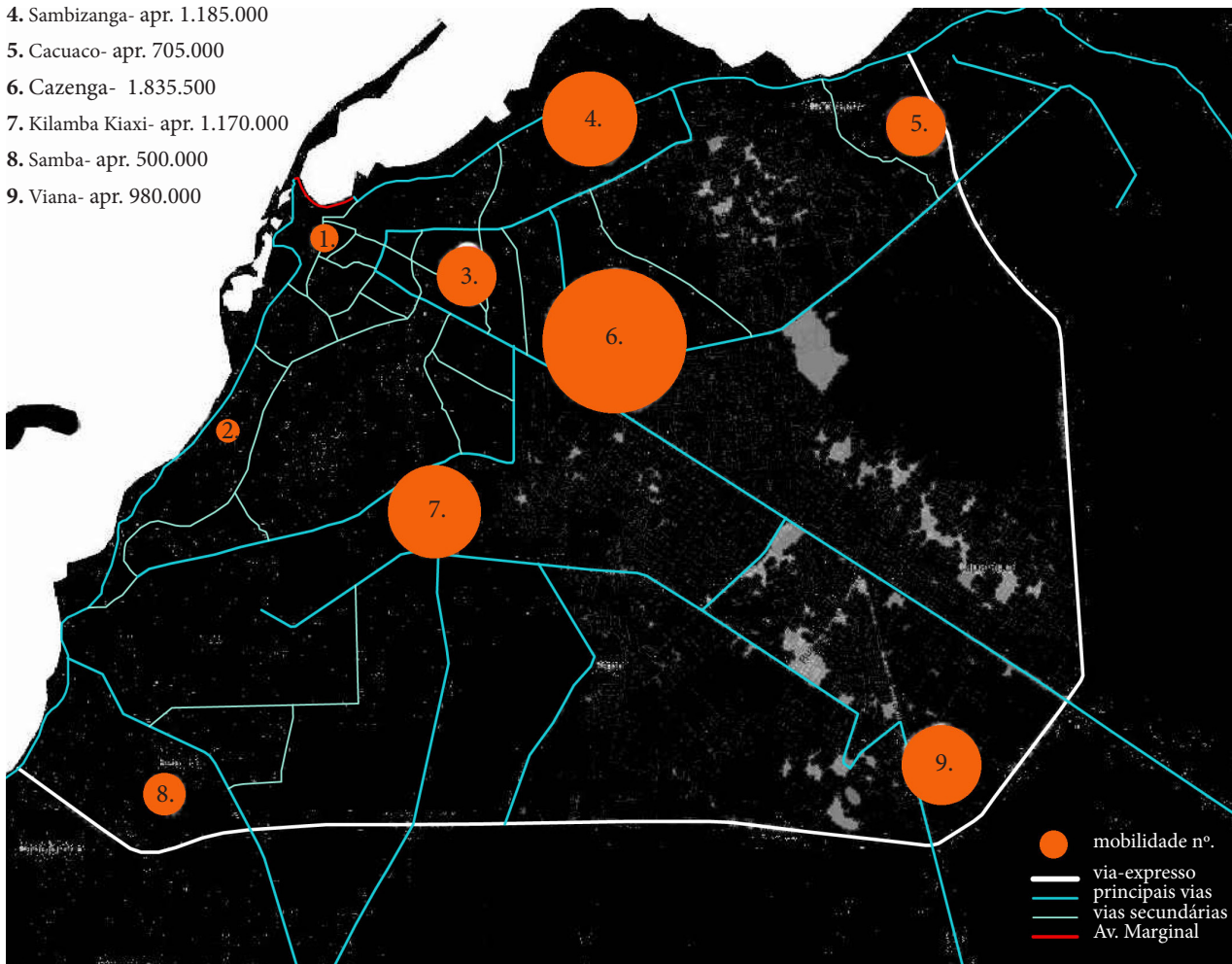
menor fluxo
 maior fluxo

cidade formal
 cidade informal
 nova periferia

fig. 75- Do autor: esquema de mobilidade, 1- 1970/1990 concentração da cidade formal; 2- 1990/2002 nova periferia; 3- 2002/2012 população a mover-se do centro para o exterior periférico; 4- 2012/ (...) os novos programas urbanos, possível descentralização.

1. Ingombotas- apr. 105.000
2. Maianga- apr. 105.000
3. Rangel- apr. 735.000
4. Sambizanga- apr. 1.185.000
5. Cacuaco- apr. 705.000
6. Cazenga- 1.835.500
7. Kilamba Kiaxi- apr. 1.170.000
8. Samba- apr. 500.000
9. Viana- apr. 980.000

fig. 76



mobilidade n.º
 via-expresso
 principais vias
 vias secundárias
 Av. Marginal

fig. 75 - Do autor: mapa esquemático dos fluxos na cidade, centralização e descentralização.

fig. 76 - Do autor: mapa das principais vias da cidade. Assinalado a laranja o n.º médio de deslocações por dia/ pessoa, por município.

os muitos problemas que evidencia desde o período colonial. Planeado e infra-estruturado, aqui concentram-se as principais actividades administrativas, políticas, comerciais, industriais e de serviços. As duas primeiras situam-se na Cidade Alta estendendo-se á Ingombota; as comerciais e os serviços de maior relevância situam-se ao longo da Av. Marginal, sendo que o pequeno comércio formal distribui-se pela Cidade Baixa; A indústria tem maior concentração no bairro do Cazenga, Sambizanga e Viana.

Embora se perceba que, numa escala relativamente próxima ao centro, existe uma distribuição das actividades pelo espaço urbano, estabelecendo um recuo, esse zoneamento na verdade circunscreve-se á leitura do que é a cidade formal, e por essa circunstância, a mesma vê-se “atrofiada” pela incapacidade de distribuir os movimentos citadinos, dado que a centralização dessas actividades origina fluxos pendulares uniformes, acentuados pela larga população colocada na periferia que também depende do centro urbano, resultando em horas-de-ponta constantes. Ampliando as insuficiências e debilidades da rede viária, os arruamentos, pelo seu legado histórico, foram previstos para uma cidade com capacidade para cerca de 500.000 habitantes⁴², de modo que a alta densidade populacional e ocupação do solo, dificultam qualquer projecto de redimensionamento dessas estruturas. Atendendo que a região experiencia altos níveis de precipitação, a escassa existência de solos permeáveis e a débil rede de escoamento, coloca anualmente á cidade níveis de inundaçãõ que originam sérios problemas ao funcionamento e manutenção da estrutura viária. Não obstante, a rede de transportes públicos é deficiente e tem fraca resposta para a demanda, assim, o transporte privado e a informalidade garantida pelos *candongueiros*⁴³ tomam controlo sobre esta lacuna do sistema, sem qualquer norma reguladora para o seu funcionamento, ocupando todo e qualquer espaço passível de ser circulado. Visando o problema do tráfego rodoviário, o GPL (Governo Provincial de Luanda) tem elaborado uma série de projectos de requalificação do sistema viário, alguns já executados e outros em curso.

Em Outubro de 2007 inicia-se a construção da via-expresso, uma cintura rodoviária que articula o bairro de Benfica a sul com o bairro do Cacuaco a norte, passando por

42 Ver MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês – *Moderno Tropical*, Tinta-da-China, Lisboa, 2009, p.26

43 Sistema de transporte colectivo privado muito comum em Angola, cuja função complementa os principais circuitos do transporte público. O mesmo sistema pode, por exemplo, ser visto na cidade do Rio de Janeiro através das *vans*.

fig. 77



fig. 78

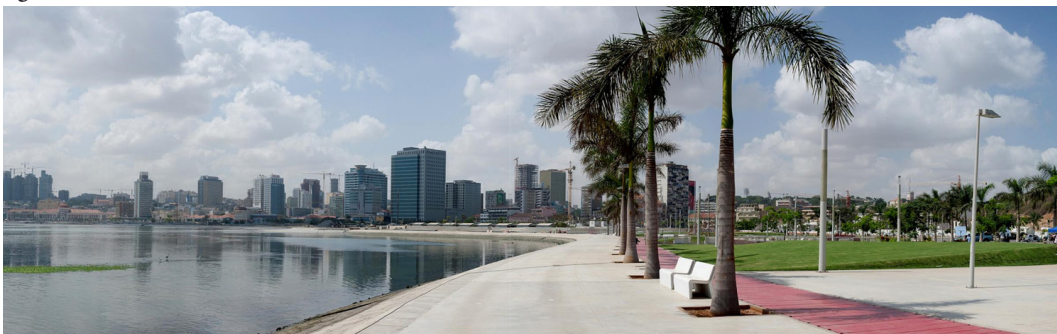


fig. 79



fig. 80



fig. 81



fig. 77 - Web. Via-expresso

fig. 78 - Web. Marginal de Luanda

fig. 79 - Web. Nó viário da Fortaleza

fig. 80 - Do autor. Área técnica da Marginal

fig. 81 - Do autor. Marginal vista da baía

Viana, o eixo central. Esta auto-estrada desenha o perímetro periférico da cidade, procurando facilitar e acelerar a mobilidade automóvel em torno da cidade, descongestionando a via central principal que liga Luanda a Viana. No entanto, promove também um controlo á expansão dos musseques da área informal, assim como potência o desenvolvimento das centralidades dispostas ao longo do seu percurso. Este troço encontra-se actualmente finalizado, e está programado a construção de um troço semelhante com cerca de 3 km de afastamento, delimitando a urbanização do Kilamba Kiaxi e o ZEE, fundindo-se com a via-expresso no município do Cacuaco. Com maior expressão para a imagem do centro histórico da cidade, a requalificação da Av. 4 de Fevereiro (ou Marginal) é outra obra que visa melhorar a circulação rodoviária no coração da cidade. É um local que pela sua história, e posicionamento geográfico tornou-se o cartão-de-visita da cidade e como tal, um lugar privilegiado para as actividades turísticas, de recreio, comerciais e de serviços. Durante largos anos, a concentração destas actividades tornava a única via de rodagem, assim como os estacionamento ao longo da mesma, insuficientes para o volume do fluxo automóvel. As deterioradas infra-estruturas causavam um cenário de cheias durante a época das chuvas, pelo que requalificá-las, e modernizar o sistema de esgotos tornou-se essencial. Após o assoreamento efectuado, a avenida conta actualmente com duas vias de rodagem e bolsas de estacionamento ao longo do seu percurso. Estabeleceram-se ao longo do passeio marítimo inúmeros espaços verdes (68.852m²) árvores e palmeiras (3.017) e uma faixa de ciclovias (2.254m²), entre outros equipamentos de lazer. Consta que futuramente estes relvados poderão também camuflar uma linha de metro ligeiro que fará todo o troço da marginal como solução ao transporte automóvel. Pontualmente ao longo do troço encontram-se áreas técnicas cuja função passa pelo bombeamento dos afluentes do saneamento para o alto mar (e não para a Baía como antigamente), assim como geradores, uma fonte alternativa as sucessivas falhas de electricidade que ocorrem com frequência na cidade.⁴⁴

O Edificado na cidade

Na cidade formal encontramos a maior variedade de tipologias e morfologias do edificado. Em primeira instância consideremos o edificado colonial, que desde o século XVII foi a imagem da cidade de Luanda. Devidas as intervenções de ordem capitalista, e ao desconhecimento do valor que estes edifícios – maioritariamente

fig. 82



fig. 83



fig. 84



fig. 85



fig. 86



- fig. 82 - Web. Cidade Baixa, antigo palácio D. Ana Joaquina, o maior sobrado da cidade.
fig. 83 - Web. Réplica do antigo palácio, após demolição do antigo, e actual Tribunal de Luanda.
fig. 84 - Pormenor de fachada, Rádio Nacional de Angola, Arq. Fernão Simões de Carvalho.
fig. 85 - Web. Edifício da Mutamba, Arq. Vasco Vieira da Costa.
fig. 86 - Web. Prédio do Livro, Cidade Baixa.

sobrados de ordem civil, edificado religioso e administrativo - possuem para a paisagem urbana e memória colectiva, muitos encontram-se obsoletos, abandonados e em estado de degradação, outros já foram demolidos e substituídos por empreendimentos comerciais e de habitação para a classe de alto rendimento. É inegável o valor patrimonial que este edificado possui, alguns estruturados com madeira vinda do Brasil durante o período escravagista, encerram em si uma boa parte do que é *a matriz do urbanismo angolano*.⁴⁵ Estes edifícios encontram-se principalmente na cidade baixa, pois era aquela que abarcava as principais estruturas de apoio ao comércio de escravos.

Decorrente da ocupação portuguesa no período do Estado Novo, outra característica do edificado pode ser registada e identifica-se como “moderno tropical”⁴⁶. As soluções deste edificado remetem para uma aplicação dos conceitos modernistas a um clima tropical, onde se podem destacar elementos morfológicos como os pilotis, que estabelecem áreas de sombreamento para o passeio público, ou o recurso a grelhas ou *brise-soleil* como mecanismo de controlo sobre as altas temperaturas e a incidência solar. A plasticidade do betão encontra-se nas composições das fachadas, altamente ritmadas pela definição de *varandas, caixas e outras saliências*⁴⁷, tratadas esteticamente com diferentes cores e texturas, através de materiais como a pastilha em vidro de variadas cores, azulejos com motivos geométricos, tijolo de vidro, ou ainda seixos como referência aos materiais locais. As tipologias das estruturas decorrentes desta linguagem arquitectónica são variadas e foram testadas nos quatro grandes temas da modernidade: lazer, trabalho, circulação e habitação. De todos, talvez o último seja aquele com maior expressão de abandono e descuido. Muitos destes edifícios após a independência foram ocupados por populações de carácter rural, cujos hábitos eram distintos daqueles promovidos pelo edificado, e dada a ausência de serviços de manutenção e a inexistente noção de cooperação zeladora, actualmente, são poucos os que se encontram em boas condições⁴⁸. Embora tal

45 Ver, MINGAS, Ângela – *Reviver Luanda pelo Património*, Entrevista concedida em 19-02-210, <http://www.opais.net/pt/opais/?det=10122>

46 Título retirado do livro com o mesmo nome, anteriormente referenciado em nota de rodapé.

47 MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês – *Moderno Tropical*, Tinta-da-China, Lisboa, 2009, p.25, p.64

48 Também aqui, a informalidade ganha outro carácter. Embora este conceito seja associado ao assentamento de construção ilegal, também o acto de ocupação ilegal de um espaço urbanizado,

fig. 87

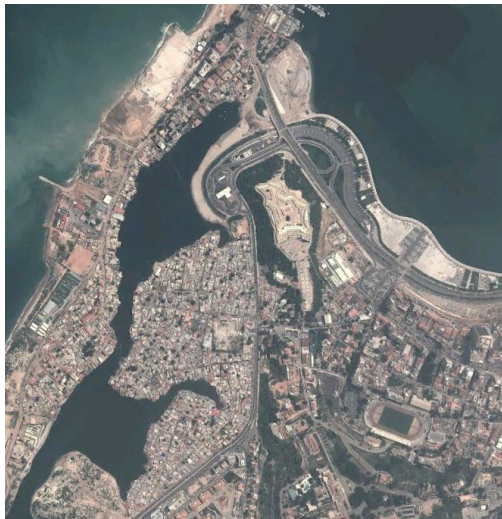


fig. 88



fig. 89



fig. 90



fig. 91

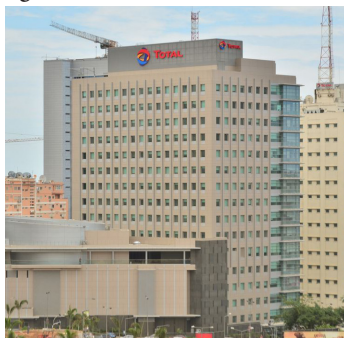


fig. 92



fig. 87 - Google maps: cidade baixa, localização do bairro da Chicala.

fig. 88 - Web. Chicala vista ao fundo, na base da Fortaleza, e extensão do musseque na Praia do Bispo.

fig. 89 - Web. cidade baixa. Torres da ESCOM.

fig. 90 - Web. cidade baixa, Torre Ambiente. T-1 avaliado em aproximadamente 1 milhão de USdollar

fig. 91 - Web. cidade baixa. Edifício da Total

fig. 92 - Web. cidade baixa. Edifício Baía. 42 espaços de escritório, 36 habitações, 3 comerciais

observação seja limitada a um critério meramente estético, visto que a utilização do betão permitiu a criação de estruturas sólidas e duradouras, este fenómeno se visto á escala de todo o edificado urbano, contribui para a imagem de uma cidade degradada, e reforça a ideia colectiva da necessidade de demolição. Em outra perspectiva sobre os elementos que compõem a arquitectura deste edificado, os índices de insegurança a que foram, e estão, sujeitos os moradores, teve reflexo na subversão dos espaços semi-privados do edifício. É corrente assistir a uma serie de dispositivos como portas e gradeamentos de ferro, arame farpado, ou a troca do porteiro por um segurança, medidas de carácter defensivo que transformam o edificado em estabelecimentos prisionais.

De forma mais extremada encontramos nos interstícios do espaço urbano musseques que se tornaram enclausurados na malha urbana após a extensão da cidade, partilhando de características físicas semelhantes com aqueles da área informal, e que actualmente são alvo da forte especulação imobiliária a que o solo está sujeito, muitos estando situados em zonas com alto valor comercial para o sector imobiliário. É o caso daqueles que se estenderam ao longo do bairro do Sambizanga e cada vez em menor número, os que ainda restam ao longo da ilha de Luanda e Chicala.

Acompanhando o ímpeto do *boom* económico a que o país está exposto, e sem que haja um Plano Director moderador da transformação do edificado na cidade, surgem no seio do centro urbano as grandes transformações do edificado de motivação capitalista. Como já foi referido anteriormente, a existência de áreas livres para a construção no coração da cidade são escassas, pelo que a construção em altura do edificado recente tornou-se um mecanismo essencial para rentabilizar os lotes disponíveis – alguns destes adulterados em relação ao antigo loteamento -. Um exemplo claro deste fenómeno pode ser visto na cidade baixa e ao longo da nova marginal. Por ser o local designado para as actividades comerciais mais importantes, grande parte destes edifícios apresentam programas mistos, entre habitação comércio e escritórios. Dados os valores de investimento necessários á consolidação destas estruturas – entre importação de materiais, disponibilização legal do solo, sistemas de infra-estruturas, segurança e conforto qualificados – os preços de arrendamento e venda destes imóveis atingem números exorbitantes, não fosse Luanda a cidade mais cara do mundo!⁴⁹

constitui-se como acção informal.

fig. 93



fig. 94



fig. 95



fig. 96



fig. 97



- fig. 93 - Pomenor de fachada, periferia, musseque do Capari, unidade plurifamiliar.
fig. 94 - Do autor: periferia, estaleiro de obras chinês, centralidade do Cacuo (CIE, linha de crédito chinesa)
fig. 95 - Web. periferia a sul, Condomínio Atlântico Sul, e musseque no pano de fundo.
fig. 96 - Do autor: periferia a norte, centralidade do Panguila.
fig. 97 - Web. O centro urbano visto da Baía de Luanda. Em primeiro plano, a construção da torre ambiente.

Com vista á campanha eleitoral do MPLA, e no âmbito do Programa de Reconstrução Nacional, iniciado em 2002 por iniciativa governativa, propôs-se a construção de um milhão de casas em todo o território angolano sob a tutela do Ministério do Urbanismo e Construção, do qual 115 mil fogos estariam entregues ao Estado, 120 mil fogos ao sector privado, 685 mil enquanto autoconstrução dirigida e 80 mil entregues a cooperativas. No caso de Luanda, este programa enquadra-se no conjunto de novas urbanizações de carácter social colocadas na periferia. Embora seja verdade que o acesso a habitação qualificada é um direito a todo o cidadão⁵⁰, este programa visa principalmente, a remoção das populações localizadas no centro e na periferia mais próxima, constituindo-se uma oportunidade para desocupar estes terrenos para aplicar posteriormente, os sucessivos empreendimentos modernos. Sem grande resguardo pela situação social dos seus habitantes, o bairro do Sambizanga que espera avançar com novas infra-estruturas, é um dos muitos casos que retracta essa situação, contudo, a dificuldade de expropriação das residências, tem adiado o projecto, estando actualmente em avaliação⁵¹. Como tal, estas populações são dirigidas para as urbanizações do limite periférico da cidade, no Pan-guila, Zango, Capari, Viana, Cacucaco e a mais distante, no Km 44, entre outras. As construções destas urbanizações são regra geral de baixa qualidade, variando entre moradias unifamiliares e unidades plurifamiliares sendo que em alguns exemplos, apenas as habitações e alguns programas de serviços estão prontos, enquanto as infra-estruturas básicas como água canalizada, sistemas de saneamento e electricidade, estradas e passeios pavimentados estão por concluir, o que por vezes remete a vivência nestes locais para a experiência do musseque, não fosse o facto de o seu assentamento estar previamente alinhado e organizado.

Se no coração da cidade, as situações extremadas entre musseque e os empreendimentos modernos constitui-se como norma da paisagem actual, a periferia não é diferente. Proliferam os condomínios fechados dirigidos para a classe média/alta, repetindo os modelos dos subúrbios ocidentais, alguns constituídos por moradias unifamiliares e habitação colectiva de alta qualidade (a exemplo, os variados condo-

50 *Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.* NU – A Carta Internacional dos Direitos Humanos, Ficha Informativa nº2, 1995/2004, Artigo nº25, ponto 1, p.31

51 Ver, <http://www.ao.vidaimobiliaria.com/content/novas-infra-estruturas-no-sambizanga-e-cazenga-estao-ser-avaliadas>

fig. 98



fig. 99



fig. 100

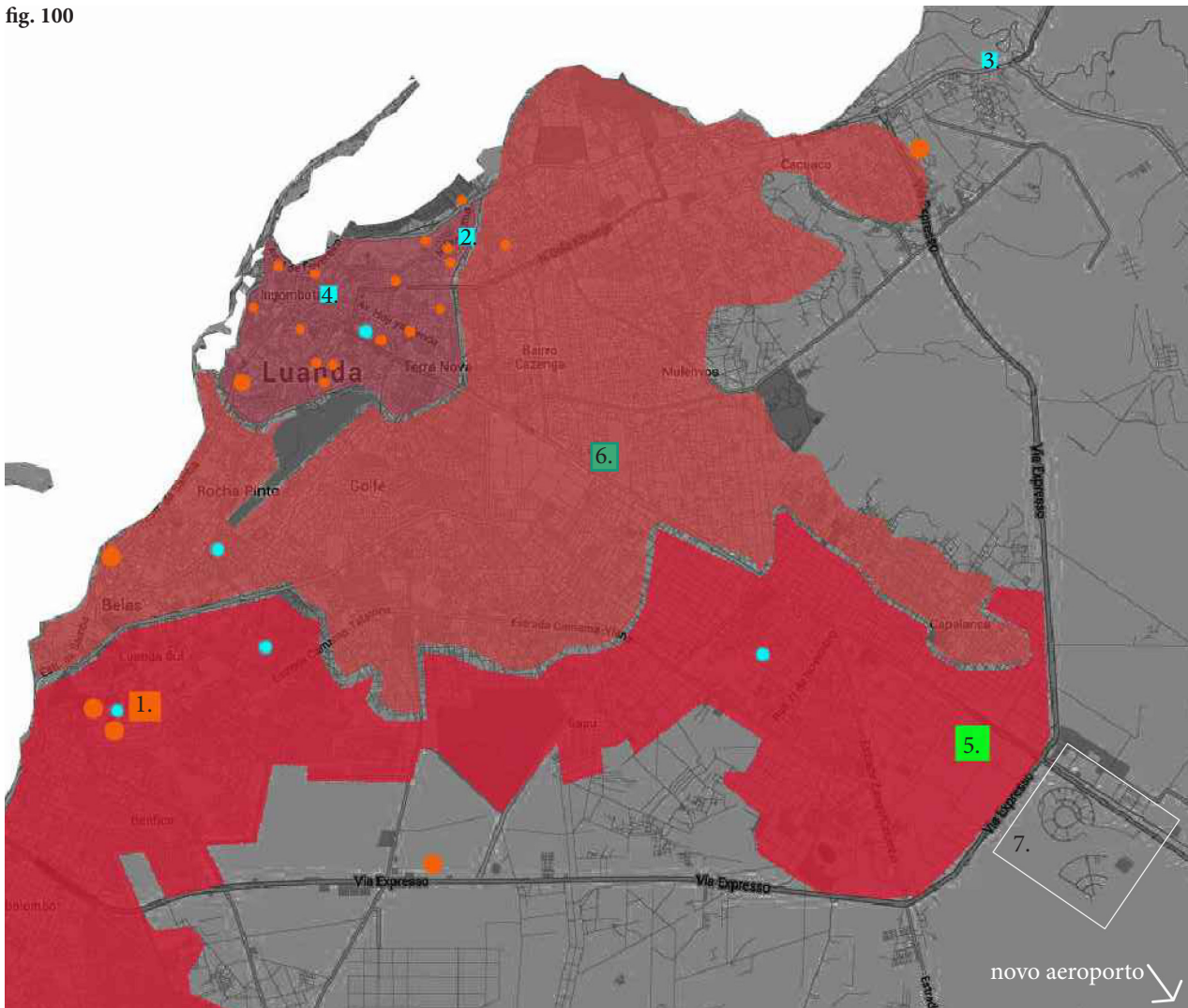


fig. 98 - Do autor: Banca do novo mercado Roque Santeiro

fig. 99 - Web. Belas Shopping

fig. 100 - Do autor: localização dos novos programas urbanos: 1. Hotel e Centro de Convenções de Talatona; 2. antigo mercado Roque Santeiro; 3. Novo mercado do Roque Santeiro (no Panguila); 4. Shopping Kinaxixe; 5. WTC; 6. FILDA; 7. ZEE, polo industrial.

Cada cor está associada ao tipo de programa numerado e descrito acima.

mínios de Luanda Sul, alguns especialmente direccionados a trabalhadores de empresas e multinacionais). Estes assentamentos acarretam a segregação social de que Luanda é alvo, estando alguns em confronto directo com os musseques, não fossem os elevados muros a expressão física máxima dessa dualidade.

Luanda é assim, uma cidade multifacetada no seu assentamento, extremada enquanto reflexo da sua sociedade e debilitada na sua identidade, com contínuos rasgos de tradição mas querendo ser altamente moderna e cosmopolita, como quem mascara um suposto rosto deformado.

Os novos programas urbanos

Paralelo a estes programas essencialmente habitacionais, e condicionado pelas crescentes ligações globais que a cidade estabelece, de carácter empresarial mas também turístico, a oferta hoteleira e programas complementares como bares e restaurantes está em crescimento. Este não é um fenómeno restrito ao centro da cidade mas encontra-se dissipado por todo o território nacional. Em 2006 contavam-se 50 hotéis em todo o país, e no ano de 2010 esse valor subiu para 136. Especificamente em Luanda registam-se pelo menos dez estabelecimentos hoteleiros de topo, dois de 5 estrelas, seis de 4 estrelas e dois de 3 estrelas.⁵² Os principais hotéis apresentam programas direccionados ao sector empresarial, incorporando centros de convenções e outras funções, a fim de concentrar aqui os executivos e agentes empresariais, evitando as demoradas deslocações que o caótico trânsito no coração da cidade.

O crescente desaparecimento dos mercados informais tão característicos da cidade, está intimamente relacionado com o crescente número de superfícies comerciais: os *shoppings* e áreas de retalho. O antigo mercado do Roque Santeiro, por estar colocado numa área atractiva para o sector imobiliário, levou o Governo a criar novas instalações para o seu funcionamento no limite periférico (ver mapa). A verdade é que as bancas promovidas pelo projecto encontram-se vazias dada a obrigação do pagamento de taxas para a sua utilização, e como usual nos costumes informais, os postos de venda dos comerciantes estabeleceram-se no entorno dessas instalações. Contudo, eses mercados são dirigidos á base da pirâmide social. Seguindo o aparecimento de um novo perfil do consumidor angolano – com maior poder de compra - aumentou o número de marcas internacionais disponíveis no mercado, assim, para a inserção destes produtos cujo valor de comercialização é elevado, proliferam

52 Ver, AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.70-71

fig. 101



fig. 102



fig. 103



fig. 104



fig. 105



fig. 101 - Web. Antigo mercado do Kinaxix, Arq. Vasco Vieira da Costa

fig. 102 - Web. Shopping Kinaxix em fase de construção

fig. 103 - Web. Projecto do Shopping Kinaxix

fig. 104 - Web. Hotel Talatona

fig. 105 - Web. Projecto empresarial para a ZEE

as superfícies comerciais *standard* do mundo moderno. Em Luanda, existem cinco centros comerciais. O primeiro a surgir foi o Shopping Chamavo, dentro da cidade consolidada, seguido pelo Belas Shopping (2007) e o Atrium Nova Vida (2012-2013) em Talatona, o Ginga Shopping (2011) em Viana, e o Nosso Centro (2012) no distrito da Samba. O carácter de dispersão pelo território destes últimos estabelecimentos, procura ser por um lado, um meio de aproximação as novas centralidades, assim como de tornar essas mesmas centralidades mais atractivas para a população de classe média/alta que ainda reside no centro.

No entanto, afiguram-se outras estruturas comerciais para o centro da cidade. É o caso do Shopping Kinaxixe (ver mapa da página 94). Este empreendimento já está em fase de construção, substituindo o antigo mercado (demolido em 2008) que se apresentava em fase de degradação (pelo menos aparente), após ter sido abandonado e encerrado no entorno com chapas de zinco, tornando-se um lugar apelativo á ocupação delinquente e conseqüente estigmatização colectiva.

Ainda em fase de projecto, o Shopping Fortaleza surgirá na cota baixa da Fortaleza de S.Miguel, bem no coração da cidade histórica, cercado de programas turísticos, culturais, habitacionais, mas sobretudo por ser o centro financeiro, o que certamente terá influenciado a decisão sobre a sua localização.

As grandes superfícies de retalho também têm surgido com preponderância, e acompanham a lógica de zoneamento dos *shoppings*. Entre os principais projectos em execução, o WTC⁵³ (World Trade Center, ver mapa da página 94) de Luanda apresenta-se como o mais significativo. Estará localizado a 20 km do centro de Luanda, no cruzamento da estrada de Luanda-Viana com a via-expresso, relativamente próximo a ZEE, um local que se assegura como um dos principais pólos de desenvolvimento urbano. Este projecto pode equiparar-se a uma nova centralidade, visto que na sua área de implantação de 100 hectares estipulam-se 143 lotes, dos quais 5 são para serviços, 4 para comércio, 4 para habitação, 5 para equipamento e 120 para indústria (ver, fig.106).

Enquanto veículo de transmissão de valores das marcas, assim como para a apresentação de produtos e da sua viabilidade comercial, a FILDA⁵⁴ (Feira Internacional de

53 O World Trade Center Luanda – Angola é membro efectivo da World Trade Centers Association desde 29 de Setembro de 2002, data em que a licença do World Trade Center Luanda – Angola foi aprovada pelo Conselho de Administração da World Trade Centers Association, em Halifax, Canada. (...)O objectivo principal do World Trade Center Luanda – Angola é a promoção do comércio em Angola, com a região e o mundo. Ver, <http://www.wtcluanda.com/>

54 Empresa privada com capitais privados e públicos, EXAME, revista – Filda, 30 anos de

fig. 106



fig. 107

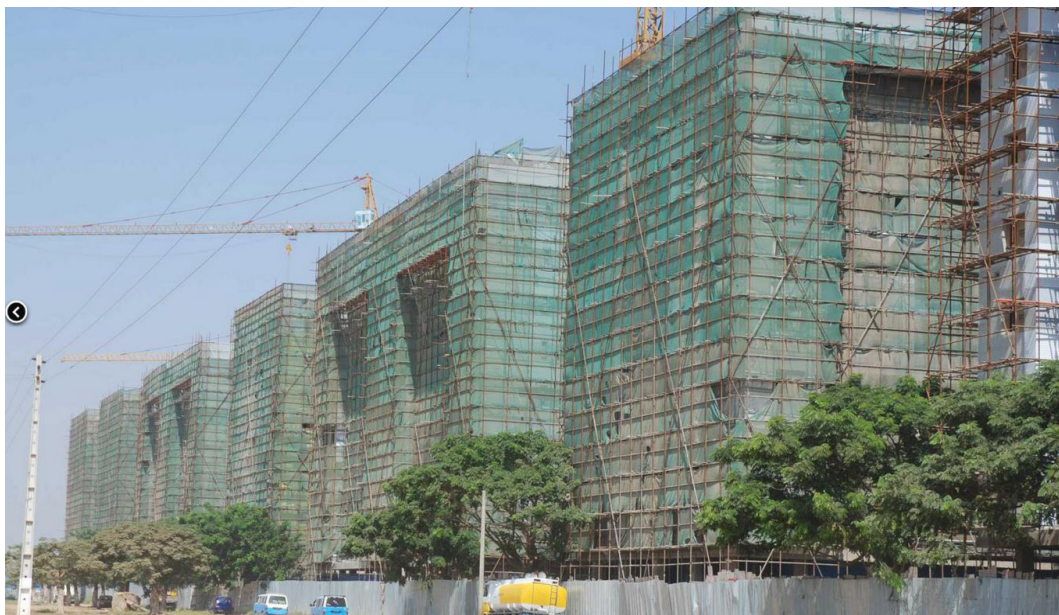


fig. 106 - Web. WTC, periferia, próximo ao ZEE

fig. 107 - Web FILDA, no sector da cidade informal, estrada de Luanda-Viana

Luanda) constitui-se como o programa principal para essa finalidade. As instalações actuais não são recentes e datam de 1970. *Há dificuldades nos acessos e no fornecimento de água e energia (recorre-se aos inevitáveis geradores e camiões cisterna). Os pavilhões estão muito separados, A factura de climatização é elevada. Cerca de 70% dos gastos são para manutenção e apenas 30% para a organização da própria feira.*⁵⁵ Contudo, o maior centro de feiras de África⁵⁶ tem o dever de responder com qualidade às necessidades de um espaço para a interacção dos principais agentes comerciais nacionais e principalmente internacionais. Como tal, está projectado um novo parque que contará com três hotéis, um centro de congressos, zona comercial, escritórios, restauração, parque de diversões, arena multiusos e residências para funcionários. Este empreendimento ainda não tem lugar definido, podendo instalar-se ou em Viana, juntando-se aos outros programas acima mencionados, ou no Cazenga, no centro da cidade, o município mais populoso da cidade e que conta com uma classe maioritariamente média/baixa, *algo que poderia alavancar o crescimento do município*⁵⁷, mas certamente não dos municípios.

Para finalizar, e sendo provavelmente o programa com maior impacto para o desenvolvimento das centralidades periféricas, o CIF⁵⁸ (China international Fund) esta encarregue das obras do novo Aeroporto Internacional de Luanda. Situado aproximadamente a 40 km do centro urbano, este projecto terá uma área de 160 mil m², o maior aeroporto em África, com capacidade para aproximadamente 13 mil pessoas por ano. Algumas críticas têm sido levantadas á localização do aeroporto, por estar demasiado afastado do actual centro urbano, contudo, aparenta ser uma estratégia a médio/longo prazo visando o desenvolvimento urbano da periferia, seguindo a lógica dos empreendimentos anteriormente referidos.

sucesso, nº 39, Julho 2013, p.25

55 EXAME, revista – *Filda*, 30 anos de sucesso, nº 39, Julho 2013, p.21

56 Id., Ibid, p.21

57 Id., Ibid, p.22

58 A China International Fund foi criada em 2003 e está sediada numa morada em Hong Kong, na China. Faz parte do chamado grupo de Queensway e entrou em Angola numa altura em que o país estava ainda a recuperar da guerra civil e precisava de infra-estruturas. Silva, Guilherme – “Negócios da China” com cunho angolano in <http://www.dw.de/neg%C3%B3cios-da-china-com-cunho-angolano/a-6648933>

3. Sintomas de Cidade Global

Vi a minha cidade tornar-se africana. Vi os orgulhosos prédios da baixa – que a burguesia colonial abandonou dias antes da independência – serem ocupados pelos deserdados dos musseques. Vi-os (aos deserdados) criarem galinhas dentro das despensas, cabritos nos quartos e a acenderem fogueiras no meio dos salões com bibliotecas deixadas pelos colonos. Vi mais tarde esses mesmos deserdados a abandonarem os apartamentos em ruínas, a troco de fortunas (alguns) ou meia dúzia de tostões (outros), sendo substituídos pela novíssima burguesia urbana, ou por expatriados pagos a peso de ouro.

José Agualusa, *Barroco Tropical*

A consolidação das cidades globais é entendida, nesta literatura, não apenas com referência á escala global, onde novas ligações mundiais são estabelecidas entre cidades. Com a mesma relevância, pesquisadores deste campo sugeriram que o processo de formação da cidade global também implica significativas transformações sociais, tecnológicas e espaciais á escala urbana, no seio das cidades, e com as regiões metropolitanas circundantes. De acordo com os pesquisadores das cidades globais, a globalização do desenvolvimento urbano gerou poderosas expressões no ambiente construído.¹

Certamente que o último texto do tópico anterior² já deixou algumas indicações sobre as transformações do ambiente construído, decorrente da influência dos agentes internacionais no território. São passos para a consolidação da cidade enquanto espaço global, no entanto, outros sectores da sociedade devem ser observados para que se perceba a extensão desta transformação, e consoante a maior ou menor qualidade e diversificação desses sectores, mais perto estaremos de estabelecer um posicionamento correcto de Luanda enquanto cidade global, ou periférica. Neste sentido, sete aspectos foram escolhidos para identificar os mecanismos sistémicos que dão forma á cidade global, dos quais alguns sugerem a influência sobre outros centros urbanos, e outros limitam-se às relações dentro da cidade.

1 BRENNER, Neil; KEIL, Roger - *From Global Cities to Globalized Urbanization*, in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p. 604. Traduzido do autor: *The consolidation of global cities is understood, in this literature, not only with reference to the global scale, on which new, worldwide linkages among cities are being established. Just as importantly, researchers in this field have suggested that the process of global city formation also entails significant social, technological and spatial transformations at the urban scale, within cities themselves, as well as within their surrounding metropolitan regions. According to global cities researchers, the globalization of urban development has generated powerful expressions in the built environment.*

2 Ver, *os novos programas urbanos*, in 2.2.4 Uma visão urbana do espaço

Sede de grandes companhias

Para que uma cidade se possa considerar pertencente a rede dos fluxos económicos globais, entre outros factores, ela precisa materializar no seu território a presença de sedes ou filiais dos principais conglomerados e multinacionais, ligados a funções centrais com sede nas principais cidades globais. Tal mecanismo possibilita a relação entre as entidades internacionais com o mercado nacional, facilitando o investimento estrangeiro, as trocas de informações e de capital que caracterizam a acção da economia mundial.

No caso de Luanda, e visto que o sector petrolífero é aquele com maior peso na actividade financeira do país, observamos que grande parte das multinacionais presentes no território estão associadas a esta actividade, quer directa ou indirectamente. Contudo, outras entidades estão também em crescimento, relacionadas as actividades de consultoria, auditoria, serviços, etc.

Destacam-se as seguintes:

Sector petrolífero: ExxonMobil (EUA), BP (Inglaterra), Chevron (EUA), Total (França, La Défense), ENI (Itália), Statoil (Noruega), Petrobras (Brasil);

Sector de serviços: SinoHydro (China), ABB (Suíça), Petromar – Sonangol (Angola) + Saipem (ENI Group), FMC (EUA), Baker and Hughes (EUA), Schlumberger (EUA), Halliburton (EUA), Cameron (EUA), Technip (França), MotaEngil (Portugal), Soares da Costa (Portugal), Teixeira Duarte (Portugal), De Beers (Luxemburgo); DHL (Alemanha), Sonamet – Sonangol (Angola) + Subsea 7 (Inglaterra);

Sector de consultoria: Collier International (EUA), Jones Lang LaSalle (EUA), Dar-Al-Handasah (Líbano), Deloitte (Inglaterra).

A grande maioria das multinacionais acima assinaladas, possuem escritórios na cidade. No caso da De Beers, Total e Sonangol (nacional), estas empresas possuem um edifício restrito às suas funções. Em outros casos, como da Halliburton a Baker and Hughes, ABB e Cameron, estas partilham a mesma base da SONILS (entidade nacional).

Bolsa de valores que possua influência da economia mundial

Saskia Sassen indica, que a *integração de um maior número de mercados de acções tem contribuído para o aumento de capital passível de ser mobilizado através desses mercados*³. Deste modo, para a consolidação de um mercado de acções, a cidade tem que estabelecer uma bolsa de valores por onde essas acções possam ser transaccionadas, ou por outras palavras, facilitar o investimento estrangeiro no mercado nacional. Luanda não tem ainda uma bolsa de valores activa no mercado. O tema tem estado em discussão desde a primeira década do milénio, tendo sido sucessivamente adiado o seu lançamento por parte do Governo, pois, segundo o Governo, a maior parte das empresas angolanas não preenchem os pré-requisitos para estarem cotadas.⁴ Contudo, está previsto que em 2016 assistiremos a criação do mercado de capitais de Luanda, um anúncio comunicado pela CMC (Comissão do Mercado de Capitais) angolana, citado pela Reuters.⁵ Cruz Lima, antigo coordenador da CMC, garante que *a Bolsa de Luanda tem potencial para ser a terceira maior do continente após a da África do Sul e da Nigéria*.⁶

Embora Angola/ Luanda, não possua uma bolsa de valores activa no mercado, os movimentos transaccionais, principalmente os petrolíferos, têm uma forte componente de integração na comunidade Internacional. *O petróleo representou 97.5% das exportações do país em 2010 (...) a China respondeu por 43.1% das exportações de Angola, seguida dos EUA (23.2%), da Índia (9.2%), da França (4.0%) e outros (20.5%)*.⁷ No caso da China, a exportação do petróleo é a contrapartida para a linha de crédito chinesa financiadora de grande parte dos empreendimentos no sector da construção.

3 SASSEN, Saskia – *The Impact of the New Technologies and Globalization Cities*, p. 557 in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) – *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p.557. Traduzido do autor: *The integration of growing number of stock markets has contributed to raise the capital that can be mobilized through stock markets.*

4 Ver, <http://www.dinheirovivo.pt/Mercados/Artigo/CIECO160450.html>

5 Id. Ibid.

6 O País Online - http://www.opais.net/pt/opais/?det=15788&id=1847&utm_medium=referral&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_content=Not_cias

7 BafD/OCDE - Angola, *Perspectivas Económicas em África*, 2012, p.8

fig.109



fig. 110



fig. 109 e 110 - Do autor e Web. Edifício sede da Sonangol. A sua fachada, por ser envidraçada e voltada ao quadrante Noroeste (com maior incidência solar no período da tarde), obriga ao funcionamento dos sistemas de ar-condicionado a tempo inteiro. O topo do gaveto é rematado por um painel digital em funcionamento durante a noite. A rede elétrica não é suficiente para alimentar o edifício pelo que, o recurso ao gerador é uma constante.

Qualidade dos serviços urbanos: a energia

Distintos sectores do serviço público poderiam ser analisados dentro deste aspecto, contudo, assumindo que a cidade global molda-se em torno de serviços que permitam a rápida mobilidade de informação e capital (na sua essência), esta observação centra-se unicamente no serviço de electricidade – enquanto base de alimentação dos sistemas computadorizados –.

O legado bélico teve forte impacto na deterioração das estruturas eléctricas por todo o país. Desde 2002, o governo tem promovido avanços substanciais para restaurar e reconstruir estas infra-estruturas visando aumentar a capacidade de produção eléctrica que, actualmente, apenas assegura o fornecimento a 30% do total da população.⁸ Como tal, a incapacidade eléctrica na cidade não só contribui para diminuir a qualidade de vida dos seus cidadãos, como constitui um impedimento, ou, dificulta, a expansão e diversificação das actividades laborais, tanto públicas como privadas. Por outro lado, a dependência sobre o gerador encarece drasticamente os custos de produção, afectando a competitividade das empresas nacionais, atrasando o desenvolvimento da indústria local.

Os inquéritos do BM sobre o clima de investimento em 2010 mostram que as empresas registaram 6 interrupções por mês de abastecimento eléctrico, com uma duração total de cerca de 14 horas. No cômputo global, 36 dias foram passados sem electricidade em 2010. Consequentemente, a maioria das empresas localizadas nas grandes cidades dispõe do seu próprio gerador eléctrico, de modo a compensar o fornecimento descontínuo de energia pública.⁹ Consta que 68% das empresas contam com geradores a diesel privados.¹⁰

Deste modo, todo e qualquer espaço em uso, de maior ou menor renda, tem um gerador. Com maior ou menor potência, com maior ou menor nível de decibéis, estes fortalecem a composição sonora da cidade e constituem um problema para a qualidade da atmosfera do espaço urbano. Não obstante, dadas as elevadas temperaturas anuais, a maioria dos edifícios, tanto habitacionais como empresariais, apresentam um número elevado de ar condicionados. Em alguns casos, a massificação deste sistema obriga a utilização dos geradores a tempo inteiro como suporte á corrente

8 Ver, AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.77

9 Id., Ibid.

10 BAfD/OCDE - Angola, *Perspectivas Económicas em África*, 2012, p.5

fig. 111

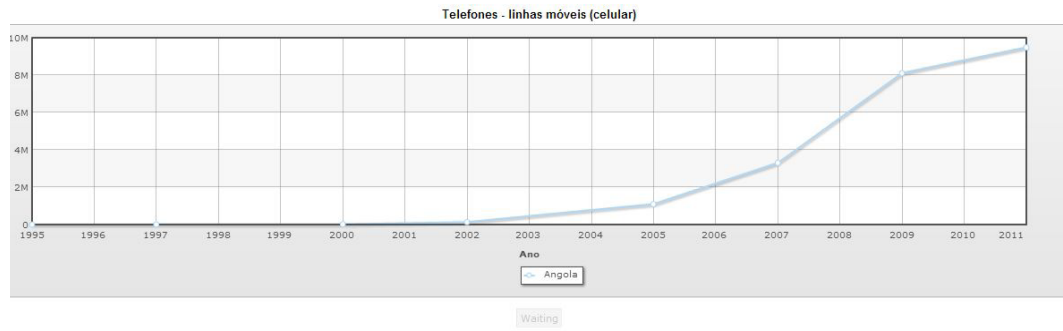


fig. 112

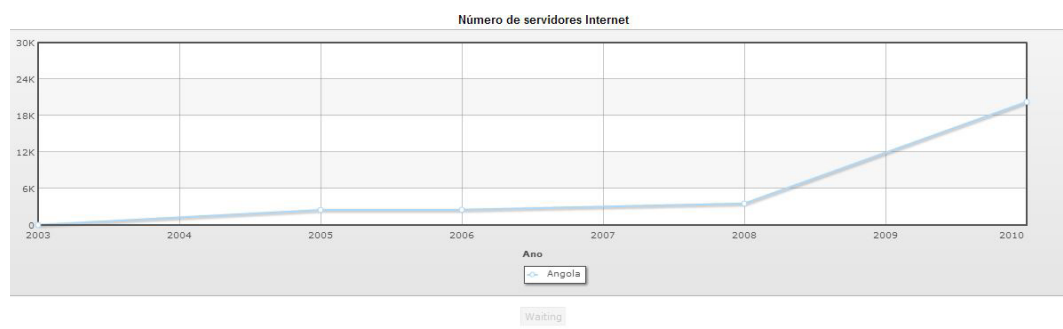


fig. 113

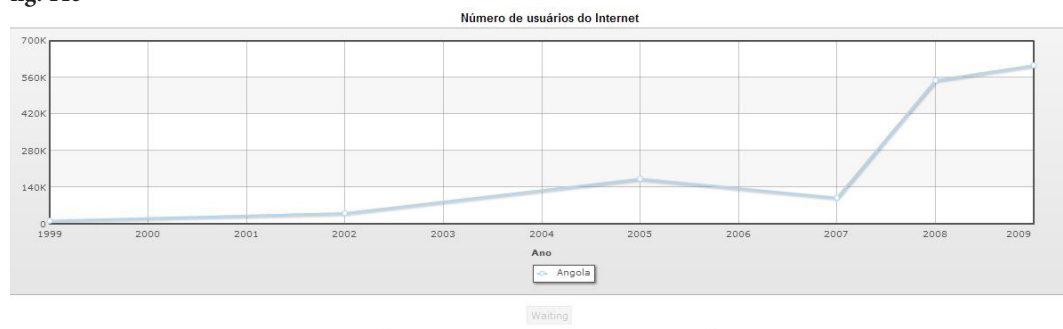


fig. 111- Web. Quadro estatístico, nº de linhas móveis.

fig. 112 - Web. Quadro estatístico, nº de servidores de internet.

fig. 113 - Web. Quadro estatístico, nº de utentes de internet.

eléctrica, revelando o descontrolo, ou talvez, a ausência de um estudo sobre o contexto onde estes projectos arquitectónicos se inserem.

Sector de telecomunicações

Este será porventura o sector de maior relevância para a aceleração das conexões entre Luanda e o mundo. Tanto á escala global como á escala terrena, o desenvolvimento dos sistemas comunicativos promove um maior contacto entre pessoas e as suas actividades profissionais, gerando melhores condições para efectuar negócios, seja qual for o sector em causa.

Como em tantos outros sistemas de serviços de Luanda e do país, também o sector de telecomunicações sofreu severos danos nas suas estruturas, devido ao longo período de guerra. Os danos na rede fixa associado a necessidade do indivíduo em estabelecer ligações fora da área doméstica, conduziram ao avanço das comunicações móveis, que durante o período militar recorreu aos Walkie-Talkies como único mecanismo para tal efeito. Actualmente o cenário é bem diferente. Desde 2002 até 2011, o número de telemóveis em circulação passou de 130 mil unidades para aproximadamente 9.500 milhões, contando em 2012 com cerca de 13 milhões de subscritores.¹¹ Este avanço teve como base o surgimento das duas operadoras de telecomunicações móveis: A MOVICEL (entidade angolana, presente no mercado desde 2003), e a UNITEL (parcialmente detida pela Portugal TELECOM, constituída em 1998, em operação no mercado desde 2001).

Além destas operadoras móveis, Angola conta com a Angola TELECOM (empresa estatal de serviços de telecomunicação e internet fundada em 1992), a TV Cabo (grupo ZON, subsidiária da Angola TELECOM, dirigida á programação e transmissão televisiva e radiofónica, em operação desde 2006), a Multitel (entidade angolana de serviços de internet em operação desde 1999) e a Elta (entidade angolana fundada em 1998, que funciona como directório online de listas telefónicas e contactos web).¹² Para além destas operadoras, foram licenciadas outras quatro: Mercury (operadora inglesa, actual MS Telecom, afiliada com a Sonangol), Nexus (operadora suíça, pertencente ao grupo MS Telecom), Mundo Startel (entidade angolana com parceria da Telecom Namibia) e Wezacom (actualmente extinta e parcialmente

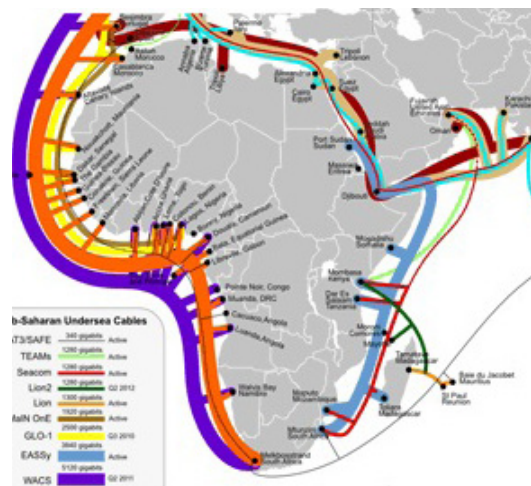
11 Ver, AfDB – *Angola, Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.52

12 Id., *Ibid.*

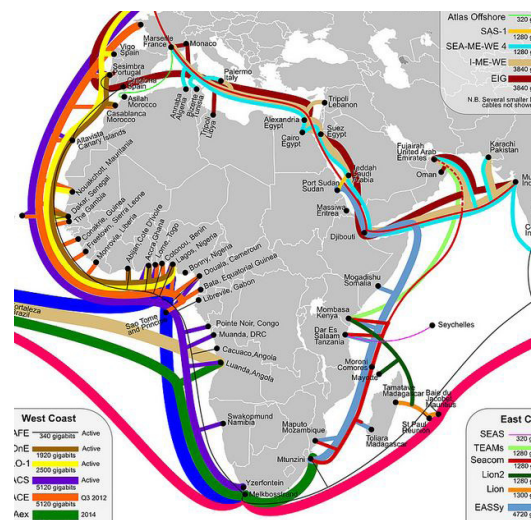
fig. 114



2009



2012



2014

fig. 114 - Web. Desenvolvimento do sistema de fibra óptica conectando Luanda

comprada por uma entidade brasileira).¹³

Apesar das reformas neste sector o nível de concorrência permanece baixo, que aliado á intermitência dos serviços de energia, contribui para níveis baixos na qualidade e eficiência dos serviços.

A melhoria dos serviços de internet são o próximo grande desafio para o país. Dados de 2009 mostram um único cabo de fibra óptica que liga a Europa e a costa atlântica africana. O Plano Director de Angola para o desenvolvimento das telecomunicações estipula a criação de dois novos cabos: o cabo entre a costa africana e Europa (ACE – Agrupamento Complementar de Empresas) e o sistema de Cabo da África Ocidental (WACS – Western African Cable System), visando potenciar a capacidade e velocidade de transmissão de informação. Está estipulado também uma parceria com a Telebrás (entidade brasileira) para a instalação de um cabo que ligue a cidade de Fortaleza a Luanda, fornecendo uma rota mais curta, melhorando assim as trocas e a cooperação no hemisfério sul, região que se avizinha como uma potência emergente.¹⁴

Qualidade dos centros universitarios

A formação do cidadão é um factor fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade independente. Como tal, o acesso ao conhecimento é um passo fulcral para a qualidade e diversidade das actividades profissionais, do qual as universidades e centros de pesquisa, são o instrumento formal para a consolidação desses valores. No caso de Luanda, existe um défice no campo de recursos humanos instruídos, de modo que os quadros nacionais são largamente colmatados por indivíduos contratados ao estrangeiro, ou pela minoria de angolanos que teve hipótese financeira para exercer estudos no estrangeiro. Esta foi, e ainda é, a principal tendência para o ensino qualificado e integração no mercado de trabalho, e deve-se á preocupante qualidade do ensino universitário.

Contudo, têm sido efectuados esforços por parte do Governo para promover melhorias no ensino superior, principalmente a nível de estruturas para a actividade de formação.

Angola conta com cerca de 31 universidades e instituições de ensino superior¹⁵, sen-

13 Ver, <http://www.angola-today.com/country-profile/industries/telecommunications/>

14 Ver, AfDB – *Angola, Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.54

15 Ver, http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_universidades_em_Angola

fig. 115



fig. 116



fig. 117



fig. 115 e 116 -Web. Vista da primeira fase, concluída, da Universidade Agostinho Neto, Cidade Universitária.
fig. 117 -Web. Rede ferroviária existente e a tracejada, a futura ampliação. Plano director de Transportes de Luanda, SPandD

do Luanda o principal polo universitário do país, contando com 19 unidades (15 delas privadas).

A Universidade Agostinho Neto, de ensino público, foi fundada no tempo colonial e é aquela que dispõe uma maior oferta de cursos de licenciatura (68)¹⁶. Todavia, as várias faculdades funcionam de forma dispersa no casco histórico da cidade de Luanda. Assim, elaborou-se o projecto para a primeira Cidade Universitária, a desenvolver-se em três fases, com capacidade para 40 mil estudantes¹⁷. Já estão concluídas as áreas destinadas à biblioteca, aos departamentos de física, matemática, química, e as próximas fases prevêem a edificação dos departamentos de ciências e engenharias, petróleos, ciências medicinais, enfermagem, farmácia, assim como a edificação de um hospital, e a finalização do núcleo agrícola e centros de dados. Posteriormente serão inseridos os sectores de arquitectura e belas artes, geologia, direito, agricultura e economia. O projecto será finalizado com a construção de internatos para aproximadamente 13 mil estudantes e cinco mil residências para docentes e funcionários.¹⁸

Diversidade e qualidade das redes de transportes

Embora a cidade global tenha os sistemas de comunicação como o instrumento fundamental para a sua acção, não obstante, a rede de transportes é uma variável estratégica do desenvolvimento económico, contribuindo para completar, de modo secundário, os sectores subsequentes da actividade global. Os transportes permitem assim, a acessibilidade dos agentes aos mercados e vice-versa, do mesmo modo que determina novos investimentos que dos transportes se servirão. No caso de Luanda, o crescimento económico parece dividido sobre duas frentes: uma que se relaciona com o exterior, predominando as actividades ligadas a exportação e ou importação de bens, pessoas e capital, por outro, ela é o coração económico do país, fase em que se vira nitidamente para o suporte ao mercado interno. Assim, entendemos a importância da rede de transportes enquanto instância de apoio a economia, nas relações que estabelece dentro da cidade, entre a cidade e as demais regiões do país, e da cidade com o espaço internacional. Em sequência do período militar, a degra-

16 Ver, <http://www.uan.ao/pt-pt/actividade/cursos/o-que-oferecemos.aspx>

17 Ver, http://sol.sapo.pt/inicio/Lusofonia/Angola/Interior.aspx?content_id=17452

18 Id., Ibid.

fig. 118

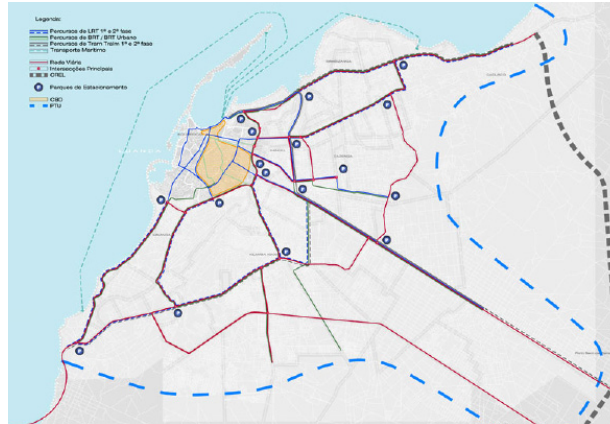


fig. 119



fig. 118 - Web. Rede de transportes marítimos e terrestres previstas
fig. 119 - Rede ferroviária entre regiões.

dação das redes de transportes isolaram Luanda das restantes regiões do país, assim como no coração da cidade, o aglomerado populacional e a falta de manutenção das infra-estruturas ampliaram as dificuldades de mobilidade. Desde 2004, O Governo angolano tem investido na reabilitação dos sistemas rodoviários e ferroviários, *na sua maioria financiados por empréstimos e linhas de crédito chinesas*¹⁹.

Na cidade: O PDDL (Plano Director de Transportes de Luanda), elaborado pela SPandD²⁰ contempla um leque de soluções para uma distribuição mais equilibrada dos fluxos dentro da cidade, articulando a área formal, informal, e nova periferia. Está projectada a criação de corredores e linhas BRT (bus) ao longo da linha costeira expandindo-se de forma radial para a periferia. A rede ferroviária percorrida pelo metro urbano será ampliada e segue a mesma lógica do BRT, enquanto a actual ferrovia existente, que liga o Porto com a estrada de Luanda-Viana, articular-se-á com um novo percurso paralelo á via-expresso, que será assegurado por uma linha de Tram Train (comboio). A maior novidade será o transporte marítimo como alternativa aos constrangimentos rodoviários. Espera-se que esta actividade arranque em 2014, que contará com sete terminais dos quais três já estão em fase conclusiva²¹, articulando as regiões sul e norte com a ilha e marginal de Luanda.

A cidade e as regiões: Os transportes, ferroviário e rodoviário, procuram recuperar do retrocesso aplicado pela guerra, pelo qual as ligações aéreas foram o principal instrumento de ligação de Luanda com as restantes cidades. Estima-se que em 2001 o país contava com 51.000 km de estradas, e hoje, esse valor subiu para 62.560 km (dados de 2010)²², um esforço que tem sido financiado por fundos públicos e crédito estrangeiro, envolvendo empresas de construção estrangeiras. No que respeita aos caminhos-de-ferro, estão em reabilitação os três principais circuitos do período colonial. O troço de Luanda a Malange com 425km já reabilitado está operacional. O Segundo troço, na região centro, liga a cidade do Lobito ao Huambo terminando na fronteira com o Congo, na cidade de Luau. Dos 1.347 km reabilitados, apenas 246km estão operacionais. O último troço, na região sul, liga o Namibe com Techamutete, um ponto central para as três províncias mais a sul do país, no entanto, os

19 AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.72

20 Ver, <http://www.spandd.net/>

21 Ver, ECONOMIA E MERCADO, Revista – nº 106, julho 2013, p.26

22 Ver, AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.74

fig. 120

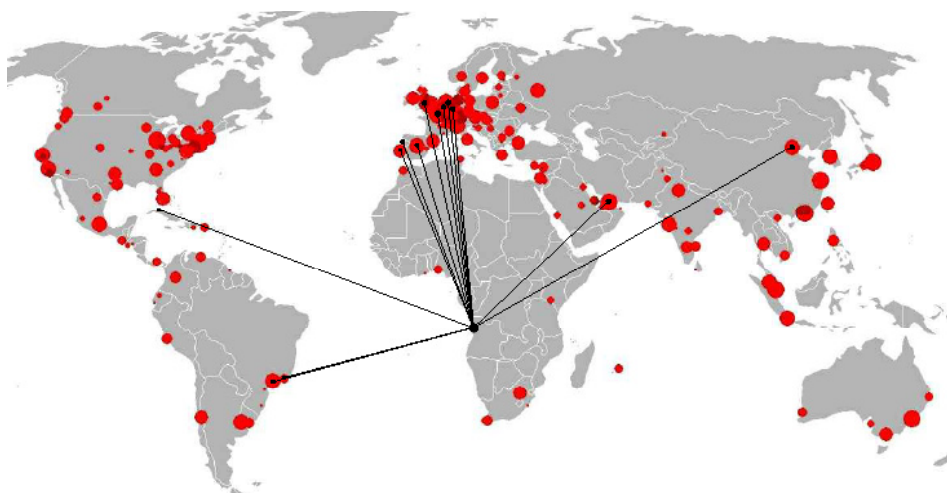


fig. 121



fig. 122



fig. 120 - Do autor: mapa com as cidades globais e as rotas aéreas da TAAG, 2012.

fig. 121 - Web. Vista do Porto de Luanda, e as embarcações fundeadas a espera de atracar.

fig. 122 - Web. Vista do Porto de Luanda e marginal da Baía.

987 km reabilitados não estão ainda operacionais.²³ A TAAG (transportadora aérea angolana) complementa a rede de ligação entre as principais cidades do país. O seu mapa de rotas internas complementa a ligação de Luanda a quinze cidades do norte a sul do país²⁴.

A cidade e o exterior: o transporte aéreo assume as despesas de ligação ao estrangeiro e supera o número de rotas de 1985 (21 cidades). A TAAG estabeleceu no seu mapa de rotas internacionais, a ligação de Luanda a três continentes e 32 cidades. As principais ligações estabelecem-se dentro do continente africano, seguido pelas principais cidades europeias (Lisboa, Porto, Madrid, Paris, Bruxelas, Londres, Frankfurt, Amesterdão), Havana na América Central, Rio de Janeiro e São Paulo na América Latina, Pequim e Dubai na Ásia. As restantes ligações são asseguradas pelas companhias aéreas internacionais, TAAP, British Airways, South African Airways, Air France, Lufthansa, Ethiopian Airlines, Kenya Airways, KLM, Air Namibia, Linhas Aéreas de Moçambique, Brussels Airlines, Iberia e Emirates Airlines.²⁵

Qualidade e frequência do Porto e Aeroporto(s)

Como resultado das crescentes ligações ao exterior, aumenta o número de pessoas e bens em circulação, originando a necessidade de modernizar os espaços portuários e aéreos.

Como foi referido anteriormente²⁶, está em fase de construção o novo aeroporto de Luanda, cuja estrutura terá 160 mil m² com capacidade para acolher 13 milhões de pessoas por ano. Este projecto ultrapassa em escala o actual aeroporto de Luanda, que foi alvo de remodelações em 2010. Actualmente, este cobre uma área de 37.542 km² e tem capacidade para 4 milhões de passageiros por ano, procurando abarcar as 7 chegadas internacionais que se registam por dia.²⁷

Pelas mesmas razões, o Porto de Luanda (o maior do país) tem sido sujeito a inves-

23 Id., Ibid.

24 Ver, AUSTRAL, Revista de Bordo – Julho/Agosto, nº98, 2013, p.28

25 Ver, AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.72

26 Ver, tópico 2.2.4 Uma visão urbana do espaço

27 Ver, AfDB – Angola, *Perfil do Sector Privado do País*, 2012, p.72

timentos para a sua reabilitação, com o intuito de reduzir os congestionamentos causados pelo aumento do tráfego marítimo, melhorando a sua competitividade e eficiência. Sendo este porto responsável por 80%²⁸ das importações do país, isto justifica a passagem de 4.971 navios em 2009, movimentando 9 milhões de toneladas de carga (alimentar, industrial, energética, etc.).²⁹ Contudo, os atrasos prolongados e o desempenho precário contribuem para o aumento de barcos fundeados na baía de Luanda a espera de efectuar as descargas dos contentores, que demoram em média 12 dias, inflacionando os custos de importação, e dos produtos quando comercializados.

28 Id., Ibid., p.75

29 Id., Ibid.



Reflexões

Finalmente, nunca chegaram a conseguir pensar a igualdade face ao alojamento senão sob a forma de indiferenciação total, não podendo o homem ter-lhe acesso senão sob o aspecto de um homem standard inserido numa arquitectura standard.

Daniel Pinson – *Arquitectura e Modernidade*

fig. 126

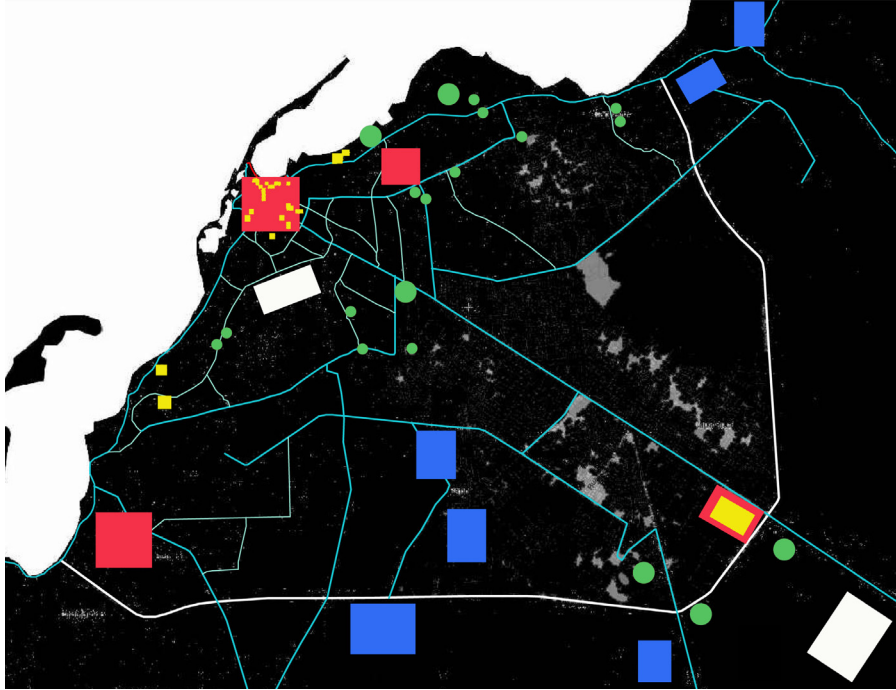


fig. 127

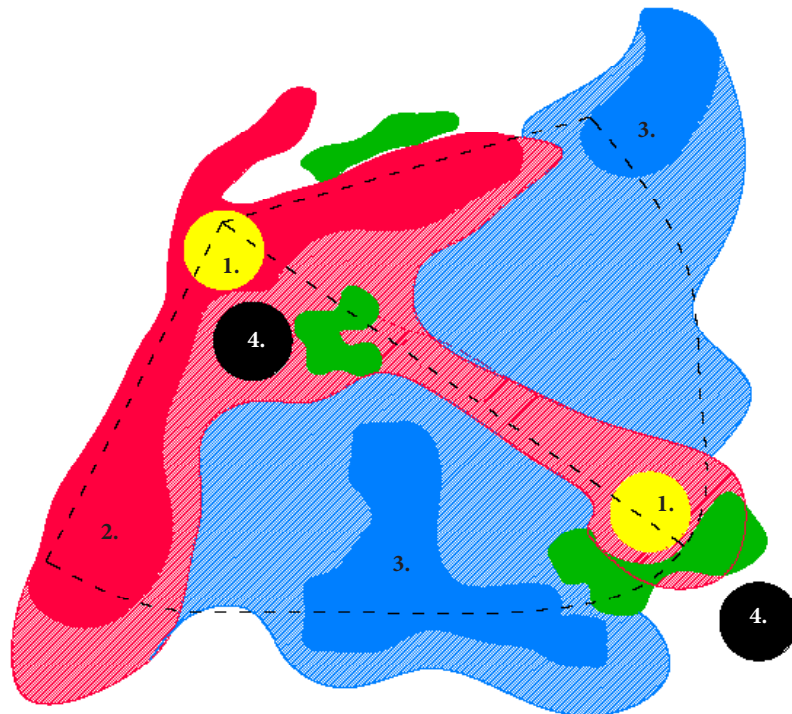


fig. 126 - Do autor: mapa síntese da análise: *amarelo* - polos financeiros, *azul* - habitação média/baixa, *vermelho* - habitação média/alta, *verde* - indústria, *branco* - aeroporto
fig. 127 - Do autor: mapa de zoneamento especulativo: 1. centro financeiro, 2. habitação de alta renda, 3. habitação de baixa renda, 4. aeroporto

Luanda, Uma cidade global?

Esta pergunta lançada como mote para a dissertação, teve logo á partida uma resposta óbvia, que, no entanto, não me impediu de explorar os meandros da realidade em causa, pois o interesse estava em perceber o posicionamento da cidade segundo um contexto teórico, e se a cidade-global evidencia-se como a perspectiva contemporânea, de âmbito social e geográfico, mais relevante para entender as transformações que ocorrem nos assentamentos humanos, tornar essa questão “palpável”, tornou-se um desafio aliciante.

Luanda não é uma cidade global!

No entanto, parece evidente que Luanda está a preparar-se urbanística e socialmente (principalmente na esfera da sua economia nacional) para absorver, ou deixar-se absorver pela rede de conexões globais que parecem ditar o rumo financeiro do planeta. Como já foi observado em São Paulo, este rumo financeiro é o palco onde decorre o espectáculo das grandes transformações que ocorrem na cidade, escondendo no seu pano de fundo uma outra realidade sobre os verdadeiros interesses e monopólios que se criam no acto de fazer cidade, cujo exercício de dissertar sobre este tema, foi a hipótese de, timidamente, espreitar os bastidores desse show financeiro e imobiliário.

Neste sentido, e com base no mapa especulativo da página 124, arrisco-me a considerar que futuramente Luanda terá no seu zoneamento urbano, a clara divisão das classes sociais que caracteriza a cidade-global, e a constituição de centros financeiros como dinamizadores da economia. A possível diferença (em relação as cidades globais dos países mais desenvolvidos) é a constituição da sua classe média. Com a última crise financeira iniciada em 2008, e ainda em repercussão, observa-se a queda da classe média, pela centralização do capital nas elites e pelo aumento da população com baixos recursos financeiros. Em Luanda, contudo, devido ao desenvolvimento tardio do seu sistema social, os próximos tempos parecem indicar a consolidação do “jovem empreendedor” como motor da sociedade, e o corpo central da pirâmide social tenderá a aumentar (no mapa, as manchas vermelhas e azuis mais claras constituem-se como hipótese de assentamento da classe média).

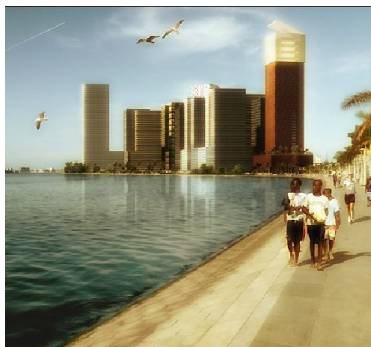
A dinâmica de dispersão que caracteriza a geografia da globalização¹- enquanto mo-

1 A geografia da globalização contém tanto a dinâmica de dispersão como de centralização, esta última, uma condição que só recentemente tem sido reconhecida. SASSEN, Saskia – *The Impact of the New Technologies and Globalization in*

fig. 128



1.



2.



3.



fig. 128 - Web. Projectos para a Av. Marginal (o centro financeiro)

1. O sector financeiro

2. e 3. - Habitação para classe alta

vimento difusor das actividades globais - parece chegar a Luanda no período mais fértil da sua história recente. É o acto de fecundação a que estão sujeitas as cidades emergentes, que no caso de Luanda, carente de infra-estruturas e recursos humanos para ser auto-suficiente, conectar-se ao mundo tornou-se num mecanismo dissimulador dessas insuficiências. Se atendermos que as cidades globais são lugares que - embora localizadas dentro de territórios definidos - estão mais próximas a um espaço virtual global do que o espaço físico nacional, Luanda claramente tem um pé dentro e outro fora, um coração económico que bombeia capital em dois sentidos. Por um lado enquanto suporte ao desenvolvimento do país, por outro enquanto “combustível” de um veículo global que se encontra em marcha. Esta indefinição, ou dualização sobre o posicionamento da cidade no espaço global e/ou local, apenas é garantida por uma “aparente” independência económica do Estado perante a perseverança internacional. Digo aparente, pois na realidade existe um “estado” dentro do Estado, que coordena, por ordem de influências e interesses, o caminho do país. O feto está em formação.

Assim, as reflexões provocadas pelo exercício de dissertar, apenas nasceram para *habitar um instante, e (...) só o instante seguinte dirá se merecem manter-se ou ir preencher mais uma página dum tranquilo Livro de Memórias.*²

A arquitectura e urbanismo, instrumentos da acção globalizante

Percebemos assim, que tanto para São Paulo como para Luanda, o mercado imobiliário é um espaço para a aplicação de capital com rápido retorno e lucro. Sem menosprezar o facto de haver uma larga população a necessitar de habitação condigna, percebemos o porquê do investimento imobiliário na capital angolana fazer-se em grande escala.

Algures na história “recente” da arquitectura, o arquitecto parece ter perdido a cul-

Cities, p. 557 in LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) – *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011, p.556. Traduzido do autor: The geography of globalization contains both a dynamic of dispersal and of centralization, the latter a condition that began receiving recognition only recently.

2 MALHO, Levi – *O Signo de Orfeu, Requiem por uma Estética Insular*, Edições Afrontamento, Porto, 1984, p.24

tura crítica de transformar o espaço, de lhe atribuir um critério humano para o *habitar* humano. É certo que as transformações tecnológicas tornaram possível uma maior proximidade entre os indivíduos e entre sociedades, no entanto, para a produção de projecto, esta alienou a imagem real do utente, substituindo-o por um alguém abstracto, consumidor acrítico de espaço. Parece ser uma tendência natural dos nossos tempos, desvirtuar a cultura do criar, enquanto uma extensão do *ser*, por uma cultura de negociar, enquanto forma de *se ter*. Dessa inerte subversão, a arquitectura e o urbanismo tornaram-se reféns de uma tendência global para vender imagens utópicas do habitar, a casa ou a cidade, como se estas fossem um molde para o ser humano, quando na verdade o inverso seria o verso natural.

Tomemos o urbanismo, por um instante, para perceber o planeamento e controlo do espaço urbano conduzido pela lógica pragmática *Top-Down*³ que, no caso de Luanda, parece materializar essa alienação entre planeador e habitante. Esse modo de execução apresenta-se limitado a uma observação artificial sobre a realidade terrena, ausente de uma postura que inclua o indivíduo e/ou comunidades na tomada de decisão sobre o projecto, tornando-se por vezes obsoleta quando incapaz, pela sua natureza mecânica, de prever o crescimento da cidade enquanto natureza orgânica, perpetuando respostas superficiais ao desígnio humano.

Do mesmo modo, a arquitectura enquanto ferramenta complementar da forma urbana, está subordinada a esta atitude de planeamento, geradora de uma contínua exclusão social. Seja pelas auto-estradas, dilaceradoras do tecido urbano, são causa e consequência da aceleração produzida no espaço por uma sociedade em consumo de tempo. Evidencia-se como a morte da rua tradicional, em prol de uma cidade altamente motorizada que procura relacionar as sucessivas centralidades espalhadas pela periferia. Se é certo que esta estrutura é indispensável para vencer os problemas provocados pela acção *Top-Down*, irrevogavelmente ela estipula um estilo de vida específico que isola o indivíduo a três habitáculos: a casa, o carro e o espaço de trabalho, numa *maneira de ser individualista e competitiva, violenta e anti-social*⁴, ampliando o atrito provado entre o corpo do veículo e o corpo do caminhante, o fato e gravata da roupa do corpo, a casa de luxo do estrado de papelão.

3 Perspectiva de planeamento que se inicia da grande escala para a pequena escala.

4 MONTANER, Josep Maria - *Arquitectura y Política: ensayos para mundos*, Barcelona, Gustavo Gili, 2011, 117. Traduzido do autor: *una manera de ser individualista y competitiva, violenta e insolidaria*.

Esta lógica subversiva de fazer cidade, apagando o passado, definindo o presente e comprometendo o futuro da sociedade, encerra nestas acções um compromisso para com a identidade da mesma. Não mais o centro histórico tem o seu valor quando transformado em centro económico, ausente de memória colectiva, vestido de ficção sobre o moderno, dissimulando a forte diversidade cultural por uma *homogeneidade social estéril*.⁵ E a nova periferia, é somente o reflexo de uma expansão física da identidade estrangeira á tradição Luandense, cujo futuro certamente nos dirá, em quantos fragmentos de cidade existirá Luanda e sua sociedade.

5 Id., Ibid. 118 Traduzido do autor: (...) *homogeneidade social estéril*.

Bibliografia

Monografias:

AMARAL, Ilídio – *Luanda e os seus “musseques”, Problemas de Geografia Urbana*, Finis-terra, Lisboa, 1983

AMENDOLA, Giandomenico – *La Ciudad Postmoderna*, Celeste Ediciones, Madrid, 2000

BETTENCOURT, Andrea – *Os Musseques de Luanda*, FAUTL, Lisboa, 2011

COSTA, Vasco Vieira - *Luanda, Plano Para a Cidade Satélite nº3*, Escola Superior de Belas Artes do Porto – Curso de Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, Porto, 1984

DEVELOPMENT WORKSHOP – *Terra, reforma sobre a terra urbana em Angola no período pós-guerra: pesquisa, advocacia e políticas de desenvolvimento*, Development Workshop, Luanda, nº6

DRUCKER, Peter – *Sociedade pós capitalista*, actual editora, Lisboa, 3ªedição, 2007

FERRAZ, Susana - *Espaço Público de Luanda*, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2005

FERNANDES, José Manuel - *Geração Africana, arquitectura e cidades em Angola e Moçambique 1925-1975*, Livros Horizonte, 2002

FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela - *Angola no século XIX_ cidades, território e arquitecturas*, Printer Portuguesa, 2006

FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela - *Angola no século XX_ cidades, território e arquitecturas 1925-1975*, Printer Portuguesa, 2010

FORTUNA, Carlos - *Cidade, cultura e globalização*, Celta, Oeiras, 1997

HENRIQUES, Isabel Castro - *Percursos da Modernidade em Angola, Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Insti-

tuto de Cooperação Portuguesa, Lisboa, 1997

KOOLHAAS, Rem - *Nova York Delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*, Gustavo Gili, Barcelona, 2008

KOOLHAAS, Rem - *Mutaciones, Project on the City*, ACTAR, Barcelona, [199?]

LAMAS, José - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Caloust e Gulbenkian, Lisboa, 2011

LeGATES, Richard (ed.); STOUT, Frederic (ed.) - *The City Reader*, Fifth Edition, Routledge, New York, 2011

MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês - *Moderno Tropical*, Tinta-da-China, Lisboa, 2009

MALHO, Levi - *O Signo de Orfeu, Requiem por uma Estética Insular*, Edições Afrontamento, Porto, 1984

MARQUES, Walter - *Problemas do Desenvolvimento de Angola, A) Estrutura Social*, Junta de Desenvolvimento Industrial, Luanda, 1965

MARQUES, Walter - *Problemas do Desenvolvimento de Angola, B) Estrutura Económica*, Junta de Desenvolvimento Industrial, Luanda, 1965

PEPETELA - *Luandando*, Elf Aquitaine Angola, Porto, 1990

PINSON, Daniel - *Arquitetura e Modernidade*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996

PRADO, Roberto; MARTÍ, Paz - *La modernidade Ignorada, arquitectura moderna de luanda*, Universidade de Alcalá, Alcalá de Henares, 2011

SILVANO, Filomena - *Antropologia do espaço: uma introdução*, Celta, Lisboa, 2007

VÁZQUEZ, Carlos García - *Ciudade Hojaldre, visiones urbanas del siglo XXI*, Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004

Artigos:

AfDB – *Angola, Perfil do Sector Privado do País*, 2012

AUSTRAL, Revista de Bordo – nº 98, Julho/Agosto, 2013

ECONOMIA E MERCADO, Revista – nº 106, julho 2013

EXAME, Revista – *Filda, 30 anos de sucesso*, nº 39, Julho 2013

FERRAZ, Susana – *Compreender o Espaço Público Para Requalificar a Cidade – Luanda*

FERREIRA, João Sette – *São Paulo, o mito da cidade-global: ideologia e mercado na produção da cidade*, in VIº Seminário Internacional de Desarrollo Urbano, Unidad Temática de Desarrollo Urbano de la Red de Mercociudades

INSTITUT, Goethe - *Reportagens Imagens Conversas, a revista do Goethe-Institut: Luanda Brilha! Angola em Movimento*, Goethe-Institut, Munique, 2012

NZATUZOLA, João Baptista - *Crescimento da População em Angola: Um olhar sobre a situação e dinâmica populacional da cidade de Luanda*, Artigo nº3

NU – *A Carta Internacional dos Direitos Humanos*, Ficha Informativa nº2, 1995/2004

CEM/CEBRAP/EMURB – *Caminhos para o centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo*, São Paulo, 2004

SASSEN, Saskia - *The Global City: Introducing a Concept*, in *The Brown Journal of World Affairs*, 2005

SOJA, Edward W. - *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*, Blackwell Pub-

lishers, Oxford, 2000

BAfD/OCDE - *Angola, Perspectivas Económicas em África*, 2005

BAfD/OCDE - *Angola, Perspectivas Económicas em África*, 2012

VIDAIMOBILIÁRIA - *Dossier Novas Centralidades de Angola*, edição nº2

VIDAIMOBILIÁRIA - *Dossier Novas Centralidades de Angola*, edição nº4

LOPES, Carlos – *Luanda, Cidade Informal? Estudo de caso sobre o bairro Rocha Pinto*, CEA, ISCTE, Lisboa, 1999

Multimédia:

BRENNER, Neil - *The Urbanization Question, or, the Field Formerly Known as Urban Studies*, The Harvard GSD, Youtube

EASTERLING, Keller - *The Space in Which We're Swimming*, TEDxYale, Youtube

KHRISNAMURTI, J. – *Khrisnamurti in Dialogue, Khrisnamurti and Jonas Salk*, Youtube

MONSIVAIS, Carlos – *Los Rituales del Caos*, Youtube

SASSEN, Saskia – *Movimientos Ciudadanos*, Foro de las Ciudades 2012, Youtube

Crédito de Imagens

fig. 1 - Web. Rotas e escalas de comércio do mediterrâneo, século XIII - <http://severimimagens.no.sapo.pt/idademedia/maparotas.jpg>

fig.2 - Web. Circuito comercial do Atlântico a partir do século XV - http://www.asmcompetition.com/storage/ARTSTOR_103_41822000179299.jpg?__SQUARESPACE_CACHEVERSION=123828803896

fig. 3 - Web. The Saint-Lazare Train Station (1877), Claude Monet - http://impressionist1877.tripod.com/Monet_St._Lazare_Station_Paris.jpg

fig. 4 - Web. Esquema baseado no filme Metropolis (1927), estratificação da cidade por classes sociais, e a maquinaria como elemento de articulação das duas classes: capitalista e trabalhadora - - <http://socks-studio.com/img/blog/metropolis-00-05.jpg>

fig. 5- Web. A Cidade Industrial (1918), Tony Garnier. As primeiras impressões sobre a necessidade de articular as novas funções urbanas na cidade - - [http://3.bp.blogspot.com/-VPZZGLrSKzE/USoWdsbtS_I/AAAAAAAAAOc/z7y-Pmp-2C3o/s1600/Imagem+\(311\).jpg](http://3.bp.blogspot.com/-VPZZGLrSKzE/USoWdsbtS_I/AAAAAAAAAOc/z7y-Pmp-2C3o/s1600/Imagem+(311).jpg)

fig. 6 - Web. Cartoon, a multinacional americana e precarização do trabalhador americano pela exploração laboral fora dos limites nacionais - <http://unfinished-script.files.wordpress.com/2011/04/free-trade20cartoon.jpg?w=467&h=343>

fig. 7 - Web. Cartoon, o jogo de poder das principais entidades produtoras - <http://collapseofindustrialcivilization.files.wordpress.com/2012/06/multinational-corporations1.jpg>

fig. 8 - Web. Rotas marítimas anuais - http://blog.izilwane.org/wp-content/uploads/2012/07/1280px-Shipping_routes_red_black.png

fig. 9 - Web. Rede de transportes global - <http://globaia.org/en/anthropocene/gts.jpg>

fig. 10 - Web. Sistema de cabos de fibra óptica - <http://infothread.org/Internet/Global%20Lit%20Submarine%20cable%20capacity.jpg>

fig. X - Web. Gráfico que relaciona o crescimento da população urbana, em paralelo com a maior utilização dos instrumentos “urbanos” (veículo, telemóvel) e as atividades globais (turismo e investimento estrangeiro) - http://globaia.org/en/anthropocene/the_anthropocene_igbp_globaia.jpg

fig. 12 e 13 - Web. Centro financeiro de Frankfurt - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Frankfurt_am_Main_from_a_plane.jpg, e, http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9d/Frankfurt_Am_Main-Stadtansicht_von_der_Deutschherrnbruecke_zu_Beginn_der_Abenddaemmerung.jpg

fig. 14 - Web. Planta esquemática da centralidade financeira de La Défense - - <http://www.doomsteaddiner.net/blog/wp-content/uploads/2013/02/Globalization1.png>

fig. 15 - Web. Panorâmica de La Défense, Paris, vista Sul – Norte - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/83/Panorama_La_D%C3%A9fense.jpg

fig. 16 - Wikimapia. Vista aérea de Paris. Azul - La Défense, Laranja - Torre Eiffel

fig. 17 - Do autor: Mancha Urbana de São Paulo e Luanda

fig. 18 - Web. Capitalização em Bolsa. Média calculada sobre 24 meses entre o final de 2005 e o final de 2007.

Somente os valores superiores a 1 bilhão de dólares estão representados - - <http://profwladimir.blogspot.pt/2012/02/as-redes-geograficas-texto-e-mapas.html>

fig. 19 - Web. Av. Paulista, 1935 - <http://designinnova.blogspot.pt/2011/12/avenida-paulista-120-anos.html>

fig. 20 - Web. Av. Paulista actual - - <http://www.carolinaaugusta.com.br/wp-content/uploads/2013/01/CA-WL-paulista-001.jpg>

fig. 21 - Google maps: Assentamento urbano de São Paulo -

fig. 22 - Google maps, pormenor: 1. Paraisópolis, 2. Marginal Pinheiros, 3. Av. Paulista.

fig. 23 - Web. Marginal Pinheiros, vista aérea - http://i17.photobucket.com/albums/b91/latinohunk/9nove/IMG_7349.jpg

fig. 24 - Web. Marginal Pinheiros, vista de pormenor - <http://www.sampaonline.com.br/postais/marginalpinheiros2006out22espigoes.jpg>

fig. 25 - Web. Projecto da nova centralidade financeira. 5 torres corporativas, 1 torre comercial, hotel e shopping, 2 edifícios residenciais e praça integrada num parque linear - <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1475761>

fig. 26 - Google maps, pormenor: 1. Paraisópolis, 2. centro financeiro Marginal Pinheiros, 3. Nova centralidade financeira.

fig. 27 - Web. Paraisópolis e o centro financeiro de Marginal Pinheiros - http://www.imagens.usp.br/wp-content/uploads/Morumbi_-Favela-Paraisopolis-209-07-jm197.jpeg

fig. 28 - Web. Panorâmica de Luanda, 1884 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b0/Panoramic_view_of_Luanda,_1884.jpg

fig. 29 - Gravura, século XVII. Vista da orla da Baía de Luanda - Era uma Vez... Angola, Paulo Salvador

fig. 30 - Planta da cidade de 1647. Cidade Baixa e parte da Cidade Alta com a Fortaleza S. Miguel mais a Norte - Era uma Vez... Angola, Paulo Salvador

fig. 31 - Gravura, 1816. Cidade Baixa vista da Fortaleza S. Miguel - Era uma Vez...

Angola, Paulo Salvador

fig. 32 - Gravura, 1883. Cidade Baixa vista da Cidade Alta - Era uma Vez...Angola, Paulo Salvador

fig. 33 - Gravura, 1890. Aglomerado de musseque e sobrados da Cidade Baixa - Era uma Vez...Angola, Paulo Salvador

fig. 34 - Fotografia do autor. Planta de Luanda na 1ª metade do século XIX

fig. 35 - Fotografia do autor. Planta de Luanda na 2ª metade do século XIX - FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela - Angola no século XIX_ cidades, território e arquiteturas, Printer Portuguesa, 2006

fig. 36 - Fotografia do autor. Planta de Luanda no princípio do século XX - FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela - Angola no século XIX_ cidades, território e arquiteturas, Printer Portuguesa, 2006

fig. 37 - Desenvolvimento da cidade satélite nº3, Arq. Vasco Vieira da Costa, com base no Plano Urbano de Etienne de Groer e Moreira da Silva, á direita (1942) - COSTA, Vasco Vieira - Luanda, Plano Para a Cidade Satélite nº3, Escola Superior de Belas Artes do Porto - Curso de Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, Porto, 1984

fig. 38 - Esquema de um assentamento indígena, Arq. Vasco Vieira da Costa - COSTA, Vasco Vieira - Luanda, Plano Para a Cidade Satélite nº3, Escola Superior de Belas Artes do Porto - Curso de Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, Porto, 1984

fig. 39 - Esquema de uma unidade de vizinhança, Arq. Vasco Vieira da Costa, amarelo - zona industrial ; preto - área indígena; o corpo central, centro cívico e residencial- área para a população “civilizada” - COSTA, Vasco Vieira - Luanda, Plano Para a Cidade Satélite nº3, Escola Superior de Belas Artes do Porto - Curso de Arquitectura, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, Porto, 1984

fig. 40 - Avenida dos Combatentes, década de 70 - Litografia Nacional - Porto - Portugal

fig. 41 - Mercado do Kinaxixe, Arq. Vasco Vieira da Costa - <http://www.fotografi-aexadres.blogspot.com> : #15

fig. 42 - Banco Nacional, Arq. Vasco Regaleira - Luanda, Litografia Nacional - Porto - Portugal

fig. 43 - Web. Centro Urbano, Avenida dos Combatentes, 2005, ver fig. 40 - <http://4>.

bp.blogspot.com/_7lEDUX-WuGU/S8XqqD74wyI/AAAAAAAAEJM/ZtfDIIYx-hzU/s1600/Avenida_dos_Combatentes_Luanda.jpg

fig. 44 - Web. Centro urbano, ocupação informal de um edificado - <http://www.off-lusa.blogspot.com>

fig. 45 - Web. Pormenor da fachada do edificado da fig. Anterior - <http://www.off-lusa.blogspot.com>

fig. 46 - Do autor: Plano Urbano de Etienne de Groer e Moreira da Silva (1942), sobreposto ao actual assentamento urbano da cidade.

fig. 47 - Mapa da 1ª divisão dos bairros, 1960: 1. Ingombotas, 2. Maianga, 3. Range - AMARAL, Ilídio - Luanda e os seus “musseques”, Problemas de Geografia Urbana, Finisterra, Lisboa, 1983

fig. 48 - Mapa da 2ª divisão dos bairros, e actual centro urbano, 1970: 1. Ingombotas, 2. Maianga, 3. Rangel, 4. Sambizanga, 5. Unidade de vizinhança do Prenda (ver p.62) – AMARAL, Ilídio - Luanda e os seus “musseques”, Problemas de Geografia Urbana, Finisterra, Lisboa, 1983

fig. 49 - Desenvolvimento das áreas informais no entorno do centro urbano consolidado, 1986 e 2001 respectivamente - DEVELOPMENT WORKSHOP – Terra, reforma sobre a terra urbana em Angola no período pós-guerra: pesquisa, advocacia e políticas de desenvolvimento, Development Workshop, Luanda, nº6

fig. 50- Do autor: os 7 municípios de Luanda: 1. Luanda, 2. Viana, 3. Cazenga, 4. Belas, 5. Cacuaco, 6. Icolo e Bengo, 7. Quissama

fig. 50 - Web. Unidade de vizinhança, nº1 bairro do Prenda , década de 70, Arq. Fernão Lopes Simões de Carvalho (com José Pinto da Cunha e Fernando Alfredo Pereira, 1963-1965) - - http://2.bp.blogspot.com/_PpE-rP0YJMM/R-QN3MGf2hI/AAAAAAAAAGDE/GTcSlQIIFw0/s1600-h/Prenda.jpg

fig. 51 - Google maps: em destaque o bairro do Prenda e actual densidade ocupacional.

fig. 52 - Web. Imagem actual do bairro do Prenda - http://1.bp.blogspot.com/_iMuFEzJUlu0/SZVetrrvE1I/AAAAAAAAAEy0/KrBJZw-QINc/s400/Luanda-Bairro+do+Prenda+e+Catambor.jpg

fig. 53 - Crescimento das cidades angolanas entre 1949-2000 - Development Workshop – Terra, reforma sobre a terra urbana em Angola no período pós-guerra: pesquisa, advocacia e políticas de desenvolvimento, Development Workshop, Luanda, nº6

fig. 54 - Web. Projecção da população por província em 2009 (%) - INE - Índice

Integrado sobre o Bem-Estar da População, 2008/2009

fig. 55 - Web. Chegadas Internacionais – Actuais e Previstas (nº de pessoas) - AfDB – Angola, Perfil do Sector Privado do País, 2012

fig. 56 - Web. Chegadas por Região em 2010 - AfDB – Angola, Perfil do Sector Privado do País, 2012

fig. 57 - Web. Razão de Entrada em 2010 - AfDB – Angola, Perfil do Sector Privado do País, 2012

fig. 58 - Web. Indicadores de Produtividade do Sistema educativo 2001-2009 - Ministério do Planeamento – Objectivo do Desenvolvimento do Milénio 2010,

fig. 59 - Web. Indicadores de Produtividade do Sistema educativo 2000-2015 - Ministério do Planeamento – Objectivo do Desenvolvimento do Milénio 2010,

fig. 60 - Web. Indicadores da Capacidade do Sistema educativo 2007-2009 - Ministério do Planeamento – Objectivo do Desenvolvimento do Milénio 2010

fig. 61 - Web. Emprego no sector mineral (%) - CEIN/UCAN - Relatório económico de Angola 2009

fig. 62 - Do autor: Fotografias da antiga fábrica de bicicletas, Luanda, Arq. Vasco Vieira da Costa

fig. 63 - Web. PIB por sector (%) - Angola, Perfil do Sector Privado do País, 2012

fig. 64 - Web. Mapa mundo da informalidade. Emprego e Pib informal (%) não agrícola (1994-2000) e (1979-1998) - http://www.opais.net/resources/images/exame/edicao_15/informalidade.png

fig. 65 - Evolução da taxa do acesso bancário da população angolana - Revista Economia e Mercado, Julho 2013

fig. 66 - População que detem conta bancária, em cada extracto (%) - Revista Economia e Mercado, Julho 2013

fig. 67 - Web. Antigo Mercado Roque Santeiro, Luanda - http://farm5.staticflickr.com/4012/4704667216_be37675a1e_b.jpg

fig. 68 - Web. Vendedora ambulante - http://1.bp.blogspot.com/-GgQQajWcv_U/TxbVUv9I/AAAAAAAAABY4/gjjOas1_hQ4/s1600/Luanda-5--084.jpg

fig. 69 - Do autor: Clube náutico na Baía de Luanda.

fig. 70 - Web. O actual centro urbano - <http://portugueseindependentnews.com/wp->

content/uploads/2013/06/ngola_luanda04-905x600.jpg

fig. 71 - Cartografia, 1989: Pormenor da malha urbana da cidade baixa

fig. 72 - Cartografia, 1989: Pormenor da malha urbana, município da Samba

fig. 73 - Do autor: Mapa esquemático sobre os 3 anéis de Luanda, 1. cidade formal, 2. cidade informal, 3. nova periferia

fig. 74 - Do autor: mapa

1. Google maps, Luanda Sul - condomínios habitacionais para classe média/alta;

2. Google maps, Zango - sector habitacional para classe média/baixa;

3. Web, ZEE - novo polo industrial. Assinalado a verde as principais indústrias da cidade - <http://commondatastorage.googleapis.com/static.panoramio.com/photos/original/38205158.jpg>

fig. 75 - Do autor: mapa esquemático dos fluxos na cidade, centralização e descentralização.

fig. 76 - Do autor: mapa das principais vias da cidade. Assinalado a laranja o nº médio de deslocamentos por dia/pessoa, por município.

fig. 77 - Web. Via-expresso - <http://www.panoramio.com/photo/35581884>

fig. 78 - Web. Marginal de Luanda - - <http://revistadesignmagazine.com/wp-content/uploads/2013/08/ba2.jpg>

fig. 79 - Web. Nó viário da Fortaleza - http://www.angolabelazebelo.com/wp-content/uploads/2013/03/luanda_nova_marginal_648a9c.png

fig. 80 - Do autor. Área técnica da Marginal

fig. 81 - Do autor. Marginal vista da baía

fig. 82 - Web. Cidade Baixa, antigo palácio D. Ana Joaquina, o maior sobrado da cidade - <http://angolafieldgroup.files.wordpress.com/2010/11/historic-foto2.jpg>

fig. 83 - Web. Réplica do antigo palácio, após demolição do antigo, e actual Tribunal de Luanda - http://2.bp.blogspot.com/_eu5EehnTpA0/S8RxmndIUHI/AAAAAAAAA0k/EaTTg7eehGU/s1600/+OK+-+Pal%C3%A1cio+D.Ana+Joaquina+ac+127.jpg

fig. 84 - Pormenor de fachada, Rádio Nacional de Angola, Arq. Fernão Simões de Carvalho - MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês - Moderno Tropical, Tinta-da-China, Lisboa, 2009

fig. 85 - Web. Edifício da Mutamba, Arq. Vasco Vieira da Costa - - http://4.bp.blogspot.com/-EhU_7LuRo4g/T0pixChvdjI/AAAAAAAAAKw/_GKNVdON-

qVQ/s760/mea.jpg

fig. 86 - Web. Prédio do Livro, Cidade Baixa - <http://luandahistoriadeumaarquitectura.blogspot.pt/>

fig. 87 - Google maps: cidade baixa, localização do bairro da Chicala.

fig. 88 - Web. Chicala vista ao fundo, na base da Fortaleza, e extensão do musseque na Praia do Bispo - http://farm3.staticflickr.com/2040/2308232583_4e73f5ebae_b.jpg

fig. 89 - Web. cidade baixa. Torres da ESCOM - <http://www.ipgul.org/edificacoes.php>

fig. 90 - Web. cidade baixa, Torre Ambiente. T-1 avaliado em aproximadamente 1 milhão de USdollar - <http://www.ipgul.org/edificacoes.php>

fig. 91 - Web. cidade baixa. Edifício da Total - <http://www.ipgul.org/edificacoes.php>

fig. 92 - Web. cidade baixa. Edifício Baía. 42 espaços de escritório, 36 habitações, 3 comerciais - <http://www.ipgul.org/edificacoes.php>

fig. 93 - Pomenor de fachada, periferia, musseque do Capari, unidade plurifamiliar - fotografia da Arq. Margarida Quintã

fig. 94 - Do autor: periferia, estaleiro de obras chinês, centralidade do Cacucaco (CIF, linha de crédito chinesa) -

fig. 95 - Web. periferia a sul, Condomínio Atlântico Sul, e musseque no pano de fundo - http://photos.wikimapia.org/p/00/02/33/62/73_full.jpeg

fig. 96 - Do autor: periferia a norte, centralidade do Panguila.

fig. 97 - Web. O centro urbano visto da Baía de Luanda. Em primeiro plano, a construção da torre ambiente - http://www.audiconata-angola.com/wp-content/uploads/2013/04/Luanda_BW.jpg

fig. 98 - Do autor: Banca do novo mercado Roque Santeiro

fig. 99 - Web. Belas Shopping - <http://wikimapia.org/12360483/Belas-Shopping>

fig. 100 - Do autor: localização dos novos programas urbanos: 1. Hotel e Centro de Convenções de Talatona; 2. antigo mercado Roque Santeiro; 3. Novo mercado do Roque Santeiro (no Panguila); 4. Shopping Kinaxixe; 5. WTC; 6. FILDA; 7. ZEE, polo industrial.

Cada cor está associada ao tipo de programa numerado e descrito acima.

fig. 101 - Web. Antigo mercado do Kinaxixe, Arq. Vasco Vieira da Costa - <http://img411.imageshack.us/img411/2249/29103010.jpg>

fig. 102 - Web. Shopping Kinaxixe em fase de construção - http://i1120.photobucket.com/albums/l500/faustinoa/563792_350631324988543_100001250369106_112445

4_741384902_n.jpg

fig. 103 - Web. Projecto do Shopping Kinaxixe - <http://img714.imageshack.us/img714/3016/53067427.jpg>

fig. 104 - Web. Hotel Talatona - frc1/377485_232523643489970_454374518_n.jpg

fig. 105 - Web. Projecto empresarial para a ZEE - <http://jagarquitectos.pt/jag-09-viana.html>

fig. 106 - Web. WTC, periferia, próximo ao ZEE - <http://www.construir.pt/wp-content/uploads/2011/07/Parkgest-WTC-Luanda.jpg>

fig. 107 - Web FILDA, no sector da cidade informal, estrada de Luanda-Viana - <http://www.ipgul.org/edificacoes.php>

fig. 108 - Do autor: mapa com a localização de algumas das multinacionais mencionadas.

fig. 109 e 110 – Do autor e Web. Edifício sede da Sonangol. A sua fachada, por ser envidraçada e voltada ao quadrante Noroeste (com maior incidência solar no período da tarde), obriga ao funcionamento dos sistemas de ar-condicionado a tempo inteiro. O topo do gaveto é rematado por um painel digital em funcionamento durante a noite. A rede elétrica não é suficiente para alimentar o edifício pelo que, o recurso ao gerador é uma constante - http://photos.wikimapia.org/p/00/00/64/45/64_big.jpg

fig. 111- Web. Quadro estatístico, nº de linhas móveis - <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ao.html>

fig. 112 - Web. Quadro estatístico, nº de servidores de internet - <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ao.html>

fig. 113 - Web. Quadro estatístico, nº de utentes de internet - <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ao.html>

fig. 114 - Web. Desenvolvimento do sistema de fibra óptica conectando Luanda - <http://wiocc.net/regional-maps/> e <http://manypossibilities.net/african-undersea-cables/>

fig. 115 e 116 -Web. Vista da primeira fase, concluída, da Universidade Agostinho Neto, Cidade Universitária - <http://archrecord.construction.com/projects/portfolio/2012/08/images/Universidade-Agostinho-Neto-Perkins-Will-5.jpg>

fig. 117 -Web. Rede ferroviária existente e a tracejado, a futura ampliação. Plano director de Transportes de Luanda, SPandD - http://www.spandd.net/new/images/imagens/portfolios/mobilidadee transportes/spd_mt_014.jpg

. fig. 118 - Web. Rede de transportes marítimos e terrestres previstas - <http://www>.

spandd.net/new/images/imagens/portfolios/mobilidadeetransportes/spd_mt_014.jpg

fig. 119 - Rede ferroviária entre regiões. - AfDB – Angola, Perfil do Sector Privado do País, 2012

fig. 120 - Do autor: mapa com as cidades globais e as rotas aéreas da TAAG, 2012.

fig. 121 - Web. Vista do Porto de Luanda, e as embarcações fundeadas a espera de atracar - <http://www.portaldeangola.com/wp-content/uploads/2012/12/Porto-luanda.jpg>

fig. 122 - Web. Vista do Porto de Luanda e marginal da Baía - : http://www.angola-belazebelo.com/wp-content/uploads/2013/03/luanda_2a406.png

fig. 123 e 124 - Web. Projecto elaborado pela CIF, novo aeroporto internacional de Luanda - <http://www.chinainternationalfund.com/>

fig. 125 - Do autor: 1. Porto de Luanda, 2. Actual Aeroporto 4 de Fevereiro, 3. futuro Aeroporto Internacional de Luanda.

fig. 126 - Do autor: mapa síntese da análise: amarelo - polos financeiros, azul - habitação média/baixa, vermelho - habitação média/alta, verde - indústria, branco - aeroporto

fig. 127 - Do autor: mapa de zoneamento especulativo: 1. centro financeiro, 2. habitação de alta renda, 3. habitação de baixa renda, 4. Aeroporto

fig. 128 - Web. Projectos para a Av. Marginal (o centro financeiro) - <http://www.opais.net/pt/opais/?det=30524>

1. O sector financeiro

2. e 3. - Habitação para classe alta